



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA CULTURAL DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

THALITA MARIANA MOURA RIBEIRO

**“AL PARECER, LA MUJER COMPLETA Y CUMPLIDA ES LA MUJER CASADA”:
CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE OS CORPOS DAS “SENHORAS DO LAR”
EM MANUAIS DE “BOAS MANEIRAS” DO BRASIL E DA COLÔMBIA (1950-1960)**

CAMPINA GRANDE/PB

2018

THALITA MARIANA MOURA RIBEIRO

**“AL PARECER, LA MUJER COMPLETA Y CUMPLIDA ES LA MUJER
CASADA”: CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE OS CORPOS DAS
“SENHORAS DO LAR” EM MANUAIS DE “BOAS MANEIRAS” DO BRASIL
E DA COLÔMBIA (1950-1960)**

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre
em História, no curso de Pós-Graduação
em História/UFCG, Linha de Pesquisa
História Cultural das Práticas
Educativas.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

CAMPINA GRANDE/PB

2018

THALITA MARIANA MOURA RIBEIRO

“AL PARECER, LA MUJER COMPLETA Y CUMPLIDA ES LA MUJER
CASADA”: CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE OS CORPOS DAS
“SENHORAS DO LAR” EM MANUAIS DE “BOAS MANEIRAS” DO BRASIL E
DA COLÔMBIA (1950-1960)

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre
em História, no curso de Pós-Graduação
em História/UFCG, Linha de Pesquisa
História Cultural das Práticas
Educativas.

Área de concentração: História, Cultura
e Sociedade.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (orientador) UFCG/UAHIS/PPGH

Prof. Dr. Matheus Cruz e Zica (examinador interno) UFPB-UFCG/PPGH

Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana (examinador externo) UEPB/NUPEHL

Dedico este texto a Monique Albuquerque Carvalho (*in memoriam*), uma estrela de cabelos ruivos que brilha no céu e deixa saudades. Te amo pra sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradecer exige humildade, é lembrar do trajeto vivido, das emoções, conflitos, encontros e vitórias compartilhadas, assim como também dos momentos difíceis que foram enfrentados em comunhão e são momentos esses pelos quais agradeço imensamente por terem me proporcionado o crescimento enquanto ser humano e historiadora. Não teria sido possível alçar esse trajeto sem primeiramente o apoio e força de Deus em cada um dos meus passos, Ele me concedeu vitórias e me guiou a sobressair nas derrotas.

Em segundo lugar, foi durante o mestrado que vivenciei com mais afinco o valor da família, até então não sabia do quão precioso é ter o apoio dos meus pais e irmão nas minhas escolhas e no meu desenvolvimento, desse modo, agradeço ao meu pai, Carlos Antônio Ribeiro da Silva pelo herói que ele é e sempre será para mim, por ter ouvido minhas histórias, discutido comigo as temáticas da dissertação, me incentivado a desbravar o mundo, desde quando fui a Colômbia pesquisar, como também estudar na PUC-SP, meu pai é o meu maior orgulho e espero ser o orgulho dele também sempre. Agradeço ao meu irmão, Antonio Carlos Moura Ribeiro, por ter passado noites me fazendo companhia enquanto estudava ou transcrevia textos do espanhol, por toda a companhia e zelo, eu não teria dado o primeiro passo se não fosse ele. Agradeço a minha mãe, Marijan Travassos Moura pelo incentivo e por acreditar que eu consigo e nunca devo desistir, foi de suma importância.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro, que me permitiu ir além na minha pesquisa, por meio desse financiamento pude participar de congressos, trocar conhecimentos e participar de debates em outras instituições, fiz pesquisas em outras localidades que contribuíram qualitativamente ao prosseguimento dessa pesquisa, como por exemplo, a viagem a Colômbia, mais especificamente a cidade de Medellín que me proporcionara acesso a arquivos pouco estudados no Brasil. Nesse sentido, em detrimento a pesquisa, agradeço ao arquivo da faculdade Escuela de Administración, Finanzas e Instituto Tecnológico (EAFIT) por ter me proporcionado a experiência mais incrível enquanto historiadora, além do número considerável de fontes disponibilizadas

pela arquivista Maria Isabel Gandica que fomentarão um grande número de estudos futuros que pretendo fazer.

Agradeço também a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por ter me ofertado a oportunidade de estudar em suas instalações, desde o acesso excepcional às disciplinas ministradas, o contato com os docentes e discentes, participação em palestras e demais eventos, acesso à biblioteca de alto padrão, além das inúmeras possibilidades educacionais ofertadas pela cidade de São Paulo, nesse sentido, agradeço ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCRAD) pela experiência profissional que me foi oferecido, acredito que o programa uni as instituições e facilita com que ambas conheçam os focos de pesquisas que estão sendo desenvolvidos e, conseqüentemente, haja uma troca de saberes e experiências.

Agradeço à psicóloga Renata Oliveira do Santos pelo acompanhamento e medicalização da minha saúde durante momentos difíceis dessa trajetória, ela foi essencial para a estabilização do meu bem-estar. Agradeço também a Maxwell Medeiros por ter me ajudado no encontro com os livros que serviriam de aporte teórico para esta pesquisa. Agradeço ao Professor Doutor Alarcon Agra do Ó por ter me apresentado com um dos manuais de condutas que foi estudado nessa pesquisa. Agradeço a minha turma de mestrado pelas trocas emocionadas de experiências de pesquisa e registro aqui meu desejo para que as amizades feitas perdurem por muito tempo.

Em detrimento às amizades, faço menção de agradecimentos a: Monique Albuquerque Carvalho (*in memoriam*), quem me escutava e ria das anedotas vividas durante o estudo, aquela a quem deposito toda a minha saudade; Matheus Vítor, amigo de sempre e pra sempre, que tive o prazer de compartilhar os conhecimentos sobre história da saúde; Stephanie Dianny, querida amiga de curso e da vida, que dividiu emoções e histórias; a Rubens Melo amigo querido que me estimulava a continuar persistindo e Matheus Ramalho, amigo também proporcionado pelo curso e que levarei para a vida, que sempre acreditou em mim. Agradeço também a Jéssica Procópio, Jocélio Procópio, Lays Teixeira, Thiago Kramer e Matheus Lino pelo companheirismo e risadas compartilhadas que muito aliviaram as tensões.

Meus sinceros agradecimentos a banca de qualificação, que por meio dos apontamentos prestados me forneceram um caminho a seguir e melhorar a pesquisa. Por fim, não menos importante, agradeço ao meu orientador Iranilson Buriti de Oliveira pela esperança e fé depositados, por não desistir de mim, por acreditar no meu potencial, me ajudar em diversos aspectos em todo o trajeto, ele provou mais uma vez o ser humano excepcional que é, um exímio cavalheiro portador de altruísmo e boa vontade. Aquele com quem compartilhei das boas maneiras e fiz dela discurso e prática.

RESUMO

Em manuais de condutas escritos nas décadas de 1950 e 1960 e disseminados no Brasil e na Colômbia e relançados nos anos subsequentes pelas suas respectivas editoras, eram estipuladas normas de condutas geralmente pensadas para perpetuar o que era compreendido por bons hábitos pelos seus autores em busca da modernização do corpo feminino, aqui nesta pesquisa objetivamos pensar três manuais de condutas brasileiros e uma revista feminina colombiana, sendo respectivamente “Aprenda as Boas Maneiras” escrito por Dora Maria (1961), “Tudo o que uma dona de casa deve saber” de Vera Sterblitch (1958), “Boas maneiras e outras maneiras” de José Tavares de Miranda (1965), enquanto que a revista se denomina “Gloria” pela Fabricato (1946-1952). Nas fontes analisaremos como foram desenhadas normas em referência à beleza feminina, ao casamento e à conduta materna e, dessa forma, pensar o que era compreendido como senhora do lar ideal e de que modo eram representadas as normas. Nesse contexto, a senhora apreendia conceitos sobre si e sobre sua função na manutenção do lar e no cuidado para com a família. As funções que exerce naquele espaço são levados em consideração, sobre a metodologia de dicas e conselhos, o lar assume novas perspectivas, muito aquém de mera habitação, o espaço é lido como um campo de experiências e nessa forma de leitura em detrimento à pesquisa historiográfica a senhora assume papel de protagonista. Para tanto, utilizaremos metodologicamente o conceito de análise de discurso das fontes desenvolvido por Michel Foucault, pois este compreende o discurso como prática, como uma produção em curso no meio das relações de interesse e poder entre os seres viventes no ambiente doméstico, que corrobora com o desenvolvimento do ambiente público, pois uma família feliz, segundo a literatura de normalidade, é aquela que segue as normas e, conseqüentemente, são cidadãos mais produtivos para a perpetuação do prosseguimento moderno das Nações.

Palavras-Chave: Manuais de Conduta; Brasil; Colômbia; Feminino.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Relação entre a mortalidade infantil de 1950 a 1955 e 2010 a 2015.....	80
GRÁFICO 2 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade, casadas, segundo o tipo de união Brasil, 1960-95	115
GRÁFICO 3 – Taxa total de fecundidade da Colômbia 1951/2005	115

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Capa Gloria de 1946	95
IMAGEM 2 – 400 años antes de Fabricato	96
IMAGEM 3 – Mulher inteligente	128
IMAGEM 4 – O desdém das emoções alheias	129
IMAGEM 5 – Embelezar-se	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: SILÊNCIO!	28
1.1) SOBRE PREVENIR E CURAR: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO CORPO E DAS DOENÇAS	28
1.2) O CORPO COMO EXPERIMENTO	35
1.3) O CORPO NORMATIZADO: A FORMAÇÃO DO HOMEM MODELO	45
1.4) O CORPO MEDICALIZADO: A PRESCRIÇÃO MÉDICA SOBRE AS CONDUTAS FEMININAS	58
CAPÍTULO 2: EDUCA-TE!.....	62
2.1) AS NAÇÕES PRECISA(VA)M DAS MÃES	62
2.2) ANOS DOURADOS/LA VIOLENCIA	75
2.3) OS ESPAÇOS DA SENHORA DO LAR	88
CAPÍTULO 3: UNI-VOS!	99
3.1) CELEBRA-SE A UNIÃO: OS PAPÉIS DE GÊNERO	99
3.2) BELEZA INTELIGENTE	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	139

INTRODUÇÃO

Essa é uma história que teve seu início, assim como muitas histórias descobertas por diversos historiadores, em um arquivo. Temos como fontes para a produção e análise do que será contado nas páginas subsequentes revistas femininas e manuais de condutas tanto brasileiros como colombianos. Em relação às fontes brasileiras o primeiro que obtive em mãos é um artefato disponibilizado da minha própria família, advindo do meu pai, que a título de curiosidade, adquirira um manual de conduta, crendo que este texto seria oportuno em sua rotina enquanto administrador. Foi o meu primeiro contato com esta literatura específica, me deparei com os conselhos e normas e percebi que aquele pequeno livrinho, imerso em figuras engraçadas que revelavam o cotidiano de um casal no ambiente do lar ou em situações mais diversas, como eventos sociais e ambientes de trabalho, tem muito a dizer a respeito da historiografia.

O manual de conduta é sinteticamente organizado de maneira uniforme em seus diversos títulos distribuídos pelo Brasil, o que impressiona é que os textos distribuídos pela Colômbia também detinham a mesma formatação, inclusive métodos discursivos semelhantes para aconselhar os leitores. Dessa forma, os manuais de condutas são livretos de aproximadamente 15cm, que contêm geralmente 100 ou mais páginas, com riqueza em detalhes que de forma minuciosa poderia chamar a atenção de uma possível leitor, a capa geralmente é dotada por elementos que chamem a atenção de seu público-alvo: as mulheres, nesse caso, geralmente ornamentavam-se as capas com representações em desenho de mulheres consideradas por essa literatura como belas, sendo elas brancas, magras e maquiadas, ou seja, a formação de normalidades em detrimento a padrões já começam pela capa.

Pois, a história das boas maneiras detém rastros deixados ao longo do tempo, tendo em vista que em todas as sociedades, independente do período a qual elas tenham feito ou fazem parte, fomentaram-se códigos comportamentais vivenciados individualmente ou entre grupos. Por conseguinte, “para cada época a sociedade estabelece instrumentos de condicionamento dos indivíduos que criam modelos que refletem suas próprias ideias de moralidade, de delicadeza e de polidez (PILLA, 2204,

p. 7)”. Internalizam-se e subjetivam-se códigos disseminados e vivenciados pelos povos subsequentes assumindo seus próprios traços de acordo com a época que fazem parte.

Desde meados do século XIX, com o desenvolvimento da popularização do livro, prática cultural trazida da Europa em uma época cuja tendência era copiar o que vinha de fora, pois na tradição popular acreditava-se que era chique tudo o que fosse relacionado aos países para além do Atlântico; romances, obras de poesia e tratados acadêmicos enchiam as prateleiras das livrarias, além disso, pequenos folhetos e manuais inseriam-se nessas novas tendências. Nesses livros apresentavam-se novos ofícios, receitas, maneiras de se comportar, técnicas para uma boa apresentação socialmente, códigos para comportamentos requisitados enquanto secretos e ensinamentos diversos.

Conseqüentemente, detendo o conhecimento a respeito da história das boas maneiras e dos manuais de condutas, tive acesso a um segundo manual que fora obtido em um sebo¹, nele pude perceber durante a feitura da leitura que certas condutas lá exemplificadas e aconselhadas são mantidas até hoje. Por exemplo, no manual “Aprenda as Boas Maneiras” de Dora Maria há uma observação quanto ao horário estipulado para uso do telefone, neste quesito, em minha vida pessoal, fui educada a ligar para as pessoas somente depois das 8 horas da manhã e até as 21 horas da noite. Enquanto que no manual aconselha-se algo bastante próximo à conduta que fui educada, que diz que “antes das oito da manhã e depois das vinte e duas horas, a não ser em casos especiais, não incomode ninguém.” (1961, p. 15)

Através da percepção das rupturas e permanências ao longo da história referente às normas de condutas que costumeiramente eram ensinadas em manuais ou reproduzidas por meio da interação social ou sob outras formas de disseminação, passei a questionar essa história, assumiram inquietações em meus pensamentos. Logo, passei a frequentar assiduamente “ambientes do velho”, tanto sebos, como arquivos, como bibliotecas, em busca de outros manuais que corroborassem com minha pesquisa.

¹ Admito que atualmente é mais fácil encontrar este tipo de texto nesses ambientes que guardam para a venda o que se é muitas vezes considerado velho, o que fora escrito no passado, mas que tem bastante significado no presente, digo isso ao pensar nas permanências e rupturas.

Nesse mesmo período, fiz parte de diversos projetos de pesquisa na Graduação em História na Universidade Federal de Campina Grande, dentre os quais tive acesso a textos que elucidavam a questão da saúde colombiana, tendo em vista que eram fontes advindas da Colômbia, eram textos que me chamaram atenção, primeiramente pela sua semelhança para com a história da saúde brasileira, segundo porque se tratava de uma temática peculiar que na época eu ainda não sabia como mas já percebia que poderia muito ter a ver com a temática que me interessava em estudar: as boas maneiras.

Estava certa, boas maneiras e saúde estiveram juntas no limiar da escrita da história, das vivências e do saborear dos conflitos e tensões presentes nela. Com o avanço das pesquisas e leituras a respeito das boas maneiras, pude observar que certos códigos comportamentais elegidos por essa literatura correspondem a certas normas estipuladas pela medicina, principalmente veiculados pela instrumentalização advinda por meio da medicalização.

Neste sentido, estando eu interessada pela história da saúde atrelada à ideia das boas maneiras, comecei a pesquisar a respeito das temáticas, do que já fora escrito até então sobre isso, no entanto, estava aberta a pensar apenas ao que cabia essa relação entre boas maneiras e história da saúde ao que concerne ao território brasileiro, mesmo sabendo que haveria a possibilidade de inserir a Colômbia nisto, mas não tinha acesso às fontes necessárias.

Até que ocorreu a oportunidade. Fui à Medellín, cidade localizada no noroeste da Colômbia, um dos maiores polos tanto turísticos como econômicos da região, cidade que pelo que pude perceber, detém um cuidado grandioso quanto às questões referentes a saúde e educação, e essas são as impressões de uma turista emocionada e apaixonada pelo que viu. Lá, tive a oportunidade de visitar alguns arquivos, e mais especificamente fora no arquivo do Centro Cultural Biblioteca Luis Echavarría Villegas, da Faculdade Escuela de Administración, Finanzas e Instituto Tecnológico (EAFIT) que tive acesso a diversos manuais de condutas e revistas colombianas, nesse conjunto de experiências, afetividades, sensibilidades, trocas de conhecimentos que ganhara corpo a pesquisa desenvolvida neste texto.

Para cada experiência vivenciada em espaços arquivísticos, novos conhecimentos pude adquirir e novas sensibilidades também. Digo isto, pois, a minha

primeira experiência, fora em um arquivo abandonado no Brasil, em situação de deterioração, cujas inúmeras fontes estavam se perdendo, os profissionais responsáveis por esse arquivo em especial não tinham as qualificações necessárias e exigidas para tanto, não sabiam quais procedimentos tomar para que tamanhos danos não ocorressem, em suma a ideia de espaço arquivístico para mim era bastante específica, baseada em uma experiência. Depois estive em arquivos mais organizados, com profissionais capacitados cuidando das inúmeras fontes as quais são responsáveis, para cada local desses pude perceber certas nuances, algumas vezes localizadas nas políticas internas dos estabelecimentos ou nas medidas adotadas pelos próprios funcionários.

A respeito da experiência em arquivo na Colômbia, defino como a melhor que já tive. O arquivo da EAFIT em especial, trata-se de um espaço moderno, arejado, organizado e que dispõe de todo um arsenal material de fácil acesso para quem precisar recorrê-lo. Todo o espaço da biblioteca/arquivo fora pensado para atrair os corpos concentradamente em suas fontes. Não há espaços de sociabilidade e convivência entre os corredores, as localidades destinadas às pessoas são de circulação por entre as prateleiras ou nas cadeiras e mesas destinadas ao estudo. É um lugar cuja arquitetura é agradável ao ponto de instigar o pesquisador, fora assim que me senti.

Para além do espaço, falo pela quantidade de fontes que pude encontrar lá, a profissional responsável por aquele espaço, que chama-se Maria Isabel Gandica, pessoa a qual sou muito grata, assim que cheguei ao espaço, imediatamente Isabel buscou uma quantidade enorme de textos que eu pudesse me interessar e foi o que realmente aconteceu, a cada olhar sob cada um daqueles textos, mais descobria sobre o que tinha por intenção pesquisar, mais emoções tomavam conta de mim, foi um momento de puro êxtase e de total encontro.

Neste sentido, obtendo todas as fontes em mãos, comecei a ler os textos tanto brasileiros como colombianos que estavam a minha disposição, aos poucos fora possível perceber certas recorrências nas falas, e foi nesse aspecto que vi a rotina das donas de casa espelhados naqueles documentos, muitos conselhos eram visivelmente difundidos para esse público-alvo. Nesse percurso fui assumindo uma escolha, optei por falar de mulheres, especialmente esse grupo de mulheres, daquelas que zelam pelo lar, buscam ser alicerce para aqueles que com ela residem no espaço doméstico, das que detêm conhecimentos e práticas em detrimento ao ambiente privado, cujos discursos

direcionados a seus corpos, tangem seus corpos, disseminam silêncios, submergem olhares, atenuam docilidades, naturalizam gestos, definem estéticas.

Num gesto de procurar entender como as donas de casa se localizavam nesse espaço de constante transformação, o principal objetivo desta pesquisa é a tentativa de problematizar como revistas femininas e manuais de condutas ligados a um projeto de modernização de corpos ou civilização e produzidos na Colômbia e no Brasil nas décadas de 1950 e 1960 elaboraram práticas educativas de governamentalidade para serem subjetivadas por essas mulheres.

Uma pesquisa nasce muitas vezes de uma dúvida, ou uma inquietação, ou de uma vivência específica de um momento ou de algo pelo qual não se consegue nunca esquecer, por mais que os anos passem, certas memórias se alojam, muito aquém do cérebro, se alojam no coração. Pensar os discursos sobre as donas de casas partiu das minhas próprias experiências vividas, das muitas e muitas vezes que vi os esforços das mulheres que já circularam no meu cotidiano e se empenhavam pelo reconhecimento de seus “dotes” nas suas residências.

Lembro de minhas avós, do zelo com a casa que elas sempre apresentaram, dos lanches que elas sempre tinham a oferecer e do sorriso quando eram elogiadas pelos méritos alçados na manutenção da casa. Desde a infância, na minha mente de criança, minhas avós haviam nascido para serem avós, serem aquilo que elas sempre representaram para mim, não eram mulheres que haviam vivido uma história, pois na minha antiga mente de criança, elas sempre tiveram aqueles traços, aquela imagem, aquele jeito de avó e de dona de casa.

Presente nos arquivos, lendo aqueles textos, lembrava da minha família, do comportamento feminino que aprendi em casa, das regras e normas que foram dissuadidas naquele espaço, quanto mais folheava os manuais e, principalmente, quanto mais percebia as normas presentes nele, mais memórias de minha infância com as minhas avós me acometiam. Lembrava dos ensinamentos na cozinha, das tentativas frustradas de vovó Mercês de me ensinar corte e costura, e do meu pouco interesse sobre o assunto, lembrava das muitas vezes que cheguei na casa de vovó Maria e ela, estava estendendo roupa no varal, comentava certos conselhos sobre o trato da casa que ali naquele gesto dela, partiam.

Logo, vieram a mim certas inquietações referentes à normalização daqueles gestos rotineiros das minhas avós, que eram também representados nas normas presentes nos manuais de boas maneiras, do quanto para mim aquilo sempre fora comum, habitual, porque eu havia sido criada e instruída para subjetivar que aqueles papéis que elas desempenhavam eram ideais para a figura feminina.

Discursos foram e são frequentemente construídos sobre os corpos, na perspectiva de alcançar um ideal, de moldá-los sob uma perspectiva que muitas vezes advém de segmentos estatais, midiáticos, religiosos, enfim, geralmente fomentados por um jogo de interesses. No Brasil, a década de 1950 até meados da primeira parte da década de 1960 foram consagrados como Anos Dourados, devido a um crescente movimento de desenvolvimento urbano e industrial pelo qual a sociedade brasileira vivenciava (principalmente para aquelas sociedades localizadas em grandes centros urbanos)².

Movimento semelhante vivenciava o povo colombiano em prol de modernizar-se. Tendo em vista que na década de 1950 tomaram força naquele espaço certas indústrias têxteis, de borracha e siderúrgicas. O sistema taylorista, cuja atuação nessas indústrias intencionava grandes níveis de produtividade e eficiência, posteriormente, na década de 60, esse movimento tomou ainda maior proporção, tendo em vista que o capital estrangeiro referente ao crescimento industrial paulatinamente tornava-se dominante³.

Cujo período também fora palco para o “La violencia” (1948-1960), que de forma geral é conhecido pela historiografia colombiana como um conflito partidário entre Liberais e Conservadores que causou um contingente enorme de mortes. Nesse período a Colômbia vivenciou o “Las Vacas Gordas” (1946-1953) que foi um *boom*

² Para saber mais, indico a leitura de PINSKY, C. B. Mulheres dos anos dourados. São Paulo: Contexto, 2014.

³ Para saber mais, indico BUSHNELL, David. Colombia Una Nación a Pesae de Si Misma: De los tiempos precolombinos a nuestros días. Traducción de Claudia Montilla V. Bogotá: Editorial Planeta, 1994. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/157129450/Colombia-Una-Nacion-a-Pesar-de-Si-Misma-de-Los-Tiempos-Precolombinos-a-Nuestros-Dias-David-Bushnell>>. Acesso em: 21/10/2016.

econômico associado à forte ligação com o governo norte-americano, como também vivenciou a “La Dictadura” do governo de Rojas Pinilla cuja decadência do setor agropecuário causou muitos conflitos e reivindicações sociais, e um posterior período denominado “El Frente Nacional” (1958-1978).

A época, marcada por tensões, foi palco para novos cenários, para novas falas e novos personagens, como assim sugeriria a mídia e os governos de ambos os países com intenções visivelmente progressistas. Desta forma, homens e mulheres da época em ambos os países viam-se rodeados de novos discursos e conceitos, novas vivências e novas possibilidades frequentemente representadas pelos meios de comunicação e também pelos manuais de condutas.

Diante de tais condições, esses artefatos emergiram como estratégias de produção de subjetividades, corpos e modelos de convivência associados a um objetivo maior traçado pelo Estado⁴ para instituir práticas e fazer circular saberes que visaram instituir uma verdade sobre o corpo e os modos através dos quais deveriam se constituir como tais. Ou seja, como se fomentou a mulher dona do lar ideal nesse cenário caleidoscópico, uma figura frequentemente vista como permanentemente igual pela literatura, sempre do mesmo jeito, lidas e reconhecidas pelos mesmos traços, como eu costumava ver minhas avós.

Para além dessas questões elucidadas até o momento em detrimento a dona de casa, buscaremos⁵ discutir no primeiro capítulo o ideal de corpo feminino de acordo

⁴ Para o caso do Brasil especificamente, a partir do Estado Novo (1937-1945) as políticas públicas que passaram a ser desenvolvidas pelo estado tiveram no corpo um dos seus principais temas e objetos de análise, definição e controle. Ver COSTA JÚNIOR, José dos Santos. **Gramáticas do poder e políticas do corpo**: Uma análise dos discursos de proteção e assistência à infância na Paraíba em 1948 [trabalho de conclusão de curso]. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, Curso de História, Centro de Humanidades; 2015.

⁵ Inicialmente esse texto se configurara em um relato escrito em primeira pessoa, por tratar-se de uma escrita de si, falei de minhas próprias memórias, das minhas sensibilidades e das minhas próprias vivências no ambiente arquivístico, a partir deste momento no texto passo a escrever sob a primeira pessoa do plural, pois este texto como um todo, não é uma elaboração só minha, a história se configura sob muitas vozes, muitas teorias de outras pessoas que li e que contribuíram de formas variadas na constituição das linhas que se seguem.

com as prescrições médicas, retomando a ideia que fora elencada no início deste texto, de que a história da saúde juntamente com a das boas maneiras seguem perspectivas muito próximas e se auxiliam à medida do possível, quando estão em conjunto sob uma mesma intenção, no caso desta pesquisa, a ciência que buscava medicalizar os corpos, teve alicerce e progresso por meio da modernização das cidades e as boas maneiras e normas que elas propagavam auxiliavam aos médicos no exercício dos projetos de saúde, de medicar e não necessariamente curar, métodos rápidos para uma sociedade em desenvolvimento e crescimento em ritmo cada vez mais acelerado.

Após a discussão a respeito dos discursos médicos, serão analisados e questionados as revistas femininas e manuais de condutas propriamente ditos ao que concerne à figura feminina, à senhora do lar. Em um primeiro momento procuraremos discutir as prescrições para a maternidade presentes nas revistas, refletindo o ideal de família e a constituição libertária da mulher-mãe; em um segundo momento procuraremos questionar o ideal de mulher prendada, educadora e servil ao homem, discutindo as diferenças de gênero na família nuclear; e por fim, analisaremos nos manuais de condutas os conselhos para as mulheres que classificam a estética e a higiene como uma prática educativa nas relações de gênero.

Nesse sentido, cabe ressaltar qual a importância à sociedade que este tipo de literatura de normalidade pode corroborar? Para isso se faz necessário pensar que a história de um livro de hoje não é a mesma que a de um livro desenvolvido e vendido na década de 1950, tendo em vista que as máquinas e tecnologias que fomentavam esse material não eram tão rápidas e muito menos detinham as mesmas qualidade e comodidades que se têm hoje, em consequência, produzir um livro era caro, adquirir o livro era igualmente caro, os custos e as demandas diminutas da época nos fazem pensar o quanto a história das boas maneiras era requisitada, no tocante que foi publicada, houveram títulos que inclusive foram relançados em novas edições.

Ou seja, o grupo seletivo de pessoas que tinham acesso à literatura da época, especialmente para esse caso, as mulheres (tendo em vista que aparentam ser o público-alvo desses impressos) que gozavam do acesso à literatura de normalidade disseminavam na época a importância de saber portar-se nas mais diversas situações e

espaços, caso contrário não haveriam publicações nessa época sobre tal temática quando haviam em contraponto temáticas mais comuns arroladas a ambos os sexos e que poderiam ser vendidas em maiores escalas.

Esta pesquisa se destaca pelo seu caráter sensível. Pois se apoia na história das sensibilidades, emoções e afetividades. Na escrita de si e do outro. Do olhar sobre o sujeito, levando-se em consideração os possíveis sentimentos deste. A ideia é alcançar os sujeitos, muito aquém de suas mentes, para que eles se sintam próximos à pesquisa, possam se reconhecer nela, verem suas condutas ali desenhadas e descritas.

Estendo esta reflexão sobre a pesquisa ao que concerne especificamente sobre os sujeitos que serão pretensamente estudados. Pois, a figura da dona de casa é rotineiramente esquecida ou vista como coadjuvante nos estudos historiográficos, mal aparecem nas cenas principais, e pouco se fazem ressoar suas sensibilidades e emoções nesses estudos. Logo, questionamos, por que isto acontece? Por que estas agentes tão importantes na fomentação de códigos culturais elencados no ambiente doméstico quase não aparecem como protagonistas?

Pensar as donas de casa, as normas que estão sendo subjetivadas por estes corpos naturalizados como maternos, permite à historiografia questionar a fomentação de subjetividades e a circularização desses saberes e códigos no ambiente doméstico. É pensar não somente a conduta feminina, mas também as relações de gênero, tendo em vista que o espaço onde são vivenciadas as normas de condutas também é um espaço de troca tanto de saberes como de subjetividades.

Neste sentido, optamos pensar estas mulheres discutidas em manuais de condutas e revistas, ou seja, em artefatos que desenvolvem subjetividades e normas, segmentam os sexos em categorias de gênero e estabelecem regras que os diferenciam e segregam ainda mais. Dentre as fontes pretendidas para a pesquisa, discutiremos nesse texto, utilizando como fonte, um manual de conduta e uma revista colombiana e três manuais de condutas brasileiros.

Em uma linha metodológica específica encontram-se os manuais brasileiros “Boas maneiras e outras maneiras” de José Tavares de Miranda (1965) e “Aprenda as Boas Maneiras” de Dora Maria (1961), em que ambos preocupam-se inicialmente com

o comportamento pessoal, inclusive e principalmente, no ambiente familiar. Posteriormente seguem com normas para tipos diferentes de ambientes. Também ambos utilizam do sistema de testes, para que o leitor se sinta convidado a sentir as diferenças na prática da utilidade das boas maneiras já em sua efetiva aplicabilidade. Tavares de Miranda ainda ultrapassa um pouco essa metodologia no sentido de que ele especifica capítulos para a moda (um para cada sexo), o que Dora Maria cita como um dos temas abordados no capítulo “Personalidade e cortesia”.

A revista “Gloria” teve sua primeira edição circulando na Colômbia no ano de 1946 e a última edição que se é possível encontrar nos arquivos que pesquisei em Medellín, consta do ano de 1952 de número 35⁶. Segue uma linha metodológica a qual certas colunas são fixas enquanto que outras acometem apenas algumas edições. As colunas fixas que interessam a este estudo, destacam-se: “Inquietudes femeninas” cujos temas giram em torno das relações afetivas vivenciadas no lar, assim como conselhos amorosos e outras questões; há também a coluna “Aprenda a hacer sus vestidos” dedicada aos cortes e costuras, a qual tem por pretensão ensinar a leitora a fazer suas próprias roupas, enquanto que em “Normas de Belleza” discutem-se dicas de moda, beleza e higiene, indicando inclusive quais produtos faziam sucesso na época e deveriam ser adquiridos; por fim há a coluna “Cocina” que contém dicas de receitas culinárias e modos de procedimento no ambiente da cozinha.

Outras colunas também serão levadas em consideração para a efetividade desta pesquisa, como a “Para Mamá”, a qual consiste em normas e conselhos direcionados à mãe, onde também se responde questões geralmente são enviados ao editorial da revista sobre a maternidade; também para a senhora do lar há a coluna “Para las amas de casa” que possuem dicas sobre decoração e economia doméstica; há também as colunas “Manejo em sociedad” e “Etiqueta Social” direcionados aos sexos feminino e masculino de como serem corteses em diversas situações.

Os manuais de condutas ou revistas, ingressam no cenário feminino não só como forma de entretenimento, mas também como um meio de as manterem inteiradas das

⁶ Nesta pesquisa, pretendemos apenas utilizar as edições referentes à década de 50, neste sentido, o estudo parte da edição de número 22 do mês de janeiro de 1950 e termina na edição de número 35 correspondente aos meses de março e abril de 1952.

novidades mercadológicas advindas da industrialização e das dicas de como lidar com essas novas perspectivas. Eram discursos pensados para atender uma demanda social e nela causar efeito e subsequente transformação. A senhora do lar encontra nessas fontes um lugar de prestígio, lugar onde em muitas falas ela é protagonista.

Desta forma, a senhora apreendia conceitos sobre si e sobre sua função na manutenção do lar e no cuidado para com a família. As funções que exerce naquele espaço são levadas em consideração, sobre a metodologia de dicas e conselhos, o lar assume novas perspectivas, muito aquém de mera habitação, o espaço é lido como um campo de experiências, segundo Dora Maria, no manual de conduta brasileiro “Aprenda as Boas Maneiras” é preciso que se “[...] seja cortês com todos os que nela residem e por ela transitam, quer sejam seus familiares, amigos ou empregados.” (1961, p. 13)

As normas de boas maneiras assumem papel principal na viabilização do que é considerado como boa conduta mediante às exigências do processo de modernização. No lar, se assumem os papéis a serem representados em ambientes públicos, se é ensinada a atuação desses papéis, e quem geralmente detém a autoridade para fomentar esses ensinamentos é a senhora do lar.

No lar, a senhora experimenta papéis, seja os que vivencia com seus filhos ou com os empregados (se caso os tiver) ou com o marido. Segundo a literatura de normatividade, ela é subjetivada para ser sutilmente a autoridade daquele espaço. No manual de conduta Boas maneiras e outras maneiras, José Tavares de Miranda sucinta esse posicionamento:

“Seu marido, minha leitora, naturalmente não fica perambulando pela casa, de pijama, nos dias de descanso. Não permita também que os meninos o façam: não consinta que as meninas se levantem de roupão, descabeladas, e assim fiquem em casa. O pijama, o roupão, mesmo na vida em família, cabem apenas no trajeto entre o dormitório e o banheiro. Fora disso, são elementos de desintegração do lar, pelo aspecto de desleixo que emprestam à vida familiar.” (1965, p. 144 – 145)

Fica subjetivo que o marido não pode perambular pela casa de pijama porque já tivera suas práticas educadas – provavelmente pela mãe quando criança – para dar exemplo à prole assumindo tais atitudes. A “desintegração do lar”, é, posteriormente, a

desintegração da imagem da senhora, pois ela é a principal responsável pela manutenção desse espaço segundo os manuais. Esse é o tipo de discurso veiculado que predomina e desenha as subjetividades femininas, mas não é o único. Na revista colombiana “Gloria” da Fabricato, uma autora fixa (Dorothy Dix, provavelmente um pseudônimo) da coluna “Inquietudes Femeninas” escrevera na edição de número 31 sobre a relação entre o feminino e o masculino após o matrimônio.

“O homem sente, ainda que não o confesse, que fez a sua esposa um grande favor inapreciável ao casar-se com ela evitando-lhe o 'triste' destino das solteironas. Também sente sem confessá-lo que a esposa deveria agradecer-lhe de joelhos o feito de que ele trabalha para mantê-la... ainda que ela com o trabalho que realiza na casa ganhe cem vezes a soma que necessita para sua manutenção. E se pergunta, muitas vezes, que seria dela se ele lhe faltasse... Até a lei assinala à esposa como dependente do esposo, mas ao parecer tal um erro e no matrimônio não é a esposa quem depende do esposo, senão todo o contrário.” (1951, p. 2)

As relações de gênero vivenciadas no espaço doméstico assumem papel importante em face à questão do poder, que assumindo a perspectiva de Foucault, pode ser compreendido como algo que circula em rede, ou seja, o poder é um efeito sobre os corpos que age nas suas subjetividades e pode ser, de acordo com as transformações na vida dos sujeitos, modificado. Neste sentido, “quem depende de quem?”⁷

Esses discursos frequentemente debatidos nesses manuais e revistas refere-se à beleza e higiene. Tendo em vista que “o modernismo impôs definitivamente à mulher moderna uma série de rituais de beleza, podemos dizer, que se deu em chamar maquiagem. Isto consiste não somente em dissimular pequenos defeitos, senão também em realçar as qualidades.” (1951, p. 22) Esta fala fora dita por Margarida Gómez de H. na coluna “Etiqueta Social” da revista “Gloria”, edição de número 33. Nela, se pode inquirir que o processo de modernização fez com que as mulheres se preocupassem ainda mais com a aparência, e assim como as normas de boas maneiras, a maquiagem detinha a função de dissimular as imperfeições.

⁷ Título da coluna a qual fora retirada a citação.

No ambiente do lar, as questões referentes à beleza também assume papel. Pois a casa é segundo Dora Maria o espelho de sua senhora, uma casa mal higienizada reflete uma senhora desleixada. Para tanto, há manuais de condutas assim como colunas em revistas femininas que se dedicam à limpeza do ambiente, como é o caso do manual brasileiro escrito por Vera Sterblitch, Tudo o Que Uma Dona de Casa Deve Saber, ela dá dicas por exemplo, para a limpeza de gorduras em tapetes:

Podem ser limpas com tetracloreto de carbono. Usam-se paninhos embebidos com o produto acima, devendo-se trocar o paninho sempre que ficar sujo. Pode-se também cobrir a mancha com talco e molhar com o tetracloreto de carbono e quando o talco estiver inteiramente sêco aspirar ou escovar; caso necessário, repetir. (1961, p. 27)

Para além da necessidade de se apresentar um ambiente doméstico sempre limpo, há discursos normativos que veiculam a necessidade de que a própria senhora esteja sempre impecável. Segundo Tavares de Miranda

Em geral, se não encontrar meia hora por dia para dedicar-se aos cuidados de beleza, longe do marido, êste acabará tendo tempo para pensar em outras mulheres. Desde que se admite que a raça dos maridos é obrigada a sustentar o lar e portanto deve ausentar-se durante muitas horas de casa, para trabalhar, a mulher tem à sua disposição muito tempo para cuidar da montagem do “cenário” que apresentará ao mundo e ao marido, sem que êste obrigatoriamente tenha assistido às origens da transformação.” (1965, p. 156)

Neste sentido, a beleza e as boas maneiras são instrumentos de poder sobre os corpos, podem ser lidos como estratégias nas relações de gênero, que nas afetividades do lar, dissimulam imperfeições e causam cortesia. Mediante aos conceitos apresentados ao que concerne o ambiente do lar e das vivências que lá são desenvolvidas afetividades, subjetividades e normalidades que pretendemos analisar os valores, normas e signos estipulados pelas prescrições desenhadas nos discursos sobre os corpos femininos, especificamente atentaremos quanto a relação da mãe para com seu filho. Nesse contexto, será discutido o conceito de maternidade, a qual será pensado sob o viés de Maria Martha de Luna Freire que diz que “[...] a atribuição à maternidade de uma dimensão de modernidade e de função pública, implicava no aprendizado de um amplo conjunto de técnicas (2006, p. 135).”

Os discursos tendem a representar a atividade de ser mãe frequentemente ligada ao do exemplo e da moral, àquela que estipula normas e dá broncas nos filhos e no marido, logo, pretendo desconstruir essas táticas definidas para com o corpo feminino, pois o próprio exercício da maternidade e subsequente instinto materno, segundo Freire, são dimensões construídas historicamente e não fazem parte de um quadro geral sobre a realidade das mães. Sendo assim, pretendo desnaturalizar esse papel atribuído à figura feminina, principalmente à dona de casa, geralmente imbuída à responsabilidade e dever materno.

Também será discutido o conceito de identidade de gênero que será eleito sob a perspectiva de Joan Scott a qual afirma que “gênero é, em outras palavras, uma norma regulamentadora que nunca funciona plenamente” (2013, p. 162), é possível presumir por meio dos discursos presentes nas fontes, papéis que são direcionados às identidades de gênero, os códigos comportamentais tendem a subjetivar diferenças entre as identidades, valendo questionar se as diferenças físicas motivos suficientes para impulsionar significados distintos aos corpos, qualificando-os de maneiras distintas e posicionando-os em instâncias diferentes, para tanto, como encaixar os sujeitos nessas categorias? As figuras femininas no ambiente do lar inserem-se nessas categorias? De que forma?

Nesse contexto, também se faz necessário discutir o conceito de poder, tendo em vista a iminência das relações de gênero passíveis de serem percebidas nos discursos normalizadores, quando a dona de casa deve entrar em conflito com a figura indicada do homem preguiçoso que a atrapalha na atividade da manutenção no cuidado do lar e por outro lado há discursos a qual o homem se apresenta enquanto vigilante nas atividades domésticas realizadas pela mulher, dando a entender um sistema de dominação. Nessa mesma relação de poder, o homem exerce no ambiente do lar um cuidado de si, enquanto que a figura feminina nessa literatura é indicado não só o cuidado de si, como também dos outros corpos presentes naquele espaço, inclusive do marido, à mulher é aconselhado o mantimento da felicidade do marido.

Para a discussão deste conceito especificamente utilizarei os apontamentos de Michel Foucault, quando ele determina que poder pode ser compreendido como algo que circula em rede, ou seja, o poder é um efeito sobre os corpos que age nas suas

subjetividades e pode ser, de acordo com as transformações na vida dos sujeitos, modificado. Desta forma, para Foucault em *Microfísica do Poder* diz que

[...] o poder não se aplica nos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estralhando-se. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e construídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efetivos do poder (1979, p. 183).

Pretendo também discutir o conceito de beleza, pois há uma presença muito forte de prescrições em detrimento a estética nas fontes, sejam nos anúncios presentes na revista, nos conselhos de boa educação, de moda e beleza, assim como pela própria representação de beleza apresentada nas imagens passíveis de serem encontradas nas fontes que indicam, por exemplo, a postura indicada a ser assumida. Nesse quesito, tomarei como auxílio a definição de Denise Sant'Anna que diz que “menos do que um dom, a beleza foi interpretada como o resultado de uma conquista individual, um trabalho que não tem hora nem lugar para começar ou para acabar (2014, p. 119).” Posteriormente, será discutido como a dona de casa é normalizada sob o discurso imagético no quesito da beleza, não obstante à sua jornada de trabalho doméstico.

Metodologicamente, recorreremos aos estudos a respeito da análise do discurso dispostos por Michel Foucault, pois este compreende o discurso como prática, como uma produção em curso no meio das relações de interesse e poder entre os seres viventes no ambiente doméstico. Neste sentido, para Foucault “deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade (2014, p. 50).” Levando-se em consideração as permanências na história, as condutas mencionadas e aconselhadas nesses manuais que ainda hoje são postas em prática, talvez não sejam postas da mesma forma como foram aconselhadas, mas provavelmente são vivenciadas na mesma linha de pretensão perceptível no discurso do autor, as condutas são fluidas, com o passar do tempo sofrem ressignificações, assumem novos conceitos, impregnados pelas tecnologias em ascensão da época a qual correspondem.

O papel da dona de casa, a senhora do lar, no ambiente privado é exponencial, como já fora possível perceber nas linhas acima introdutórias à questão da normalização dos corpos, entre as afetividades vivenciadas no ambiente do lar, há jogos de sedução, cortejos em prol de negociações para a fomentação de desejos, de modas e de prazeres, há interesses, muitas vezes ligados ao que se era veiculado no sabor das convivências modernas. Quando o meu pai teve acesso a seu primeiro manual de conduta, já se configurava a década de 1980, acredito que minha avó paterna, iletrada, não tenha tido o mesmo acesso que ele em sua juventude dos anos 1960, os manuais de condutas, por mais que se digam pelos seus autores propensos a todos os públicos, não sejamos ingênuos de acreditar que todos tivessem acesso a este tipo de literatura, as revistas eram mais diversificadas e divulgadas, atingiam com mais facilidade aos povos, mas também não atingiam a todos.

Entretanto, a literatura de normalidade apesar de não atingir a todos no ato de sua leitura, é o tipo de leitura que costuma ser divulgada, tanto que as posturas comportamentais difundidas naquelas fontes propagam-se nos mais diversos segmentos da sociedade até hoje, minha avó que não detivera do acesso à leitura desses manuais e nem das revistas femininas, muitas vezes me recomendara condutas, desde a forma como deveria sentar-me, a forma como deveria atender o telefone, apresentar-me para as visitas, dentre outros muitos conselhos. Os discursos de boas maneiras são como Foucault propôs, prática, quando lidos por um grupo específico (geralmente pela sociedade mais abastada, os ditos ricos) e conseqüentemente virarem moda, costumam ser “imitados” e vivenciados pelos mais diversos povos. É uma literatura que de modo geral está no nosso dia a dia, nos nossos modos de agir, nos gestos que aprendemos quando nós nem sequer lembramos mais, mas todo hábito, todo comportamento tem um início, e todo início tem uma intenção, um interesse. Fora nesse jogo de interesses que fomentaram-se os discursos de mulher ideal, e são eles que pretendemos questionar.

Capítulo 1: Silêncio!

“Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? (...) é janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento. (...)” Leonardo da Vinci

- **1.1 - Sobre prevenir e curar: Um olhar sobre a História do Corpo e das Doenças**

O corpo antes de ser compreendido como matéria e organismo pelo conhecimento anatômico vivenciara diversas perspectivas: fora destrinchado, observado, temido, coberto, descoberto, investigado, alvo de roubo em cemitérios, cientificado, humanizado, além de outras tantas apropriações. Deste modo, a história do corpo se desenvolveu entre permanências e rupturas, e o saber investido sobre ele também. Na relação do homem para com a natureza, o homem descobriu métodos tanto quantitativos⁸ e qualitativos⁹ para a produção e apropriação de saberes em seu próprio favorecimento.

Nessa relação entre homem e natureza fomenta-se o conhecimento nas artes de prevenir e curar, trata-se de um saber por vezes temido, pois quanto mais o homem se aproximava da natureza e trazia dela formas de longevidade, mais ele saberia sobre si mesmo e, conseqüentemente, menos temor teria em detrimento à vida e às normas impostas pelas instituições de dominação sobre o corpo, pois a ignorância aquieta, faz com o que o sujeito aceite (claro que há transgressões, mas de modo geral) o discurso veementemente imposto. Nesse sentido, ao longo da história, ao corpo era veiculado

⁸ Instrumentalização da natureza pelo homem, modificando artificialmente o meio.

⁹ Utilizando dos recursos da natureza para produção de remédios, chás, dentre outros materiais que auxiliam na melhoria de vida e como métodos curativos.

normas que silenciavam o saber, acalmassem os corações curiosos, temendo as inovações e as práticas curativas advindas da natureza.

O silêncio teve seu lugar na história, assim como o olhar, pois este transgride aquele. O silêncio em especial assumiu grandes proporções sobre o corpo em uma faixa de tempo específica compreendida pela historiografia como Idade Média e assim permaneceu, até que os saberes médicos científicos, assim como a arte, passaram a dar visibilidade ao que até então era coberto e concebido com bastante pudor, dado que as instituições religiosas ressoavam discursos em referência ao pecado que influenciavam e promoviam subjetividades¹⁰. Neste sentido, como o silêncio sobre o saber do corpo influenciara na prescrição das subjetividades? E deste modo, por que houvera tamanho silêncio? Por que terminara? A que (ou quem) serviu este silêncio?

Não é o objetivo deste texto esclarecer essas questões, mas sim considerá-las ao pensar o desenvolvimento desse silêncio e dos olhares subsequentes que se fizeram ressoar nas subjetividades dos corpos, assumindo novas características e novos discursos ao longo da história, mas de toda forma, se fazendo presente. O objetivo do capítulo, portanto, é considerar a fomentação destes silêncios na história do comportamento feminino, elucidados, inclusive, por um discurso médico cientificista e por certos eventos da historiografia que serão discutidos no decorrer do texto que de forma geral estimularam o desenvolvimento destes códigos comportamentais difundidos nas fontes¹¹ tanto colombianas como brasileiras analisados nesta pesquisa. Tendo em vista que as subjetividades dos sujeitos desenvolvem-se, sob outros aspectos, de acordo com a aquisição dos saberes, ou seja, sinteticamente quando o sujeito descobre que não

¹⁰ Para saber mais a respeito da história do corpo, recomendo a leitura: COURTINE, Jean-Jacques. (Org.). História do Corpo: As mutações do Olhar. O século XX – Vol. 3. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹¹ Entende-se por fontes os artefatos culturais tendo em vista que “através dos fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver e sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade. Chame-se como se quiser isto que nos rodeia, capitalismo cultural, economia imaterial, sociedade de espetáculo, era da biopolítica, o fato é que vemos instalar-se nas últimas décadas um novo modo de relação entre o capital e a subjetividade” (PELBART, 2003, p. 20), neste sentido, são veiculadores de informação culturais, que dentre os quais, serão analisados em detrimento aos discursos disseminados e posterior subjetividades aos quais se compreende enquanto intencionadas a serem introjetadas pelo público-alvo.

simplesmente precisa sofrer em detrimento a determinada doença, ele poderá assumir condutas e utilizar de métodos que não só o curem como também o previnam de novas doenças, desta forma, cuidará de si¹².

O olhar transita e é causa no progresso da transformação desse cenário das subjetividades. De acordo com o avanço do ato de ver por parte dos sujeitos seguem os questionamentos, o olhar firma uma verdade, tendo em vista que é testemunho de uma ação, seja ela realizada por outrem ou em si próprio. É em virtude do olhar, da arte e da curiosidade da cientificidade que o corpo ganhara novas instâncias¹³, certos pudores foram deixados de lado sob a justificativa de uma causa, de que havia uma finalidade primordial para tanto, e os suspiros arrancados ao deixar-se ver aos poucos foram tornando-se naturalizados (não extintos). Segundo Foucault “o obstáculo moral só foi sentido depois de constituída a necessidade epistemológica; a necessidade científica desvelou a proibição como tal: o saber inventa o segredo.” (2006, p. 180)

Não era o pudor que impedia o médico do contato com seu paciente, neste sentido, mas a repugnância da doença espalhada sobre aquele corpo, logo era necessário que o acompanhamento do caso fosse feito sob o aporte da distância, não mais sendo preciso colocar o ouvido sobre o corpo do enfermo, mas utilizando-se do estetoscópio para tanto. Novas tecnologias permitiam suporte ao médico para quebrar certos códigos pudicos, além de proporcionarem certa higienização no contato entre ambos os corpos, tanto o que cuida quanto do que requer os cuidados. A medicina detivera aí um impulso para seu fortalecimento e crescimento. Dessa forma, segundo Foucault

A estrutura perceptiva e epistemológica que fundamenta a anatomia clínica, e toda a medicina que dela deriva, é a do invisível visibilidade. A verdade que, por direito de natureza, é feita para o olho, lhe é arrebatada, mas logo sub-repticiamente revelada por aquilo que procura esquivá-lo. O saber se desenvolve por um jogo de invólucros, o elemento oculto toma a forma e o

¹² A respeito do conceito de cuidado de si recomendo a leitura de FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

¹³ Para saber mais, recomendo a leitura de BOLOGNE, Jean-Claude. **História do Pudor**. Tradução Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos Ed., 1990.

ritmo do conteúdo oculto, o que faz com que a transparência pertença a própria natureza do véu: O objetivo dos anatomistas “é alcançado quando os opacos invólucros que cobrem nossas partes são, a seus olhos treinados, apenas um véu transparente que deixa a descoberto o conjunto e as relações.” (2006, p. 183)

Os médicos passam a assumir novos comportamentos em detrimento ao olhar sobre o corpo, muito aquém de anatomicamente, o olhar médico assume uma dimensão mais totalizadora, “infinita, móvel, sem cessar, deslocada e enriquecida pelo tempo, que ele percorre sem nunca poder detê-lo: uma espécie de registro clínico da série infinita e variável dos acontecimentos.” (FOUCAULT, 2006, p. 31) O registro dos acontecimentos propicia ao profissional um acompanhamento dos casos de doença do paciente ao longo de sua história de vida, conseqüentemente, a medicina paulatinamente passa a se preocupar com o desenvolvimento das doenças em quadros familiares, observando mais atentamente os detalhes e sob quais circunstâncias ocorreram, posteriormente assumindo um olhar em proporções maiores e assim percebendo os avanços no desenvolvimento quantitativo e qualitativo das doenças em situações inclusive de epidemias.

O olhar também se especializa, para cada espaço do corpo há um conhecimento específico de causas, efeitos, métodos e curas. Pois o corpo a partir da visão anatômica assume uma visibilidade do que antes não era percebido, fornecendo à medicina novos campos de conhecimento para particularizar. Para além disto, o contato entre médico e paciente assumira novos discursos. Os espaços entre eles passaram a se misturar, antes tão fortemente distintos, e com a especialização das doenças e dos conhecimentos clínicos, houve inclusive aos poucos a divisão entre os próprios pacientes. O espaço médico ficara mais íntimo, possibilitando ao paciente maior conforto ao falar de si para um estranho sob a justificativa da cura através do conhecimento clínico.

A questão do falar de si não é tão simples, confessar seus erros e acertos, seus abusos na comida ou em atos variados que de alguma forma afetam a saúde do indivíduo não era algo que acontecia corriqueiramente, tendo em vista que o ato da confissão estava bastante veiculado à imagem das instituições religiosas, como a católica, a qual o fiel conta seus atos pecaminosos (ou não) ao sacerdote que ouve do outro lado, é uma imagem singular de um ato específico, logo não se pode

simplesmente ser reproduzido por outras instituições sem que aja feito antes toda uma armada de novos poderes no discurso sobre elas, aos quais eram naturalizados aos poucos como espaços de fala e não mais de silêncio.

O espaço arquitetônico do hospital, apesar de tê-lo sido construído¹⁴ para o princípio de práticas educativas voltadas à sociabilidade, não fora utilizado necessariamente para o bem estar social, pois é preciso compreender que a arquitetura de um espaço institucional como a do hospital empreende estratégias de poder sobre os corpos, que neste caso os docilizam, e desta forma, definem qual função a ser exercida naquele espaço, quanto tempo levar-se-á com isso, dentre outros códigos comportamentais. Desse modo, a estrutura arquitetônica a qual encontravam-se os hospitais no final do século XIX na Europa e meados do início do século XX no Brasil, era compreendida como um espaço de espera pela morte.

A partir dela [a morte], a doença toma corpo em um espaço que coincide com o do organismo; ela segue suas linhas e a recorta; organiza-se segundo sua geometria geral; inclina-se também para suas singularidades. A partir do momento em que a morte foi tomada em um órgão técnico e conceitual, a doença pôde ser, ao mesmo tempo, especializada e individualizada. Espaço e indivíduo, duas estruturas associadas que derivam necessariamente de uma percepção portadora de morte. (FOUCAULT, 2006, p. 175)

A tríade vida-doença-morte é associada, portanto, a um indelével desenvolvimento do ser humano, desta forma, trata-se de um processo natural, cuja vida e doença estão imbricadas à morte, logo esta última dirige aquelas. Tendo em vista que a degeneração do corpo é um processo inevitável, mesmo quando bem utilizados os órgãos por serem usados sofrem desgastes com o tempo, logo, é impossível fugir da morte, sendo esta o ponto final da vida, a doença serve como intercâmbio entre a vida e a morte, se controlada ou curada, haverá um atraso de tempo entre um para o outro.

¹⁴ Em detrimento à história da arquitetura hospitalar, há estudos que discutem a construção desse espaço a partir da Antiguidade, entretanto, neste momento da pesquisa compreendemos o espaço do hospital veiculado à arquitetura da Idade Moderna, visto este como espaço de cura. Para saber mais, recomenda-se a leitura de LISBOA, T. C. **Breve História dos Hospitais: Da Antiguidade à Idade Contemporânea**. Edição nº 37. Encarte Especial da revista Notícias Hospitalares. Junho/julho de 2002.

Logo, o hospital, compreendido como local de espera pela morte, era temido, difundiam-se histórias que para aqueles que a ele recorriam já podiam se considerar como se estivessem “marcados para morrer” ou como “degenerados” pela literatura da época (faziam parte deste grupo: pobres, prostitutas, doentes de forma geral, inclusive com deficiência mental, dentre outros). “A situação começou a mudar a partir de meados do século XIX, graças ao desenvolvimento da bacteriologia (após as grandes descobertas de Pasteur e Koch), da introdução da antissepsia (após 1870) e da incorporação das enfermeiras ao pessoal hospitalar.” (SINGER, 1981, p. 28-29) Com o desenvolvimento dessas inovações ditas por Paul Singer no livro “Prevenir e Curar” e as consequentes transformações tanto no espaço hospitalar quanto também nas práticas discursivas correspondentes a este ambiente, foram gradualmente sendo efetuadas novas representações referentes à imagem do médico para com a população.

O profissional da saúde fora aproximado do paciente e a relação entre ambos ficara mais íntima. É neste âmbito em que o silêncio e o olhar se cruzam e transformam-se: se antes pairava silêncio acrescido à imagem da morte, em um momento *posteriori* passara a ser voz, para além disso, passara a ser confissão. Enquanto que o olhar muito mais especializado e focado, também subjetiviza-se nessa relação.

O olhar do clínico se dirigia a uma sequência e uma região de acontecimentos patológicos; devia ser, ao mesmo tempo, sincrônico e diacrônico, mas, de qualquer modo, se colocava em obediência temporal; analisava uma série. O olhar anatomoclínico deverá demarcar um volume; dirá respeito à complexidade de dados espaciais que pela primeira vez em medicina são tridimensionais. Enquanto a experiência clínica implicava a constituição de uma trama mista do visível e do legível, a nova semiologia exige uma espécie de triangulação sensorial a que devem colaborar atlas diversos e até então excluídos das técnicas médicas: o ouvido e o tato se acrescentam à vista. (FOUCAULT, 2006, p. 179-180)

Nesse sentido atribui-se o toque à atividade do médico. A necessidade de tocar o paciente e deste ato descobrir deformações ou certas irregularidades atuam diretamente nas subjetividades desta relação, assim como nos códigos comportamentais e nos poderes disciplinares que os regem. Mediante a esta necessidade encontra-se os novos códigos de pudicícia. O olhar, nesse sistema, coloca-se como um poder limítrofe, tendo

em vista que não é suficiente para se inquirir todos os signos e sintomas legíveis do paciente. Entretanto,

O tato permite demarcar os tumores viscerais, as massas cirróticas, as inchações do ovário e as dilatações do coração; quanto ao ouvido, ele percebe “a crepitação dos fragmentos ósseos, as farfalhadas do aneurisma, os sons mais ou menos claros do tórax e do abdome quando se os percute”; o olhar médico é, a partir de então, dotado de uma estrutura plurissensorial. Olhar que toca, ouve e, além disso, não por essência ou necessidade, vê. (FOUCAULT, 2006, p. 181-182)

O olhar não era nada mais que um recurso limitado nos cuidados médicos, tendo em vista que não permitiam perceber anomalias que estavam além do olho nu, era preciso mais: o toque e o ouvir veio em seguida, não só ouvir o que o paciente tem a dizer, como também o que o próprio corpo está anunciando de irregular. Colocar o ouvido no peito do paciente era um método muito utilizado pelo médico, mas arriscado, lhe dava certa proximidade concebida pela literatura da época como “exagerada”. A partir disto, os agentes da saúde passaram a ser auxiliados por certos aparatos tecnológicos que o resguardavam inclusive das mazelas de outrem, e para além disso, fomentavam certa segurança ao paciente que não precisaria ser tocado em locais considerados pela pudicícia como particulares.

Com a iminência da autópsia¹⁵, o olhar médico expandiu. Muito além do que podia tocar, ouvir e ver. Havia eventos ocorrendo por baixo da pele que muitas vezes eram dificilmente decifráveis, tendo em vista que não eram plausíveis de conhecimento. O domínio do que não se era visto permitiu à medicina avanços nas concepções a respeito de determinadas doenças, da proliferação das mesmas e, conseqüentemente, das causas, efeitos e formas de erradicá-las. O corpo, nesse sentido, vivenciara diversas leituras e releituras, novas perspectivas cientificamente, enquanto cadáver, fora objeto de estudo, enquanto paciente, detivera distância e aproximação, posteriormente,

¹⁵ Tem-se datada na História os primeiros rastros do procedimento da autópsia em meados da Antiguidade. No entanto, com o desenvolvimento da Idade Média, o procedimento ficou em vias de desuso, sendo retomado por volta do Século IX. Disponível em: <<https://necropsiaempatologia.com/historia-da-necropsia/>>. Acesso em: 20/08/2018

efetivava-se novamente uma distância mas desta vez sob um olhar acoplado a certos conhecimentos que antes não existiam.

O perspectivismo sobre o corpo ressoava mediante as diversas representações as quais eram disseminadas por meio das descobertas que gradualmente eram realizadas na medicina. O corpo, nesse ínterim, fora adestrado sob a perspectiva da civilidade, institucionalizado pelas mais diversas entidades, conheceu novos funcionamentos e submeteu-se a novas explicações e adaptações. Levando-se em consideração que tais instâncias discursivas as quais desenvolveram esses novos conhecimentos, se puseram em prática na formação do corpo médico nos mais variados sentidos. Se faz necessário perceber que as subjetividades desenvolveram-se nesse sistema, sejam as do corpo do paciente que perceptivelmente ou não sofreram releituras, como também, as subjetividades do corpo médico.

Atentamos para a compreensão, por fim, que o médico e a medicina como um todo fazem papel substancial nas subjetividades dos sujeitos, visto que lidam com o poder da vida e da morte, questões essenciais que regem o cotidiano da sociedade, em prol de uma melhoria de vida e de um prolongamento da mesma. Em consequência disto, a história da medicina desenvolveu-se sob progressos discursivos e experimentais direcionados especificamente sobre os corpos silenciados, porém vistos. No próximo tópico trataremos um pouco mais a fundo do perspectivismo, que fora mencionado acima, provocado pela experimentação do corpo em uma dada circunstância específica, para que desta forma, possamos compreender um pouco mais das nuances nas transformações das subjetividades e dos comportamentos.

- **1.2 - O corpo como experimento**

Até quanto o ser humano suporta de dor e humilhação? Na história, o corpo passara por situações adversas, atrocidades, flagelos, humilhações, dentre outras questões que o expusera, o causara desconforto, a qual imperara o medo. Mas sob quais circunstâncias? Esses eventos foram justificados sob quais discursos? Aliás, foram justificados em algum momento? O corpo de certos judeus e demais grupos sociais do holocausto perderam o estatuto de humanidade, foram subjugados a algo inferior à instância determinada para o grupo dos animais irracionais. Sob quais poderes discursivos e

estratégicos os corpos segregam-se e se auto intitulam como superiores comparados a outros?

Foi nesse sistema de segregação que houvera a iminência de certos códigos culturais higienistas e eugênicos¹⁶ e a propagação dos mesmos. Desta forma, acompanharemos neste ponto da discussão o silêncio de corpos que foram sujeitados a atrocidades e experimentações sob diversas justificativas, dentre as quais, fomentadas na perspectiva do melhoramento da raça humana, ou em prol da ciência. Precisamente, após a discussão anterior em detrimento da medicina no século XIX e início do século XX, pensaremos como em face disto a ciência desenvolvera-se no século XX, sob a prescrição de discursos normativos em situações específicas.

Primeiramente, é preciso mencionar que o século XX é recheado de eventos e inovações que modificaram todo o curso da história subsequente, dentre os quais envolvem duas Guerras Mundiais, uma crise financeira mundial e uma movimentação de desenvolvimento e expansão das cidades. Houve transformações socioeconômicas, tecnológicas, culturais, políticas e bélicas. Levar-se-á em consideração que nessa faixa de tempo ocorreram duas grandes guerras, dentre outras guerras espalhadas pelo mundo, além da Revolução Industrial que modificara exponencialmente o dia a dia das cidades, urbanizando-a e proletarizando-a. Na medicina, a institucionalização da mesma se efetivava. As más condições de vida intensificavam-se, os sujeitos viviam de forma precarizada, sob uma necessidade desenfreada de produtividade no trabalho, mediante o crescimento das cidades e das indústrias. Dessa forma,

a situação desesperadora em que se encontrava a classe operária era terreno fértil para movimentos de revolta, que punham em perigo a ordem constituída. Começou a ficar claro para a própria classe dominante que urgia remediar essa situação, criando-se condições mínimas para que a reprodução da força de trabalho pudesse e dar de modo sistemático e para que a capacidade de trabalho dos operários fosse preservada. (SINGER, 1981, p. 21)

¹⁶ Códigos culturais que disseminavam a segregação e valoração da população em detrimento de sua “melhoria” de acordo com os preceitos estipulados politicamente e culturalmente. Esta temática será melhor desenvolvida nas páginas subsequentes.

Temos aqui um corpo experimentado para o trabalho. E desta forma, até quanto o corpo suporta tanto trabalho? Com o desenvolvimento da industrialização, as forças de trabalho se faziam necessárias e quanto maior a exploração destas, mais lucros, segundo a perspectiva das classes dominantes em vigor da época. No entanto, como que esses corpos subjugados a mera força produtiva poderiam continuar rendendo se estavam sendo exploradas, sem quaisquer perspectivas de melhoria de vida?

Eram corpos que serviam como experimentos no sentido de que faziam girar o capital socioeconômico das cidades e dentro das indústrias eram regradados mediante os interesses de seus superiores. O olhar aqui nesta situação não só observava como também silenciava os corpos dóceis dos trabalhadores. Eram agenciados a todo momento, cujas ordens de cada passo a qual deveriam ser dados precisavam ser autorizados pelos superiores. Eram também punidos quando não atingiam as expectativas demandadas. A punição atingia diversas faces, o corpo era humilhado, exposto, segregado, inferiorizado.

Quando esses corpos reuniram-se em busca de direitos e melhorias, “remediou-se”. É curioso perceber que a repressão instalada sobre esses corpos, por muito tempo silenciados, fora remediado com o mínimo, e que esse mínimo de forma geral beneficiara as classes dominantes, tendo em vista que o ato de proporcionar tempo para além do que é fornecido ao trabalho, além de certa salubridade para esses sujeitos no espaço onde trabalham eram estratégias para torná-los mais produtíveis. Como dito anteriormente, o espaço arquitetônico é também um fomentador de estratégias de poder sobre os corpos, um espaço mais “sadio” é um espaço mais produtivo, desenvolve-se a imagem de abrandamento e dociliza-se os corpos.

A industrialização permitira de modo geral um acréscimo nos níveis de corpos doentes. E conseqüentemente, investira no crescimento e institucionalização da medicina. O uso do “curandeirismo” ainda era bastante frequente, tendo em vista que o curandeiro dispensa o caráter científico comparado ao do médico em suas atividades, apesar de que há todo um conhecimento medicinal correlacionado às ervas que ele utiliza para medicar seus pacientes, além disso a proximidade de seu exercício com a natureza permitem ao curandeiro uma representação mais próxima ao do sujeito que atende. No Brasil, “não obstante, o ‘poder médico’, ou seja, a utilização do poder coercitivo do Estado pelos SS [Sistemas de Saúde] para a imposição de condutas com o

objetivo, ou a pretexto de preservação ou restauração da saúde, já estava fortemente estabelecido na segunda metade do século XIX.” (SINGER, 1981, p. 25)

O poder médico age nessa situação como força motivadora para a perpetuação do capital. Como continuidade para agenciamento dos corpos, e da experimentação destes. A prescrição de normas pelos médicos para a incitação da higiene pelos sujeitos atuantes nas indústrias, assim como nos cuidados destes em detrimento aos acidentes de trabalho através da imposição de regras cada vez mais específicas para os corpos, inclusive definidas em diferenciação sobre gênero e faixa etária, a delimitação de exames prévios e a fiscalização dos corpos, além da produção e comércio dos medicamentos são exemplos da atuação do agenciamento dos corpos agora investidos no poder da medicina.

Trata-se do coroamento de uma tendência de institucionalizar os SS como serviços de controle que será difícil de evitar, no entanto, se uma revisão em profundidade não for feita dos limites do que se pode considerar como campo apropriado de atividade dos SS. Sendo a relação médico – paciente essencialmente autoritária, os SS podem ser considerados os Serviços de Controle ideais, o qual favorece sua expansão ilimitada e a torna extremamente perigosa. (SINGER, 1981, p. 62)

Outro mecanismo de poder exercido pela medicina fora executado pelos Serviços de Saúde (SS mencionados no trecho acima) como o SUS, por exemplo, aqui no Brasil, por meio do controle, muitas vezes maquiado pelo discurso de prosperidade, longevidade e bem-estar mascarava-se o poder que exerciam sobre os corpos, diferentemente da relação autoritária entre médico e paciente, cujas ordens eram investidas mais diretamente. Esse controle mascarado agencia igualmente os corpos e os experimenta numa rede de sociabilidades voltadas ao trabalho, além de em outros âmbitos, são ressoadas práticas educativas na intenção de serem apropriadas e divulgadas, condicionando os corpos a crerem nas possibilidades ilimitadas advindas da ciência.

Tendo em vista as ideias desenvolvidas até então em detrimento aos diversos modos de normalização e controle dos corpos, pensemos que por volta de meados da primeira metade do século XX, ocorrera outra forma de experimentação do corpo, desta vez de forma descompensada, humilhante e mortal. E deste modo, retomamos a

pergunta: Até quanto o ser humano suporta o totalitarismo? O totalitarismo, como o próprio nome sugere, é a dominação total sobre o sujeito, inserindo-se e inculcando-se nas subjetividades deste. Referimo-nos aqui a respeito dos campos de concentração, cuja experimentação do corpo fora total. Os silêncios vivenciados pelos corpos subjogados eram ensurdecedores.

Quando, após as convulsões do sistema geopolítico da Europa que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, o resíduo removido entre nascimento e nação emerge como tal à luz, e o Estado-nação entra em uma crise duradoura, surgem então o fascismo e o nazismo, dois movimentos biopolíticos em sentido próprio, que fazem portanto da vida natural o local por excelência da decisão soberana. (AGAMBEN, 2010, p. 125)

Nesse sistema vieram ao poder regimes totalitários cujo alicerce era o medo. O fascismo e nazismo são modos de governar que exponencialmente segregam os sujeitos. Dentre as características possíveis de se determinar sobre esse tipo de governamentalidade, citamos: o racismo xenofóbico, a qual todos os que não são iguais, são inimigos (e devem ser abatidos); o culto cego às tradições; todos os sujeitos devem estar de acordo com o poder; o elitismo (e a superioridade atribuída a uns); o populismo. De forma geral, um governo que veiculava propagandas de terror.

Podemos dizer que, afinal de contas, o lema do liberalismo é “viver perigosamente”. “Viver perigosamente” significa que os indivíduos são postos perpetuamente em situação de perigo, ou antes, são condicionados a experimentar sua situação, sua vida, seu presente, seu futuro como portadores de perigo. E é essa espécie de estímulo do perigo que vai ser, a meu ver, uma das implicações do liberalismo. (FOUCAULT, 2008, p. 90)

O campo legitimado pelo medo faz do corpo dos sujeitos experimentos desse terror. Neste sentido, incidem discursos sobre situações difíceis para o país seja no sentido econômico, na segurança, nos mais diversos aspectos, a sociedade fica com receio da violência, crê que sua liberdade encontra-se ameaçada, vê que seu emprego põe-se em perigo caso a economia afunde, e conseqüentemente, empreende as suas esperanças naquela figura icônica, populista, a qual viabiliza discursos esperançosos de que conterà esses problemas e fazer com que a sociedade cresça, foi desta forma que figuras como Hitler subiram ao poder.

Fora nesse sistema que a dominação total sobre os corpos intensificara. Primeiro, privaram os corpos de suas liberdades individuais, propagando-se os discursos de medo mencionados acima. Prometendo-se cuidados sobre estes corpos, fomentava-se o controle e posteriormente o usufruto da vida destes sujeitos. Os campos de concentração no sistema desenvolvido pelo nazismo, serviam antes de mais nada, como uma segunda estratégia para o empreendimento das mortes dos refugiados, é interessante perceber que muitos iam aos campos em um primeiro momento para trabalhar, enquanto outros já eram direcionados para a morte, entretanto, à medida que os corpos iam desgastando-se, o ponto final seria a morte de toda forma.

É importante perceber que o refugiado ao ser considerado como tal era destituído de seus direitos enquanto cidadão. Neste sentido, era um corpo que precisava ser extinguido da sociedade alemã segundo a consciência do governo atuante da época, pois segundo a compreensão científica da época adotada para o regime, esses sujeitos faziam parte das mazelas e eram causas motivadoras que causavam o afundamento do país. Essa ótica segregadora está imbricada a um fenômeno que ocorrera em diversos momentos diferentes da história: a Eugenia. Conceito empregado pela primeira vez por Francis Galton, em 1889, a qual

na sua obra *Natural inheritance*, usou esse termo pela primeira vez, fundando essa nova ciência que visava promover o bem do gênero humano por meio da preservação das boas disposições hereditárias e da restrição ou anulação das más, tanto no ponto de vista físico como do psíquico. O papel da Eugenia seria o de contrabalançar a viciação da seleção natural, pela higiene das células reprodutoras, pois, para estes cientistas, o progresso ou decadência dos povos determinava-se indissolivelmente pelas leis da hereditariedade. (ROMERO, 2002, p. 110)

Sob a justificativa do melhoramento da nação, iniciaram-se medidas na ciência cujo interesse estava vinculado ao da regeneração humana. A medicina em comunhão aos preceitos higienistas propagava a necessidade da “limpeza do sangue”, sob este preceito definiam que certos sujeitos eram inferiores quando comparados com outros, esses sujeitos eram considerados como degenerados, tendo em vista que na relação hereditária eram dispostos das más características, e nisto inculcavam questões de pele, de beleza, de inteligência (argumento viabilizado com frequência), monetárias, dentre outras.

Neste sentido, os considerados “indesejados” pela nação eram levados a se submeterem a medidas consideradas sãs pela medicina da época. Estimulavam um novo programa de reprodução seletiva que permitiria ao Estado controlar a evolução da sociedade, nesse sistema, consideravam o impedimento da reprodução de certos sujeitos, dentre os quais os considerados pobres, vagabundos e negros, esterilizando algumas mulheres, frequentemente sem o consentimento destas. O objetivo era o aumento da quantidade de pessoas brancas, de olhos claros, bem educados e de classe média.¹⁷ Com o decorrer dos experimentos, e em situação como o de regimes totalitários, o Estado já detinha direito sobre os corpos a um nível tão drástico que já podia decidir sobre seus direitos de vida e morte, e é aí onde encontram-se os refugiados dos campos de concentração nazistas, corpos que serviram de experimento para o projeto eugenista.

Iniciaram os procedimentos sobre esses corpos por meio da desnaturalização e da desnacionalização em massa. Nesse contexto, a destituição de direitos dos corpos, os silenciavam, eram sujeitos sem autonomia para poderem se defender, muito além de serem silenciados eram destituídos de sua Nação mesmo estando dentro dela. Vidas cujo valor político era anulado. Se pensarmos em detrimento às representações individuais nas vidas desses sujeitos, podemos nos ater, por exemplo, a casos de certos homens e mulheres aos quais viviam normalmente em suas casas, pagavam suas dívidas, trabalhavam ou estudavam, contribuía de diversas formas para a Nação, mas mesmo assim eram considerados “indesejados”.

Sob uma perspectiva hereditária, os corpos eram valorados. Enviados a um espaço construído como laboratório para os “indesejados”, um espaço para o excesso, para os que não detinham voz, cujas vidas estavam o tempo todo vigiadas, regulamentadas minuciosamente em todos os aspectos, desde fisiológicos como psicológicos. Neste sentido, as atividades fisiológicas eram motivos de exposição, destituía-se a homens e mulheres direitos básicos, como o de fazer suas necessidades sem que aja policiamento, o ato de expor e humilhar eram modos estratégicos de

¹⁷ Para saber mais e em busca das referências de onde tirei esse argumento, recomendo a notícia veiculada pela BBC intitulada “Eugenia: como movimento para criar seres humanos ‘melhores’ nos EUA influenciou Hitler. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39625619>. Acesso em: 24/04/2017.

desnaturalizar, de fazer com que aqueles sujeitos perdessem seu estatuto de seres humanos. Ali, naquele espaço laboratorial, eram corpos experimentados, nada mais.

O totalitarismo do nosso século [século XX] tem o seu fundamento nesta identidade dinâmica de vida e política e, sem esta, permanece incompreensível. Se o nazismo nos surge agora como um enigma e se a sua afinidade com o stalinismo (sobre o qual Hannah Arendt insistiu tanto) permanece ainda inexplicada, isto ocorre porque deixamos de situar o fenômeno totalitário, em seu conjunto no horizonte da biopolítica. Quando vida e política, dividimos na origem e articulados entre si através da terra de ninguém do estado de exceção, na qual habita a vida nua, tendem a identificar-se, então toda a vida torna-se sacra e toda a política torna-se exceção. (AGAMBEN, 2010, p. 144)

A integração entre medicina e política dão forma à biopolítica. Biopolítica sinteticamente quer dizer que a vida faz parte de um jogo cujos poderes em assunção tomam as decisões sobre o corpo do sujeito, definindo e elegendo condutas, apostando em experimentos, decidindo pela vida ou morte do indivíduo. Neste sentido, as decisões soberanas referentes ao corpo não são só motivados pelos jogos políticos, como também são tecidas por um poder muito ambíguo, o do médico, cuja ciência insere-se em um processo de medicalização como também de policiamento.

Se os experimentos causados nos corpos silenciados não causavam danos às subjetividades dos sujeitos aos quais eram desenvolvidos, assim como no corpo médico que manipulavam as experiências, pesquisadores, interessados e demais funcionários envolvidos nesse laboratório humano, porque esses tipos de procedimentos não foram empregados em países em situação democrática apresentado de forma clara os reais interesses do Estado? Fora preciso o poder legitimador do totalitarismo para dar partida a esse tipo de processo para o caso do nazismo. A respeito disto, é interessante pensarmos na situação oposta, em como se legitimara o poder sobre os corpos experimentados e silenciados em situação de liberdade. E em um momento posterior, discutiremos a questão da vigilância, nesse ínterim, pois essas análises servirão de aporte para entendermos o processo de experimentação dos corpos cuja atuação permanece nas subjetividades dos corpos.

Neste sentido, a era da liberdade a qual vivenciamos atualmente é marcada por grandes técnicas disciplinares, sob formas de poder que agem sobre os corpos de

maneira que os civilizam e os docilizam para o comportamento rotineiro enviesado em perspectivas específicas que agem nos mínimos detalhes, cuja disseminação contemporânea age nos liberalismos, na liberdade econômica, cultural, social e política. Assumindo de forma imperceptível e mais agradavelmente o papel do controle sobre os sujeitos, estende-se os procedimentos de coerção através da liberdade. O governo liberal compreende o sistema panóptico, segundo Foucault citando Bentham, a qual consiste em “dar espaço a tudo o que pode ser a mecânica natural tanto dos comportamentos com da produção. Deve dar espaço a esses mecanismos e não deve ter sobre eles nenhuma outra forma de intervenção, pelo menos em primeira instância, a não ser a da vigilância.” (2008, p. 91)

O governo tem plena liberdade de intervir quando em sua vigilância percebe condutas que agem contra o que ele delimita como acertado para um bom funcionamento da sociedade, na perspectiva do bem-estar e da produtividade da mesma. Neste sentido, o panoptismo não se limita às instituições, mas também caracteriza-se como método para governamentalizar os corpos através do Estado. O poder desenvolvido no regime totalitarista imposto pelo nazismo assume nova roupagem, novas práticas discursivas e educativas, sociabilizadas politicamente.

No Panopticon vai se produzir algo totalmente diferente, não há mais inquérito, mais vigilância, exame. Não se trata de reconstruir um acontecimento, mas de algo, ou antes, de alguém que se deve vigiar sem interrupção e totalmente. Vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder – mestre – escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão – e que, enquanto exerce esse poder, tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles, um saber. (FOUCAULT, 2009, p. 88)

O saber aqui referido não limita a determinar os acontecimentos vivenciados pelos corpos, mas se esses corpos estão sabendo desenvolver corretamente as normas, fazendo com que desta forma a sociedade progrida da forma prevista. A perspectiva atenuante neste caso não é só em detrimento à norma, mas principalmente a seus agentes e a concretude de suas ações. As instituições se localizam nesse cenário, ao invés de segregarem os sujeitos, elas assumem gradativamente o papel de unir a sociedade em um princípio produtivista (para o caso das fábricas), ou ao um princípio relativo à formação destes (como no caso das escolas) ou até mesmo para a atividade da

correção (como no caso das prisões), todos esses processos devidamente regidos de acordo com a norma.

Essas instituições assumem lugar substancial no funcionamento da sociedade. Elas implicam o controle nos mais diversos aspectos sobre os corpos, no início da vida as normas são viabilizadas nas escolas, sob ordens e conselhos, elas são ressoadas e muitas vezes apropriadas. Outras instâncias atuam em tempo integral atingindo a totalidade dos corpos, a prisão se coloca como exemplo para tanto. No ambiente médico, o tempo regido e controlado para medicamentos, consultas, visitas, dentre outros aspectos regem normalizadamente os corpos. Neste sentido, não é especificamente o tempo que é controlado nessa situação, mas o corpo em si.

O poder instituído sobre os corpos por meio destas instituições é polivalente, pois ele atinge diversas dimensões no corpo, seja política, econômica, cultural, política, sexual, enfim. Tal poder é tão abrangente que insere-se inclusive sobre o saber, tendo em vista que os sujeitos expostos ao olhar daquele que detém o poder são levados à confissão, seja através do olhar inquisitorial da professora sobre o aluno travesso, ou do médico que sabe que o paciente não está falando a verdade a respeito dos atos que cometera para estar naquele recinto, ou até mesmo do presidiário que deve responder as perguntas julgadoras do diretor da prisão.

Através do olhar nesse processo normativo a qual a sociedade vem se submetendo, transfigurado de liberalismo, formam-se saberes. Por meio de uma breve análise comportamental, percebendo certas características específicas que classificam e comparam os indivíduos, é possível traçar um saber sobre os sujeitos, os códigos de silêncio disseminados nos corpos, são aos poucos decodificados e expostos. É por meio da aquisição e classificação dos saberes sobre os corpos, que estes são segregados em grupos, cujos membros tendem a caracterizar-se iguais em decorrência de práticas discursivas e educativas por meio da normalização dos gestos. Logo, sobre um prisma de corpos experimentados, é através do saber obtido mediante a vigilância que novos códigos de comportamento são fomentados e, posteriormente, novas formas de controle.

- **1.3 - O corpo normatizado: A formação do homem modelo**

Um outro momento sobre a história do corpo consiste no desenvolvimento das normalizações estéticas que são experimentadas, difundidas e praticadas. No século XX, o corpo adquire o direito à saúde, mediante os conhecimentos e novas tecnologias adquiridas pela medicina, estar saudável tornou-se um dever. Para além de estar livre das doenças, um corpo saudável é aquele que representa bem-estar, qualidade de vida e uma estética positiva que coincida com as normas de beleza em vigência na época. Nesse ínterim, a solicitação pela assistência médica vivenciava novos trajetos, gradativamente mais atenuante no cotidiano dos sujeitos.

A história do corpo no século XX é a de uma medicalização sem equivalente. Ao assumir e enquadrar um sem-número de atos ordinários da vida, indo além daquilo que fora anteriormente imaginável, a assim chamada medicina ocidental tornou-se não apenas o principal recurso em caso de doença, mas um guia de vida concorrente das tradicionais direções de consciência. Ela promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações. (MOULIN, 2008, p. 15)

Os avanços da cientificidade médica estavam em ascensão, e nesse sistema, expectativas positivas eram esperadas para o futuro da história da ciência, tal qual fora possível a consolidação da mesma enquanto se apresenta na atualidade, entretanto, o domínio científico não era total no início do século XX, pois é preciso levar em consideração alguns pontos específicos: O primeiro, trata-se da observação de que na época havia uma sociedade pouco acostumada a vivenciar em seu cotidiano o conhecimento científico, tendo em vista que o conhecimento tradicional veiculados entre as gerações dos grupos familiares tendiam a uma maior representação, neste sentido, as ideias veiculadas pela ciência não foram de imediato aceitas para serem praticadas e propagadas entre os sujeitos comuns da sociedade, para tanto a medicina utilizou de recursos sutis, mas potencializadores em sua aceitabilidade, dentre os quais, destacamos a reformulação do discurso e do espaço médico.

Em segundo lugar, destacamos os outros métodos de cura fortemente utilizados na época e que estavam imbricados no conhecimento tradicional, dentre os quais, aqueles que eram eleitos e praticados por agentes responsáveis pelo conhecimento correspondente à natureza, como os curandeiros e as rezadeiras, eram/são portadores de

verdades, considerados conhecimentos atenuantes no processo de cura, inclusive pela população menos abastada financeiramente e que, portanto, não detinham da oportunidade do acesso ao médico (que em dada época eram profissionais que atuavam principalmente nos espaços das casas de seus pacientes, que conseqüentemente pudessem pagar, logo, visto por este ângulo, o médico era um símbolo de *status* em detrimento ao paciente).

No entanto, com o desenvolvimento das eficácias propiciadas pelo corpo médico, como os benefícios dos medicamentos, era obsoleto não integrar as novidades que esse campo propagava. Compreendemos, desta forma, que houvera uma maior diluição das doenças do que propriamente a efetivação da cura das mesmas, mas levando-se em consideração a gravidade de certas doenças que foram atingidas pela medicalização, e conseqüentemente, foram minimizadas ou destituídas (mesmo que parcialmente) do dia a dia da população, são dados bastante animadores e aos poucos bem valorados. A percepção de que a partir desses medicamentos e do cuidado médico se é possível atingir certa longevidade também é bastante convidativo.

Em uma ótica cada vez mais produtivista, atenuada pela industrialização e ao crescimento das cidades e departamentos na América Latina, perspectivas de vida elevadas através da ideia do bem estar eram de bom tom e ressoadas por discursividades advindas de países como os Estados Unidos, para além disso, a atividade produtiva do trabalho requer trabalhadores saudáveis, e se caso ficarem doentes, que tenham um processo de recuperação rápido, nessas circunstâncias a medicalização se situa como uma grande oportunidade. Os antibióticos e demais remédios utilizados sob esta ótica passam a fazer parte do consumo individual dos sujeitos, e neste sentido, há um crescimento considerável da valoração dada aos profissionais da ciência e dos conselhos e normas estimuladas por estes.

A ambição de uma definição deste tipo a situa, portanto, em uma órbita que ultrapassa a da pura medicina. Mas esse direito à saúde foi efetivamente monopolizado pela única corporação que possuía uma ideia preciso daquilo que queria dizer. A medicalização, encetada em meados do século XIX e apoiada pelos poderes públicos, fez dos médicos os intermediários obrigatórios da gestão dos corpos presos em uma rede de obrigações em concordância com os grandes acontecimentos da socialização: entrada na

escola, serviço militar, viagens, escolha de uma profissão. (MOULIN, 2009, p. 18-19)

Aos poucos, propagavam-se os conhecimentos entre os sujeitos comuns, fomentando em suas vidas os conselhos higienistas, a arquitetura das casas também vivenciam novas perspectivas, de forma geral, os médicos passam a ter credibilidade suficiente para ditar regras nas mais diversas instâncias e nos mais diversos poderes e instituições, logo haviam regras e conselhos não apenas no ambiente privado do lar, como também na escola, na rua, nas fábricas, dentre outros espaços. Retomando o que vínhamos dizendo a respeito da junção da política para com o conhecimento médico, é interessante mencionar como nesse caso há a império entre ambos os poderes, tanto o médico quanto o político. Porque o discurso médico conseguira atingir o patamar de poder que governa os corpos, o soberano.

Assim sendo, o silêncio sobre os corpos especializa-se através dos conhecimentos médicos tão abundantemente difundidos. O silêncio agora se encontram nos órgãos, era proibido que o corpo “falasse”, pois podia ser facilmente controlado por meio dos medicamentos, logo qualquer barulho estranho apresentado aos poucos irá se colocar como inadmissível pelas regras de bons modos e de etiqueta nas sociabilidades, isto não é nada menos que normas estipuladas e propagadas pelos conhecimentos científicos que tomam forma de conhecimento popular, provavelmente como estratégia para uma maior propagação. O silêncio dos órgãos era inclusive estimulado pela vigilância social, pois os sujeitos não só passaram a acreditar e vivenciar nos conhecimentos médicos como também passaram a ser vigilantes para a manutenção e fomentação das normas estipuladas por esse saber.

o espaço médico pode coincidir com o espaço social, ou melhor, atravessá-lo e penetrá-lo inteiramente. Começa-se a conceber uma presença generalizada dos médicos, cujos olhares cruzados formam uma rede e exercem em todos os lugares do espaço, em todos os momentos do tempo, uma vigilância constante, móvel, diferenciada. (FOUCAULT, 2006, p. 33)

Se em face das diversas perspectivas a qual vivenciara o corpo, como dito no começo desse texto, o momento que falamos aqui é especialmente curioso pois insere-se diretamente nas subjetividades dos sujeitos. As subjetividades dos corpos foram metamorfoseadas quando destrinchados, quando observados pela arte, tiveram seus

pudores colocados em cheque, foram experimentados, levados à prática discursiva, esperando por alguns (os envolvidos) que novos conceitos e didáticas fossem empreendidas dali. Quando descobertos após a morte, na elaboração da autópsia, o corpo fora tocado, mesmo sendo um objeto inanimado, que não detém mais sentimentos, vida, aqueles que mexem com o cadáver possuem, tecem novas subjetividades, novos conhecimentos, apreendem novas perspectivas, é um processo cujo desenvolvimento altera a forma de ser daqueles que o realizam, assim como daqueles que recepcionam as novidades advindas daí.

No entanto, no contexto da medicalização, cujo abraço forte da medicina a controla e a domina, o corpo, depois de diversas vezes silenciado, reestruturado nas tessituras das subjetividades, depois de experimentado, mesmo quando há vida naquele sujeito, mas o predeterminam enquanto passageiro para a morte, o corpo empreende subjetividades diversas, não se trata aqui do olhar do outro sobre este corpo, mas do olhar dele sobre si, a vigilância se ampara na própria sociedade que a vivencia em multiplicidade e heterogeneidade. As subjetividades neste caso são expostas e criadas em um processo desenfreado, em um ritmo avassalador, e a medicina controla o progresso dessa conjuntura como quem tem as cordas de suas marionetes e, posteriormente, desenvolve a história em um cenário que lhe é familiar.

Nesse ínterim, a medicalização progride principalmente em países subdesenvolvidos, tendo em vista que se dissipara nessas localidades o desejo e a necessidade pelo bem estar alcançado individualmente por meio dos medicamentos, era uma possibilidade de ascensão de vida, o cenário prometia melhorias, se o corpo atuante estivesse disposto a se debruçar sobre ele, para tanto, se fazia necessário apenas deixar que o conhecimento e a normalização científica assumissem as cordas das marionetes. É deste modo, que os serviços de saúde assumem grandes proporções com o decorrer do tempo e os profissionais da saúde assumem voz e as rédeas sobre os corpos silenciosos, para tanto instauravam-se imagens positivas às figuras dos representantes da saúde.

a duvidosa negação do negativo, recebe a bela tarefa de instaurar na vida dos homens as figuras positivas da saúde, da virtude e da felicidade; e ela cabe escandir o trabalho com festas, exaltar as paixões calmas; vigiar as leituras e a honestidade dos espetáculos; controlar os casamentos para que não se façam apenas por puro interesse, ou por capricho passageiro, e sejam bem

fundados na única condição durável da felicidade, que está a serviço do Estado. (FOUCAULT, 2006, p. 37)

O papel desempenhado pelos profissionais da saúde amplia-se de tal forma sobre o cotidiano dos sujeitos que imprime códigos comportamentais diversos. Na citação acima, referida a Michel Foucault no texto “O Nascimento da Clínica”, nos deparamos com alguns exemplos da forma como os corpos foram sendo agenciados na perspectiva de um discurso preventivo médico. Sob a justificativa da felicidade, fomentou-se o controle, uma fiscalização diferente da qual fora empreendida nos campos de concentração ou na época de auge dos discursos eugenísticos, a figura da saúde era positiva, pautada sobre a necessidade dos cuidados sobre o corpo, ela remediava a situação, trazia bem-estar, promovia festas seguras, celebrações sem medo, sob a impressão da segurança, o corpo não temia a forma como era agenciado.

A medicina não deve mais ser apenas o corpus de técnicas da cura e do saber que elas requerem; envolverá, também, um conhecimento do homem saudável, isto é, ao mesmo tempo uma experiência do homem não doente e uma definição do homem-modelo. Na gestão da existência humana, toma uma postura normativa que não a autoriza apenas a distribuir conselhos de vida equilibrada, mas a reger as relações físicas e morais do indivíduo e da sociedade em que vive. (FOUCAULT, 2006, p. 37-38)

Primeiramente, os sujeitos saudáveis são doentes que ignoram este olhar, lembrando do que fora disto neste a respeito da degeneração dos corpos, mesmo um sujeito cuja vida é regrada numa perspectiva saudável, alimentado-se bem, fazendo atividades físicas, vivendo em ambientes limpos e saudáveis mediante as normas dissipadas pelo higienismo, este sujeito terá seus órgãos passando pelo processo de degeneração de toda forma, pois eles estão sendo utilizados pelo corpo, e consequentemente, o uso causa desgaste. Tendo isto em mente, esse sujeito-modelo em referência à norma médica, necessitará da medicina em alguns momentos específicos de sua trajetória, no entanto, segundo a própria norma, apresentará uma longevidade maior, assim como a representará o bem estar em seu cotidiano. É nessa figura a qual a medicina se apoia e representa seus avanços, e é nela que a sociedade encontra determinação para serem agenciados.

Deste modo, a perpetuação do conhecimento higienista ressoava e tomava forma no ambiente do lar. Tendo em vista que as práticas educativas sociabilizadas no privado eram soma de saberes, sejam eles de conhecimento comum, saberes científicos ou midiáticos apreendidos pelas experiências tanto em convivência naquele ambiente específico, como também no ambiente externo, nas trocas de saberes com autoridades, com pessoas do senso comum, transeuntes das ruas carregadas de informações frequentemente novas advindas dos tempos modernos. Introjetavam-se desde a idade mais tenra saberes que promulgavam um modelo de ser e viver. A casa, neste ínterim, era o espelho daqueles que lá habitavam, e em uma época cujas normas médicas eram dissipadas, igualmente, a casa deveria acompanhar os ditames normalizadores, em face disto, Vera Sterblitch em seu manual de conduta intitulado *Tudo o que uma dona de casa deve saber* (1961) exemplifica:

Será que você é uma dona de casa que pode colocar as panelas em exposição permanente? E' realmente uma beleza ter-se panelas brilhantes e sempre bem limpinhas e parece até que temos mais prazer em cozinhar, e os quitutes saem mais gostosos... porém como conservá-las sempre bonitas, eis a dúvida cruel. Em primeiro lugar assim que terminar com uma panela encha-a com água para evitar que a comida agarre e fique sêca. Tenha sempre à mão uma escovinha apropriada para poder limpar o cabo na parte onde se junta com a panela, pois êste é um local que fica sempre prêto (chamamos em geral de caracas), e muito enfeia as panelas. Se você não encontrar ou não tiver possibilidade de estar sempre comprando detergentes e pastas de limpeza utilize um pouco de fubá grosso com vinagre para dar polimento, e depois enxágüe bem e coloque para secar ao Sol. (STERBLITCH, 1961, p. 74)

Num gesto que prolongava a já antiga tradição de certa cultura impressa (periódicos, na maior parte das vezes, mas também certa literatura “para moças”, em especial), mas que a reelaborava, os manuais de conduta vieram a condensar um catálogo de permissões (e de interdições), a partir dos quais se imaginava que seria possível melhor administrar a vida pública (e privada) de homens e mulheres, justamente pelo controle e pelo regramento minucioso destas últimas. A existência de manuais que difundem conhecimentos tão específicos e detalhados referentes à limpeza do lar nesta época tem um propósito, logo, a necessidade da fomentação deste tipo de discurso há um porque, objetiva-se a construção de um corpo saudável e, para tanto,

experimentaram-se estes corpos nas mais diversas instâncias, o lar também fora experienciado como espaço laboratorial.

Analogicamente, o corpo e as panelas são sujeitos/coisas que segundo este tipo de discurso detêm o “dever” de apresentarem-se limpos, tendo em vista a requisição discursiva de uma posterior exposição, que só é possível através de uma analítica vigilância destes sujeitos/coisas para deste modo perceber o desenvolvimento dos mesmos na permanência em face das normas. Se faz necessário atender a normas de beleza que são condizentes e estipuladas por saberes segregadores de uma ritualística eugenística.

Etimologicamente, exposição quer dizer “apresentação por escrito ou oralmente de uma ideia ou um fato”¹⁸, no ato de se apresentar em público o sujeito constrói uma ideia de si e a representa para aqueles que o veem, o prazer e a felicidade estão associados à representação e apropriação da imagem que se é dada do sujeito/coisa, como mencionado pela Vera Sterblitch na citação acima, panelas limpinhas fornecem, inclusive, mais prazer ao se cozinhar, esta ação está diretamente associada às normas higienistas advindas dos conhecimentos científicos difundidos pela medicina, em consequência à apropriação de novos discursos que foram representados nas ritualísticas rotineiras no ambiente do lar geraram-se sentimentos atrelados a estas ações, dentre os quais, prazer e asco. A sensação de repugnância ao estar diante de alguém pouco asseada é um comportamento apreendido em função do tempo e da apropriação discursiva propagada entre os povos, logo, para algumas civilizações atenua-se de maneira mais profunda que em outras.

O rito situa-se na felicidade orgânica, nos hábitos higiênicos e saudáveis e o vigor produtivo da nação, assim como a fecundidade e prolongamento da sociedade são eram difundidas pela normalização. De forma mascarada, promulgam-se os mesmos conceitos experimentais sobre os corpos, sob um prisma da felicidade e da auto satisfação os homens são condicionados a agirem sob determinada expectativa. Desta forma, pensando agora de forma mais específica, como eram condicionados os corpos

¹⁸ Para saber mais em detrimento à etimologia da palavra “exposição” consultamos na internet. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/exposicao/>>. Acessado em 17/05/2018.

em detrimento às prescrições médicas levando-se em consideração as diferenças de sexo?

[...]El doctor puede dar los consejos prudentes para prevenir enfermedades y corregir defectos; también por su experiencia social puede dar los consejos en nuestros desajustes familiares y en nuestras querellas personales. [...] El consejo que da un médico es el resultado de muchos años de estudio y de paciente investigación; no lo dicta únicamente por deseos de lucro, porque se ha formado una moral durante su carrera, que nadie le puede discutir. (CRUZ ROJA, 1952, p. 42)¹⁹

O saber médico veiculado à ideia de homem/máquina relaciona à saúde à qualidade e melhoria de vida. Por consequência, o corpo era estudado cientificamente para ser normalizado, cujo comportamento era compreendido como produto das pressões do meio ambiente e respondia a estímulos que podiam ser medidos, previstos e controlados, o que consequentemente formariam padrões comportamentais nos mais diversos grupos sociais. Logo, o aparato científico do cuidado médico não era limítrofe ao espaço científico, viabilizado pelo contato entre médico e paciente, mas ampliava-se a todos os espaços que podiam ser agenciados conforme este saber/poder. Tendo isto em vista, a presença do conselho médico na “experiência social” e nos “desajustes familiares” corrobora a atenção para o espaço privado cujas práticas educativas veiculam-se sob dada norma.

Em suma, a vida privada ganha atenção, pois é no espaço do lar que nascem paradigmas e de lá são veiculados ao espaço da rua. A autoridade do médico em uma perspectiva mecanicista vislumbra um corpo/objeto com defeito, unidades específicas de seu organismo/sistema que precisam de atenção e resolução, a atuação do defeito é veiculada a falta de se fazer parte do padrão, pois para se fazer parte de um grupo social

¹⁹ [...] O doutor pode dar os conselhos prudentes para prevenir enfermidades e corrigir defeitos; também por sua experiência social poder dar os conselhos em nossos desajustes familiares e em nossas reclamações pessoais. [...] O conselho que dá um médico é o resultado de muitos anos de estudo e de paciente investigação; não o dita unicamente pelos desejos de lucro, porque se formou uma moral durante sua carreira, que ninguém lhe pode discutir.

deve-se ser aceito por ele, compreendendo todo um conjunto de normas às quais apropriam-se a imagem daquele grupo e disseminam-se, se um indivíduo de alguma forma representa um outro papel ou função ou norma que não seja os defendidos por tal grupo social, em consequência disto, é exilado e destituído do grupo, o que gera a sensação de culpa no mesmo. Voltando a perspectiva mecanicista, um corpo/objeto com defeito não detém qualidade, portanto, não faz a máquina social trabalhar adequadamente.

Desta forma, como um agente patogênico que corrobora na disfunção corporal e impossibilita o corpo de exercer suas funções da forma assimilada pelo saber científico como irregular, não exercer a normatividade transforma o sujeito em um câncer para o prosseguimento idealizado para o corpo social. No ambiente privado, a figura feminina deve ser a ideal, a que segue com primor as normas indicadas para a senhora do lar, pois em consequência disto, será permissível segundo a literatura de normalidade um bom prosseguimento para a família e, posteriormente, para a Nação. A mulher que detém sua função social ligada às atividades do lar, ao ser boa mãe, esposa, senhora do lar, precisará ser perfeita, mantendo-se longe do sentimento de culpa, fazendo de seu corpo uma máquina de perfeição.

Corroborando com a discursividade científica está aquela formada em detrimento ao perfil feminino ideal. A qualidade de vida de uma família está diretamente ligada ao bom exercício da progenitora, daquela que para as revistas femininas²⁰ é responsável pela manutenção do amor na casa, responsável pelo trata para com os filhos, exercendo através de sua docilidade e beleza o apaziguamento entre as relações e continuidade da ordem normalizadora. Mas na docilidade mal exercida segundo esse discurso fomenta-se a culpa, é nesta figura feminina que recai a responsabilidade sobre erros e acertos dos bons e maus funcionamentos da gestão do lar e da família.

É muito importante, a meu ver, não confundir esses procedimentos de culpabilização, produzidos sistematicamente por todos os sistemas de modelização, de formação da subjetividade, com uma espécie de mecanismo

²⁰ Uso para fundamentação deste argumento a discursividade exposta na revista Gloria, uma das fontes utilizadas neste trabalho, aos quais utiliza de matérias como: que veiculam este tipo de informação a qual me refiro.

sadomasoquista que, na descrição freudiana, seria de natureza intrapsíquica (do tipo de conflito Eros/Thanatos). Em outras palavras, lidar com essa problemática não passa por uma psicanálise generalizada, mas sim por procedimentos micropolíticos, pela instauração de dispositivos particulares que dissolvam esses elementos de culpabilização dos valores capitalísticos. (GUATTARI, F. ROLNIK, S.1996, p. 41)

De formas bastante singulares e subjetivas interiorizamos ideias, valores, normas e gestos, relativiza-se essa questão segundo as nuances vivenciadas culturalmente e propagadas em práticas educativas em sociabilidade. Os sexos assumem papel fundamental nessa questão tendo em vista que as normas delimitam distinção com base nas diferenças sexuais, ao longo da história foram ensinados dentre muitos conteúdos, civilidade e cortesia, as quais eram/são fundamentadas de acordo com as sensibilidades fomentadas segundo a gramática do sexo, neste sentido, ao corpo feminino ressoavam normalizações de “sexo frágil” subjetivando-se características como a sensibilidade e a fragilidade, por outra parte, ao homem se era recomendado por esses discursos a força e o poder, deste modo, a virilidade exerce uma função social no corpo feminino compreendido como vulnerável e, conseqüentemente, subjugado ao conformismo da diferença e enaltecimento do sexo masculino.

Nesse ínterim, é possível questionar o sentimento de culpa e fraqueza fomentado ao sujeito feminino, pois no ambiente do lar, como víamos, recai sobre este sujeito às principais responsabilidades, deste modo, ao passo de que se é possível transviar as normas e demais receitas exemplificadas às convivências familiares, a culpa recairá sobre este corpo, a qual o conhecimento difundido o exemplifica como fraco e, posteriormente, potencializa a culpa. Os sujeitos de sexo masculino também são capazes de subjetivar culpa e ressentimento mediante às normatividades, no entanto, no espaço do lar, são credores de tamanha autoridade que a fomentação do pai e marido ideal são concernentes à força e poder, cujo dever está ligado em gerir financeiramente o lar e quando preciso estipular autoridade aos membros da família.

É preciso salientar que as subjetividades silenciosas cujos corpos afloram são demarcados de forma muito individuais, ou seja, determinada prescrição pode ser bem concebida por um homem, mas vista de forma negativa por outro. Em detrimento aos sexos, a situação não é diferente. Primeiro, levamos em consideração a questão do pudor imbricado principalmente ao corpo feminino. O toque do médico, as normas por

ele estabelecidas, o olhar que vigia, o controle de forma geral, incide de forma diferente em comparação ao corpo masculino. É uma questão muito mais sensível quando considerada em face à rotina das mulheres da primeira metade do século XX.

Para além disso, consideraremos também a questão da reprodução, é preciso lembrar que antes quem detinha os cuidados sobre o corpo feminino para o nascimento de seus filhos eram as parteiras, a mulher tinha seus filhos em casa, sob o toque feminino e auxílio de outras mulheres, era algo muito subjetivo, mulheres que tocam em mulheres, não havia nada ali que outra mulher não tivesse também, por exemplo. Com a inserção cada vez mais frequente da figura do médico (que frequentemente eram homens), a figura feminina teve que se adaptar e desassociar-se ao pudor do toque.

Por outro lado, a medicina com seus avanços na obstetrícia promovera longevidade a muitas mulheres, tendo em vista que o parto anteriormente era sempre um processo de risco, sem o auxílio das inovações médicas, quaisquer complicações que atualmente podem ser consideradas com naturais no processo da gravidez, poderiam causar a morte de um dos indivíduos ou até mesmo dos dois, tanto da mãe como do filho. Com o decorrer do tempo, a medicina proporcionou à figura feminina a possibilidade da segurança ao que tange o nascimento do seu filho, tornando a gravidez um processo muito mais agradável de ser vivido. A medicina não só agia durante o processo do nascimento da criança, como também durante todo o período gestatório, regularizando inclusive a alimentação da mãe para tornar cada vez mais saudável a gestação.

A forma como a medicina apresentara-se nas subjetividades dos corpos fora tão atenuante que desenvolvera, inclusive, novos modelos comportamentais, através da experiência do acompanhamento médico sob a característica dos exames periódicos influenciava na elucidação dos conselhos e das normas, tendo em vista que é um processo minucioso, inculcado aos poucos. Neste sentido, o corpo feminino fora experimentado de forma que atravessasse suas tradições e expusesse suas nuances, nas relações de poder que envolviam o corpo feminino e do médico, na relação para com os outros e na relação para consigo.

Nada mais parece escapar ao domínio médico na medida em que as enfermidades são resultado de todo um processo vital, que, em sua essência,

é patogênico. E o mesmo se dá no plano social em que se originam os desajustamentos que levam aos diversos tipos de “doença mental”. As relações entre pais e filhos, entre esposos, entre colegas de trabalho, entre integrantes de equipes esportivas etc. Se tornam objetos de atenção e prescrição médica, na tentativa de prevenir desajustamentos e desta maneira preservar dos indivíduos e aprimorar a ordem social constituída. A medicalização das relações sociais torna-se, pois, também a consequência inescapável da tendência de atribuir aos SS o controle dos conflitos no plano interpessoal, social e até mesmo político. (SINGER, 1981, p. 64)

No olhar a si mesma e se perceber na relação com o outro de acordo com a normatividade impulsionada pela medicina, a figura feminina sofrera certas influências específicas que causaram transformações profundos no modo de enxergar o corpo em detrimento a massa, neste quesito encontram-se as normalizações voltadas à estética, a qual delimitavam especialmente normas sobre os corpos quanto ao peso no sentido da produtividade. Uma mulher que esteja acima do peso, sob a ótica difundida, estará fora do padrão e, conseqüentemente, não obterá resultados saudáveis e de bem estar que garantirão a longevidade. Como garante o doutor Mathews Vaunsherdas na coluna “Para vivir mejor” da revista Gloria, edição de número 33, difundida no período de novembro e dezembro de 1951.

Diarios y revistas están llenos de avisos de medicinas para adelgazar sin disminuir la comida ni aumentar el ejercicio. Muy frecuentemente las personas de peso excesivo se sienten tentadas a recurrir a estos métodos rápidos, lo cual es extremadamente peligroso, puesto que muchos de estos medicamentos no solamente son inútiles sino demasiado nocivos para la salud. El mejor método para bajar de peso es saber por medio del médico si el estado de la salud es normal. El puede sugerir cambios de alimentación que de sugerir cambios de alimentación que no priven al organismo de elementos esenciales. Muchas veces basta suprimir dulces o golosinas que se comen entre las comidas; otras veces aumentar el ejercicio es suficiente. En todo caso es más fácil y seguro seguir las instrucciones del médico, que tomar esa responsabilidad personalmente. (VAUNSHERDAUS, 1951, p. 39)²¹

²¹ Jornais e revistas estão cheios de avisos de medicamentos para emagrecer sem diminuir a comida nem aumentar o exercício. Muito frequentemente as pessoas de peso excessivo se sentem tentadas a recorrer a estes métodos rápidos, o qual é extremamente perigoso, posto que muitos destes medicamentos não somente são inúteis sendo demasiado nocivos para a saúde. O melhor método para baixar de peso é saber

Neste breve trecho da fala do médico responsável por esclarecer certas questões relacionadas a saúde e estética na revista Gloria, exemplifica uma série de outras questões plausíveis de se ater neste discurso. Pensar em um primeiro momento, por exemplo, a discursividade dissipada por outras revistas em detrimento ao corpo, ao que se pode entender, difere ao discurso veiculado pela revista colombiana Gloria, os discursos das outras revistas e jornais viabilizam “avisos de medicamentos para emagrecer”, são o que nós brasileiros reconhecemos como soluções “milagrosas” as quais vez por outra enganam muitos sujeitos, neste sentido, é plausível pensar o quão a indústria da estética já nesta época lucrava com a fomentação de um corpo ideal, e que corpo seria esse?

A medicalização permitira ao médico muito aquém de prevenir doenças, mas de prescrever condutas, normas e definir o que é bom e sadio para o crescimento da Nação. O corpo, nesse sentido, obedece (há transgressões) aos conselhos muitas vezes por medo sob um olhar inquisidor, a atualidade entretanto, faz com que o corpo obedeça para que possa fazer parte do padrão, e desta forma, inserir-se ao grupo dos “normais”, mas o que é ser normal? Para isto, o corpo novamente se cala, imprimir sons é desagradável segundo a ritualística comportamental da etiqueta, obedecendo conselhos higienísticos.

A figura feminina, nesse contexto, vivencia a normalização e naturalização de seus gestos que nem sequer foram escolhidos por ela, são opções tomadas por um saber, um saber cujo poder delimita o que é certo e errado para seu bem estar. No decorrer desse texto e, conseqüentemente, nos próximos capítulos, questionaremos algumas naturalizações impressas sobre o corpo feminino por meio de fontes como os manuais de condutas, para isso, discutimos como fora fomentado partes desses discursos que normalizam mediante o biopoder, em uma junção entre medicina e política.

pelo meio do médico se o estado da saúde é normal. O sugerir mudanças de alimentação que não privem ao organismo de elementos essenciais. Muitas vezes basta suprimir doces ou guloseimas que se comem entre as refeições; outras vezes aumentar o exercício é suficiente. Em todo caso é mais fácil seguir as instruções do médico, que tomar essa responsabilidade pessoalmente.

- **1.4 - O corpo medicalizado: A prescrição médica sobre as condutas femininas**

Para tanto, é preciso compreender a fomentação desse discurso nos contextos brasileiro e colombiano. As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por conflitos, tensões e certos progressos econômicos. No Brasil, em 1951 começa o segundo governo de Getúlio Vargas que encerra por volta de 1954 com o suicídio deste, após o governo de Café Filho, entra em ação o presidente Juscelino Kubitschek cujo governo fora marcado principalmente pelo interesse dele em uma Nação moderna. Enquanto que a Colômbia passava por um período compreendido por “La Violencia”, há estudiosos que dizem que esse período data entre os anos de 1948-1958, mas há controvérsias, esse período caracteriza-se pela tramitação de conflitos entre os principais partidos que costumeiramente governavam o país, Liberal e Conservador.

A década de 1960 no Brasil identifica-se pela ascensão dos militares ao poder e assim perpetuou nos próximos anos por inúmeros conflitos sociais. Enquanto que na Colômbia, “La Violencia” teve seu fim através de um acordo acometido por ambos os partidos, a qual iriam alternar a assunção do governo, antes disto, a Colômbia fora governada por um ano pela Junta Militar Colombiana nos anos de 1957 a 1958. Com base nas informações dadas sobre a situação política a qual encontravam-se ambos os países é possível compreender como desenvolvera-se o plano de desenvolvimento com base na modernidade para ambos os contextos: em volta de tensões.

A tensão e o progresso caminham juntos em muitas histórias, o silêncio e a calma se faz necessário para o desenvolvimento da paz²², nesse contexto, na literatura de normalidade, há sempre referência à figura feminina enquanto genetriz da paz no ambiente do lar, quando numa situação de divergência, geralmente cabe à mulher ceder, se por ventura os filhos desobedecerem, cabe a mãe ensinar o “caminho correto a ser

²² Em detrimento a isto, exemplifico a questão com o caso de Marianne e seu seio, considerada como a responsável pelo desenvolvimento da Nação Francesa, a qual a população apoiara-se em seu seio, na figura materna que ela representava para encontrar forças e reunirem-se em prol do progresso da mesma. Para maiores detalhes a respeito desta história, ler: SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Tradução de Marcos Aarão Reis, 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

seguido” e só em último caso atrapalhar o descanso do pai. Em consequência disto e considerando a autoridade que a figura materna determina no ambiente doméstico, o domínio da prescrição médica sobre os ensinamentos maternos era exponencial.

A respeito do significado de prescrição aqui compreendido, citamos Foucault, no texto intitulado História da Sexualidade Vol. 2: O uso dos prazeres, em um exemplo do que ele considera o ato de prescrever, no trecho em questão, Foucault discute as prescrições associadas a figura masculina ao que concerne a sua posição na instituição do casamento:

Além disso, que a prescrição seja simétrica (como em Platão) ou que ela não o seja, não é sobre a natureza particular e sobre a forma própria da relação conjugal que se estabelece a temperança demandada ao marido. É, sem dúvida, porque ele é casado que sua atividade sexual deve sofrer algumas restrições e admitir uma certa medida. Mas é o status de homem casado, e não a relação com a esposa que o exige: casado, como o quer a cidade platônica, segundo as formas que ela decide e para lhe dar os cidadãos dos quais ela necessita; casado, e por isso tendo que gerir uma casa que deve prosperar na boa ordem, e cuja boa manutenção deve ser, aos olhos de todos, a imagem e a garantia de um bom governo (Xenofonte e Isócrates); casado e obrigado a fazer funcionar, nas formas da desigualdade própria ao casamento, e à natureza da mulher, as regras da justiça (Aristóteles). (1984, p. 162)

Neste sentido, prescrição é uma forma de comandar o comportamento de outrem através de normas estabelecidas por algo ou alguém, no caso mencionado acima, a situação refere-se às normas estabelecida pelo governo e pela justiça. O conhecimento veiculado em normas presentes nos manuais de condutas detêm interesses de diversas instituições, tanto política, como médica, como econômica, e conseqüentemente, alinhando as prescrições médicas aos conselhos e prescrições presentes nos manuais de condutas, configura-se na figura materna e nos conselhos dela para com seus filhos, o futuro da Nação. Mas para ser uma boa mãe, é preciso antes ser uma boa dona de casa, pois segundo a literatura de normalidade, aquela que se empenha em detrimento ao ambiente do lar, certamente saberá agir ao que tange à sua família.

Levando-se em consideração ao contexto de progresso, é plausível pensar que nem todas as mulheres concentravam-se apenas no ambiente doméstico, muitas exerciam cargos, trabalhavam em fábricas, escolas, e conseqüentemente, estimulavam a economia

do país. Neste sentido, qual o papel dessas mulheres nos manuais de condutas que veiculavam à figura materna o progresso futuro? Neste tipo de literatura, a mulher que trabalha também é a que tem filhos e cuida do lar, mas em um caso específico, por motivos variados, precisa exercer funções fora de casa para obter um bom desenvolvimento de sua família.

Logo, é a família a responsável principal pelo progresso do Estado, e uma família devidamente medicalizada, gerará um futuro sadio. O corpo, portanto, perde sua autoridade sobre si mesmo, são agora dispositivos condicionados por uma norma superior, sob um interesse específico, cuja finalidade é veiculada ao sistema capitalista que impera na economia, política, educação e cultura dos países. Gradualmente desenvolvem-se silêncios em corpos cada vez mais medicalizados, cuja aceitabilidade compreende com positividade a ação médica em normas imperceptíveis muitas vezes, levadas a crer como rotineiras, os tipos de condutas compreendidas como salvacionistas de uma população enferma em conflitos que precisa reerguer-se por meio da paz, uma paz que muitas vezes só é proporcionada de acordo com a docilidade materna.

Consequentemente, se faz presente na mídia das décadas de 1950 e 1960 uma volta ao lar das mulheres, que elas deixassem seus postos em ambientes externos, e assumissem o comando de seus lares, segundo a literatura de normalidade, só a mulher é capaz de liderar de modo eficaz esse espaço, pois nela há as características necessárias para tanto, pois a mulher é compassível, submissa, atende aos preceitos de higiene, apaixonada e docilizada pela sua família. A naturalização da maternidade e do papel feminino no ambiente doméstico, acaba por definir-se enquanto fundamental na constituição da identidade feminina.

Segundo Joan Scott, afirma que “essas questões presumem que a identidade é um processo complexo e contingente suscetível a transformações. Elas também subentendem que política é a negociação de identidades e dos termos de diferença entre elas (1989, p. 29)”, é possível presumir por meio dos discursos presentes nos manuais de condutas que papéis que são direcionados às identidades de gênero, por exemplo, à mulher é indicado elegância, agilidade, altivez e formosura; enquanto que para o homem é possível perceber gestos de preguiça, descanso, vigilância e descanso no espaço do lar.

O olhar disponibilizado em corpos dissuadidos em papéis específicos, segundo as identidades de sexo, fomentam condutas distintas em espaços públicos e privados, se no primeiro exigem-se comportamentos mais acometidos, recheados de pudor e concentrados de certa disciplina, no ambiente doméstico, subjetivam-se códigos de maior comodidade, a qual os indivíduos têm liberdade de se expor, pois estão em seus espaços específicos. Ao que concerne às prescrições médicas, espaços públicos e privados, na teoria, trabalhariam em conjunto, as normas precisariam ser difundidas em ambos os espaços, neste sentido, o corpo é experimentado, silenciado e condicionado a subjetivar códigos comportamentais em quaisquer espaços que possa habitar.

Na perspectiva de compreender como manuais de condutas produzidos na Colômbia e no Brasil nas décadas de 1950 e 1960 elaboraram práticas educativas em corpos femininos, na intenção de naturalizar a maternidade, docilizá-la mediante a figura masculina, e subjetivas códigos correspondentes a higiene e à estética para desta forma estes corpos femininos poderem contribuir para a fomentação do projeto desenvolvimentista de ambos os países como progenitora dos conselhos de cuidados de si, em prol de uma Nação sadia. Neste sentido, em um primeiro momento, se faz necessário questionar: O que é ser mãe naqueles contextos? O que o discurso médico imprime na naturalização da maternidade? E a dona de casa, posiciona-se de que forma nesta instância?

Capítulo 2: Educa-te!

“Mãe não tem limite, é tempo sem hora, luz que não apaga quando sopra o vento e chuva desaba, veludo escondido na pele enrugada, água pura, ar puro, puro pensamento.”

Para Sempre - Carlos Drummond de Andrade

- **2.1 – As Nações precisa(va)m das Mães**

A figura materna representada nos poemas e demais literaturas geralmente é veiculada a uma imagem de amor, fraternidade, pureza, a um desejo de serem figuras eternas para poderem continuar cuidando e zelando pelos seus filhos. De modo geral, esse tipo de literatura contribui para se introjetar e representar ao longo da história a naturalização da figura materna enquanto especificamente moldada sobre estes códigos culturais. Em detrimento a isto, objetiva-se para este capítulo, pensar como foram subjetivados e propagados códigos culturais, conselhos e normas para a figura materna em revistas femininas e manuais de condutas brasileiros e colombianos, para que dessa forma, possamos compreender como estes códigos influenciaram no desenvolvimento do projeto desenvolvimentista das Nações, tendo em vista que eram palcos de atuação de cenários de tensão.

Quando um indivíduo encontra-se em um contexto de tensão, aquela experiência comedidoamente entrelaça-se há outras instâncias, neste sentido, se o país no qual o sujeito reside vivencia uma situação de crise, seja econômica, política, militar, etc, as tensões concernentes ao público sobressaem também no espaço privado. Em consequência disso, um lar envolto de amor e reciprocidade pode ser alvo de medos, incertezas, contrariedades e tensões mediante ao que acontece externamente a ele, mas que corrobora diretamente a ele. Em uma situação de crise financeira, por exemplo, os lares ficam a mercê dos altos preços cobrados no comércio, o que determina muitas vezes a possibilidade de compras cada vez menores para o bem-estar da família, e consequentemente, haverão entes nas casas cada vez mais desgostosos e desanimados para contribuírem para com a Nação.

O que acontece no lar, desta forma, é importante para o Estado, pois os cidadãos animados e saudáveis contribuem mais para o fortalecimento e crescimento da Nação.

No entanto, esta conclusão é muito plausível e interessante na teoria, mas fora bem aplicada na prática? Em meados das décadas de 1950 e 1960, é possível perceber nas histórias dos países da América Latina inúmeras tensões. A tensão faz parte da nossa história, da formação identitária dos cidadãos, em geral, os países, desde os mais bem sucedidos, tiveram em sua história conflitos, situações que em certa medida definiram a identidade de seus habitantes (atendendo ao plural das massas e ao singular dos indivíduos, em suas subjetividades) e a constituição de seus traços.

Possuindo estas questões em mente, é preciso refletir os contextos. Neste texto, procuramos pensar dois países em específico que vivenciavam tensões de modos diferentes em seus espaços. Como que estas tensões contribuíram para a fomentação da realidade vivenciada no presente destas regiões é um dos objetivos almejados aqui. Qual o papel da figura feminina do espaço do lar nesta questão é outro objetivo. Como as escrituras direcionadas a este público contribuíram para o desenvolvimento desta história também é levado em consideração neste estudo. Para tanto, é preciso evocar as fontes sem ingenuidade, pois a literatura feminina disseminada na época pode ser compreendida por muitos como fútil, tendo em vista que as discussões aparentemente não contribuíam diretamente com o progresso da Nação, pois como que a discussão referente a moda da casa, ao modo de preparo de uma comida, a organização do lar e das vestimentas, dentre outras, poderiam interferir nas crises vivenciadas nos espaços públicos da Nação?

Compreender estes textos de forma romantizada, levando-se em consideração apenas aquelas linhas escritas e ilustrações evocando a época é limitar o sentido proposto. O historiador mediante as experiências de pesquisa e das leituras precisas para a compreensão dos desenvolvimentos históricos, compreende que sobre os discursos há uma série de interesses, às vezes transfigurados e postos de formas quase que imperceptíveis para desta forma possibilitar ao público geral um maior alcance e persuasão. É preciso refletir a história de uma questão em especial levando-se em consideração tudo aquilo que a circunscreve, logo, um texto escrito sobre a decoração de um ambiente, ele tem um público-alvo, ele tem interesses por baixo daquelas linhas, ele tem objetivos e ele contribui para a história da Nação.

O efêmero contribui para ressoar impressões de conformismo e comodidade da figura feminina na formação discursiva proposta para esse público, cuja carga

ideológica estava envolta ao tradicional que desta forma propagava os papéis comuns à literatura para a mulher: senhora do lar, mãe e esposa. Promove-se assim a manutenção dos padrões de subordinação a essas sujeitas, cuja atenção deve-se estar focada aos papéis a elas destinados, segundo esta literatura normalística. Envolver a atenção a um ponto específico dos muitos discursos as quais eram difundidos em uma época, interfere nos questionamentos dos outros discursos. Quando se apresenta às mulheres as possibilidades do novo para o espaço do lar por meio dos artigos modernos, por exemplo, apresenta-se um novo contexto para além das tensões vivenciadas pelo país.

Sendo assim, em meados da primeira metade do século XX, Brasil e Colômbia²³, compartilhavam de uma estrutura social ainda muito marcada pela economia rural, entretanto, haviam cidades²⁴ localizadas nos Estados ou Departamentos aos quais mais se desenvolviam na época que apresentavam quadros cada vez mais modernos, recepcionando novas tecnologias, culturas e códigos comportamentais ditos modernos segundo os grandes centros urbanos do exterior, como por exemplo, Estados Unidos e certos países da Europa Ocidental. A ideia de associar-se ao projeto moderno era bastante sedutora, transmitia à sociedade que o país estava em desenvolvimento, acompanhando as tendências externas e que o progresso de fora estava englobando o país. O novo é compreendido pela literatura como diferente e correspondente a avanços.

A associação do moderno com o novo é histórica, na perspectiva da sua genealogia e da sua invenção. O termo moderno aparece, inclusive, no baixo latim, com sentido de recente, sentido que e mantém na Idade Média, enquanto que se usa atualmente. [...] Ganha, então, mais claramente, o termo moderno o significado de novo, recente, de algo que não tem ligações

²³ É preciso explicar algumas pontas soltas que podem desenvolver-se durante a leitura deste capítulo: Primeiro, a conversa incitada recai sobre os silêncios que foram atrelados ao corpo em diversos momentos e instâncias da história, neste ponto do texto em especial, ressaltos os silêncios sobre os corpos femininos nos países Brasil e Colômbia pois são os principais alvos espaciais desta pesquisa, tendo em vista como as fontes revelam como se desenrolaram os acontecimentos em detrimento aos códigos comportamentais. A Colômbia e o Brasil estavam prosseguindo na concepção desejada pelo exterior (Europa e EUA) referente às modernizações das cidades e para esse projeto, os artefatos culturais foram utilizados como ferramentas.

²⁴ Dentre os quais pode-se citar para o caso da Colômbia: Medellín e Bogotá; enquanto que para o Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo.

aparentes com o passado, criando uma efetiva oposição entre o **moderno** e o **antigo**, entre o **novo** e o **velho** que iria marcar uma concepção de mundo instituída com o advento da sociedade capitalista, alicerçada na ideia de progresso. (REZENDE, 1993, p. 7-8)

A temática do casamento, e simultaneamente, da família, admitiam novos conhecimentos de acordo com os preceitos modernos, e as diferenças comportamentais entre os sexos intensificaram-se. Discursos a respeito dos comportamentos sexuais difundiam-se para os centros urbanos, atingindo àqueles que se interessavam pelas novidades às quais eram veiculadas pelas diversas mídias que faziam sucesso entre as décadas de 1950 e 1960 tanto no Brasil quanto na Colômbia, dentre estas mídias podemos citar exemplos como as revistas, rádio, enquanto que a televisão era mais concentrada para as famílias mais abastadas, a literatura, assim como a música, apresentavam em seu contexto discursivo essas novas tendências, e especificamente, dentre os textos literários, encontram-se os manuais de condutas, são, de forma geral, um conjunto de códigos comportamentais muitas vezes enumerados, outras vezes dispostos em forma de conselhos, ou de gravuras, que exemplificam à população como se comportar de forma correta mediante a opinião do autor do texto em diferentes situações.

No contexto das décadas de 1950 e 1960, os manuais de conduta não eram tão difundidos, mas fizeram diferença ao seu público-alvo, alguns apresentam foco de atingir a todos, no entanto, o próprio corpo do texto desmitifica isso, tendo em vista que apresentam muitas vezes capítulos direcionados às famílias ricas, com conselhos comportamentais em situações que muitas vezes só pessoas abastadas participam, além do próprio linguajar, frequentemente formal e com termos que são difundidos entre os letrados. A presença de figuras para ilustrar os códigos representados não é uma constante, alguns manuais optam por este método talvez para facilitar seu entendimento entre os mais diversos públicos.

A diferença comportamental entre os sexos é comedido intensificada nesse tipo de literatura e posteriormente difundida entre os grupos sociais que disponibilizavam desta. Há capítulos direcionados exatamente para o sexo feminino, assim como para o sexo masculino. Para o sexo feminino, há em primeiro lugar, uma exaltação à figura materna e a boa senhora do lar. Isto porquê ligado ao projeto

desenvolvimentista do Estado, introduzido pelos novos discursos advindos da modernidade, a figura materna acompanhava às prescrições médicas que desejavam uma sociedade futura sadia e medicalizada para o fortalecimento da economia na Nação²⁵.

A figura materna é antes de mais nada a principal veiculadora no seio familiar de condutas, principalmente em detrimento aos filhos, tendo em vista que a responsabilidade pelos cuidados dos filhos no espaço do lar e a educação destes muitas vezes ficavam a dispor do público feminino, neste sentido, era necessário fazer da figura feminina parte do discurso em detrimento ao projeto desenvolvimentista, e a utilização da literatura de normas comportamentais era essencial. Se fazia necessário prescrever normas que silenciavam os corpos femininos, posicionando-os a respeito da maternidade, naturalizando esse comportamento e o reguardando das tensões da Nação.

Embora a origem da palavra mother (latim: mater, em inglês: matter) associe a mãe com seu aspecto concreto, corporal, já existe considerável produção teórica sobre o corpo da mãe como construção discursiva e a maternidade como performance cultural. Entretanto, não podemos ignorar o fato de que a mãe é determinada pelo corpo mais intensamente que a mulher, o que torna difícil rejeitar as implicações do biológico e suas complexas implicações, inclusive os riscos do que tem sido caracterizado como essencialismo. Está óbvia hoje a impossibilidade de explicarmos o comportamento humano apenas a partir da biologia, por sua vez, também uma ciência moral. Acredito que precisamos continuamente enfrentar essa oposição natureza/cultura - o que tornou-se quase uma obsessão ocidental, e que tem estreita relação com a dominação e exploração da mulher - quando trabalhamos a questão do corpo da mãe, objetivo do presente trabalho. (STEVENS, 2007, p. 1)

A palavra que foi chave no capítulo anterior foi “silêncio”, em detrimento aos corpos silenciados e experimentados, nesse capítulo será “tensão”, tendo em vista que aqui discutiremos as conflitos dos corpos e dos espaços, as tensões introjetadas nas

²⁵ Para maiores informações recomenda-se a leitura de COSTA, Tonia et al . Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 10, n. 20, p. 363-380, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200007>. Acesso em 23/08/2018.

subjetividades, no perfil considerado ideal para a mulher/mãe. Etimologicamente, a palavra tensão é compreendida como um substantivo feminino, ou seja, desde o cerne de seu significado já há uma relação direta ligada ao feminino, o desequilíbrio é frequentemente veiculado a esse sexo pela literatura focalizada a um viés enraizado pelo discurso machista²⁶. Tensão, segundo o dicionário²⁷, é “qualidade, condição ou estado do que é ou está tenso”, mas em seu sentido figurado diz que é um “estado do que ameaça romper-se”, logo, nas subjetividades femininas rompe-se o quê?

Os enfrentamentos causados por um período de crise recaem sobre as subjetividades, a figura feminina localizada no espaço do lar é, como visto anteriormente, normalizada no decorrer da história como sujeito dócil, compreendido pela literatura como um receptáculo e disseminador do amor, logo, mediante à crise, o feminino está na direção oposta aos sentimentos causados pelas tensões, neste sentido, a literatura normalizadora recomenda que estas sujeitas sejam difusoras da paz em seus lares, acalmando os ânimos de seus maridos, persuadindo os filhos a serem hábeis e saudáveis, para garantirem um futuro de progresso a Nação, vislumbrando coisas boas para o que há de acontecer, apesar de no presente a situação ser diferente. A mulher recebe uma posição acomodada nesse discurso, que, desta forma, transgride as tensões do espaço para fazer do lar espaço de paz e alegria mesmo em momentos difíceis (DELISSUS, 1999, p. 164).

Em suma, se faz necessário pensar essa figura feminina ideal para momentos de tensões, e desta forma, como o prosseguimento da mãe, por exemplo, contribuiu para a fomentação de uma Nação que segue o projeto saudável e desenvolvimentista. Ou seja, como que a Nação por meio do corpo materno promoveu o moderno e transgrediu as tensões? Para tanto, é preciso desmitificar o corpo materno, compreender as vicissitudes do ser mãe e desnaturalizar algumas normas.

²⁶ Para saber mais, recomendo a leitura. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2016/04/mulheres-desequilibradas-e-o-machismo-estrutural/>>. Acesso em: 13/05/2018.

²⁷ Tirei a informação do seguinte site. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tens%C3%A3o>>. Acesso em: 13/05/2018.

Logo, o amor, assim como qualquer outro sentimento e talvez mais profundamente, requer tempo, dedicação e solicitude. A interação entre mãe e filho não parte de um princípio magicamente dotado de afeição, é um sentimento em progresso, desde o descobrimento da gravidez, a mulher tem acesso a uma série de sensações, que vão desde as boas às mais temíveis, e que definem (ao menos em parte) os sentimentos que serão gerados na relação entre mãe e filho. Logo, nem toda gestação é tranquila, pacífica e dotada de amor, algumas podem ser recheadas de traumas, desenganos e, muitas vezes, arrependimentos.

Desse modo, o “instinto materno” atribui-se nesses diferentes contextos sob dinâmicas diferentes, que de forma geral, o contradizem e o colocam em posição de dúvida. Pois, como algo tão naturalizado como existente em todas as mulheres muitas vezes mal se apresenta ou é inexistente e portanto não é propagado por certas mulheres que foram mães? A maternidade nem sempre é desejada e bem vivida, mas é constantemente idealizada. O amor materno, assim como o instinto, desenvolve-se através do contato entre mãe e filho, há pesquisas²⁸ que indicam uma maior aproximação causada no momento da amamentação, em que o contato de pele causam reações positivas entre os sujeitos.

Mas o que dizer das mães que sofrem depressão pós-parto? E conseqüentemente, temem em amamentar seus filhos, ou dos casos de mães que engravidaram sem ter planejado ou sem seu consentimento? E aquelas que amamentam e sempre desejaram seus filhos e que, no entanto, se arrependem de não terem sido ótimas mães e não terem criado grandes vínculos? (BADINTER, 2011, p. 185) Existem diversos tipos de mães e seus anseios em detrimento à maternidade, levando-se em consideração as características específicas de onde elas residem, sob qual cultura se desenvolveram, além de questões econômicas, políticas e sociais. Nesse sentido, uma mãe solteira, com poucas condições financeiras de criar seu filho, não viverá a maternidade da mesma forma que a senhora casada, financeiramente abastada. Entretanto, os anseios concernentes à figura materna na literatura de normalidade são lidos em segundo plano,

²⁸ Para saber mais, indico a leitura de HRDY, Sarah Blaffer. **Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução: maternidade e seleção natural.** Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1999.

tendo em vista que se deve colocar a criança em primeiro lugar, principalmente no período da amamentação, como dito pelo Doutor Didson na coluna Para Mamá de número 35 (edição de março e abril de 1952), no texto intitulado “Las madres deben amamantar a sus hijos”.

Sí las madres pensaran un poco em esto, no abandonarían tan fácilmente a sus hijos, so pretexto de conservar una belleza y una frescura corporales, que la lactancia no marchita ni destruye, sino que tratarían entonces de que ningunas otras manos tocasen esse cuerpecito frágil y sonrosado, que tanta necesidad tiene de ternuras y exquisiteces que sólo una madre puede pridugar. [...] El único caso em que se verá dispensada de cumplir a cabalidad com semejante deber, es cuando ella sea victima de una enfermedad contagiosa o cuando sobrevenga un embarazo durante el período de la lactancia, em cuyo caso siempre deberá consultar a su médico. (1952, p. 45)²⁹

A vocação de ser mãe não é inerente a todas as figuras femininas, e nem todas tem interesse de ter esse instinto. A história, neste sentido, expõe esse quadro geral, tendo em vista que nem sempre as mulheres apresentaram vínculos com seus filhos, por muito tempo as crianças eram entregues às amas de leite e demais figuras responsáveis pelo trato da casa que trabalhavam para as senhoras que poderiam ser consideradas hoje como bem abastadas financeiramente, enquanto que para aquelas que não possuíam criados, muitas vezes os cuidados das crianças ficavam entre as próprias crianças para que a senhora pudesse ajudar na obtenção de renda.

Neste sentido, na década de 1950 já se compreendia preponderante a presença da figura materna no momento da amamentação para a fomentação do vínculo entre mãe e filho, e conseqüentemente, o desenvolvimento do amor materno. O Doutor Didson

²⁹ Se as mães pensarem um pouco nisso, não abandonariam tão facilmente a seus filhos, sob pretexto de conservar uma beleza e um frescor corporal, que a amamentação não murcha nem destrói, sendo que tratariam então de que nenhuma outras mãos tocassem esse corpinho frágil e rosado, que tanta necessidade tem de ternuras e refinamentos que somente uma mãe pode purgar. [...] O único caso em que se verá dispensada de cumprir a fazer com semelhante dever, é quando ela seja vítima de uma doença contagiosa ou quando aconteça um gravidez durante o período da amamentação, em cujo caso sempre deverá consultar a seu médico.

deixa bem claro esta informação quando ele escreve suas opiniões na coluna ainda no mesmo artigo veiculado na imprensa.

Por una razón muy sencilla: porque aunque fuera posible encontrar una nodriza sana, cuya leche reuniera los requisitos deseables, no existe persona alguna que pueda reemplazar a la madre en el menester altísimo que supone alimentar, por sí misma, a su hijo, con un interés y cariño que ninguna otra mujer podría otorgarle. [...] Hay que pensar que no es tanto el nacimiento el que vincula a la madre con su hijo, sino aquellos mismos cuidados y desvelos que constituyen la esencia de la maternidad. De manera que se puede asegurar: que la madre que amamanta a su bebé, que lo tiene a su lado durante todos los instantes, lo siente más suyo que la que con ánimo ligero, lo confió a un pecho ajeno. (1952, p. 45)³⁰

A medicina compreende desta forma a essência do ser mãe relativa ao conceito de cuidado, ou seja, a mãe, dentre outras coisas, tem como função, em relação a seu filho, de garantir seu cuidado, direcionamento e nutrição. Logo, a amamentação corresponde exatamente a duas destas funções principais: cuidar e nutrir. Em um gesto correspondente à solidariedade e afeto, a mãe quando tem em seus braços o seu filho e a ele proporciona alimento produzido de si mesma, dá a ela a sensação de imponência por ser forte o bastante de proteger e desenvolver sua prole e à criança a sensação de segurança e afeição.

A atividade do ser mãe é ligada a muitos conceitos construídos historicamente, frequentemente desenvolvidos sobre certos paradigmas ligados à diferença sexual, que atribui aos gêneros características e códigos de conduta. Nesse sentido, as práticas educativas ligadas ao que se acredita sobre o comportamento da mãe ideal são frequentemente desenvolvidas pelas mais diversas instâncias, o exemplo anterior referente aos conselhos médicos em detrimento a amamentação podem servir de

³⁰ Por uma razão muito simples: porque ainda que fosse possível encontrar uma ama saudável, cujo leite reunisse os requisitos desejáveis, não existe pessoa alguma que possa substituir à mãe no necessário altíssimo que supõe alimentar, por si mesma, a seu filho, com um interesse e carinho que nenhuma outra mulher poderia outorgar-lhe.[...] Há que pensar que não é tanto o nascimento o que vincula à mãe com seu filho, senão aqueles mesmos cuidados e desvelos que constituem a essência da maternidade. De maneira que se pode assegurar: que a mãe que amamenta a seu bebê, que o tem a seu lado durante todos os instantes, o sente mais seu que a que com ánimo ligeiro, o confiou a um peito alheio.

sugestão referente a uma destas instâncias: a medicina promove muitas prescrições sobre o corpo feminino materno, ditando regras e modos de condutas na intenção de construir um corpo social saudável.

Para além da medicina, é possível citar prescrições advindas do governo, cuja intenção coincide com a do corpo médico, assim como a religião e demais instâncias de poder. A mãe, compreendida enquanto figura dócil e pacata, responsável pelo cuidado e apaziguamento das relações no ambiente do lar viabiliza a essas instâncias de poder o acesso aos membros da casa da forma mais suave, tendo em vista que as prescrições referentes à maternidade atendem ao sentimento do amor, justo o sentimento menos temível e mais abarcado para um bom convívio no lar. O Doutor N. Bundesen fala a respeito do amor na coluna Para Mamá de edição de número 27 (edição de novembro e dezembro de 1950), cujo título do texto é: “Amor, la primera necesidad del niño”.

Mucho se ha escrito especialmente en lo que se refiere a problemas psicológicos de la niñez y por esto muchos padres temen hacer cualquier cosa por miedo de hacerlo erróneamente. A los padres que han venido a consultarme estos temores, les he dicho que la posibilidad de causar daños emocionales es remota se viene de padres amorosos con sus hijos. [...]El peligro verdadero viene de padres que son ellos mismos emocionalmente infantiles o que tienen sentimientos antagónicos hasta sus hijos, hasta otras personas o hasta el mundo en general, lo que se nota en sus relaciones con sus niños. (1950, p. 34)³¹

O médico procura explicar por meio dos conhecimentos científicos a importância de pais amorosos na criação e desenvolvimento dos seus filhos, segundo ele, problemas psicológicos tendem a ser apresentados em crianças criadas sem a proteção e cuidado dos pais, assim como certas rebeldias e demais comportamentos considerados inadequados para o desenvolvimento infantil. Neste sentido, o Doutor N. Bundesen cita um exemplo de um casal que foi procurá-lo na tentativa de compreender

³¹ Muito se escreveu especialmente no que se refere a problemas psicológicos da criança e por isto muitos pais temem fazer qualquer coisa por medo de fazê-lo erroneamente. Aos pais que vieram a consultar-me estes temores, lhes digo que a possibilidade de causar danos emocionais é remota se vem de pais amorosos com seus filhos. [...] O perigo verdadeiro vem de pais que são eles mesmos emocionalmente infantis ou que tem sentimentos antagônicos até seus filhos, até outras pessoas ou até o mundo em geral, o que se nota em suas relações com suas crianças.

a conduta irritadiça de seu filho, a atitude do médico em um primeiro momento foi de investigar o quadro emocional da casa, de que forma os pais tratavam a criança e se faziam presentes em seu desenvolvimento, e através de uma pesquisa elaborada por ele por meio de um questionário apresentado aos pais e à criança pôde perceber que havia uma certa competição entre pai e filho pela atenção e amor da mãe.

Logo, é preciso fazer certos questionamentos: o texto como um todo do médico engloba o progresso do relacionamento entre pai e filho, de como o pai acabava sendo rígido demais com a criança e um tanto quanto desmoderado na atividade da disciplina, e que por interferência do médico atuando na conversa com o pai, que felizmente estava disposto a ouvi-lo, foi possível alterar esse quadro comportamental. No entanto, a coluna “Para mamá” tem um público bastante específico: as mães! Aquele texto fora escrito para que a mãe pudesse lê-lo, isto porque é a mãe a figura responsável pela promoção da paz no ambiente do lar, para além do médico que neste caso específico pôde interceder pela criança modificando o comportamento do pai, é a mãe quem deve outorgar a ascensão dos bons relacionamentos e conseqüentemente, permitir um crescimento saudável à criança.

A docilidade, portanto, é inerente ao comportamento feminino, e preponderante ao comportamento materno. Deste modo, as tensões que porventura possam ocorrer no ambiente do lar tangem imediatamente o progresso do crescimento tanto emocional como referente a saúde da criança, isto em uma visão mais abrangente, delimitando que aconteça em muitos lares, causaria uma tensão nacional futura, cujo corpo social cresceria debilitado, instável e emocionalmente desestabilizado. Levando-se em consideração o contexto a qual estava a Colômbia no período em que foi publicado o texto que foi entre novembro e dezembro de 1950, a qual a Nação vivenciava a “La Violencia” e conseqüentemente tratava-se de uma grande crise para o país, que pouco crescia econômica, social e culturalmente.

É possível, então, tentar compreender o que fizera com que a revista Glória quisesse publicar em sua coluna fixa “Para mamá” este texto. Acreditamos que por meio da mãe, com a aquisição do conhecimento disponibilizado naquele meio, fosse possível apaziguar a Nação, fomentar um crescimento futuro saudável, que por meio destas agentes dóceis, as tensões no ambiente do lar pudessem diminuir e, logo, que o corpo social futuro pudesse ser garantido de forma positiva e saudável. A figura materna,

neste sentido, tem função muito maior que a da procriação para a Nação, ela contribui para a fomentação da paz.

Mas e quanto às mulheres que não eram mães ou não podiam gerar filhos? Que papel cabia a elas no fortalecimento da Nação? A maternidade, neste sentido, determina uma função social e orgânica à figura feminina, atrelada a sua feminilidade e às prescrições dedicadas ao gênero corroboram na definição do ser mulher ideal.

Mas, se a capacidade de procriação é uma especificidade, esta não define a totalidade de meu ser. Entretanto, procriar, reproduzir a espécie passou a significar socialmente o feminino e esta significação social chama-se maternidade. Por um lado, a maternidade é louvada e incensada, objetivando-se na figura da mãe: por outro, torna-se uma fatalidade, na medida em que deixam de ser mulheres a imensa legião daquelas que não querem ou não podem ter filhos; perdem sua inteligibilidade social e alinham-se na fileira dos excluídos. A mãe é o modelo de mulher, a mulher no singular, uma figura fractal, que reproduz infinitamente a mesma imagem, reduzida a um sentido unívoco de ser. (STEVENS, 2007, p. 204)

Desse modo, no contexto colombiano, àquelas que não faziam parte do contexto de senhoras do lar e que não detinham a função de mãe só podiam ajudar a Nação através do trabalho: em fábricas, escolas, hospitais e demais espaços que na época admitiam a presença feminina para vínculo empregatício. Se for levar em consideração o contexto brasileiro, mais especificamente durante a década de 1950, no período em que Getúlio Vargas governava, utilizando de uma política fortemente nacionalista por meio do seu projeto desenvolvimentista que tentou agradar as diferentes classes sociais, fornecendo certas concessões às classes populares e investimentos e facilidades para as grandes empresas nacionais.

Para a fomentação do mercado nacional em detrimento à necessidade do mercado internacional fora necessário um maior número de mão de obra, conseqüentemente, mulheres faziam parte desse quadro³². Se por um lado, as revistas e

³² A figura feminina e o mercado de trabalho nesse momento da história, inclusive com o desenvolvimento dos movimentos feministas, que gritavam e exigiam direitos iguais no mundo a fora, passaram a ressoar timidamente na conjuntura brasileira, desse modo a mulher, nesse momento, ocupa os lugares públicos para fim de trabalho, a família vai se modificando, pois o provento não é apenas

demais meios informativos da época viabilizavam um discurso enaltecendo a figura da dona de casa e da mãe, por outro lado a política precisava do corpo feminino para desenvolver o projeto pretendido por Vargas. Em consequência disto, os discursos ao passar dos anos já consideravam como pertinentes o pertencimento das figuras femininas no ambiente de trabalho, como no caso do manual de conduta publicado em 1958 e escrito por Dora Maria intitulado “Aprenda as Boas Maneiras”:

Se, na época dos nossos avós, muitas mulheres foram proibidas de frequentar escolas superiores – destinadas exclusivamente à formação de homens para as profissões liberais – se, no tempo dos nossos pais, não era visto com bons olhos o fato de mulheres passarem o dia inteiro fora dos seus lares – na época atual, é coisa previamente decidida que, em todas as famílias, homens e mulheres se equiparem na luta pela vida, produzindo e se elevando, por meio de trabalho honesto e bem orientado. (1958, p. 32)

A “luta pela vida” de ambos os sexos era essencial em contexto de tensão³³, pois só a figura masculina exercendo autonomia sobre o lar não era capaz de geri-la, a mulher ideal assumira novos contornos, precisava tomar conta da situação, liderar com sua docilidade à família em função do progresso e conseqüentemente instigando os outros entes a terem esperança ao produzir, mesmo sob diante de toda a crise a qual seu país vivenciava, para tanto, se fazia necessário que ela fizesse parte, inclusive, do poder aquisitivo e econômico do ambiente familiar. Para as famílias mais tradicionais, a figura feminina continua valorada em sua função dentro do ambiente do lar, exercendo as atividades da casa e sobre o cuidado dos filhos. Enquanto que as mulheres que

masculino, os papéis se remexem, mesmo que sutilmente, e sob os ditames da ordem familiar, principalmente a nuclear estudada por Michel Foucault.

³³ Em detrimento ao Brasil exemplifico a tensão: “Como a situação externa continuava tensa no início dos anos de 1950 - no ano de 1952, o déficit no balanço comercial foi de cerca de quatro por cento do PIB - e, naquele momento, explodia o processo de substituição de importações, a política econômica de Vargas passou a sofrer fortes restrições. A crise nas contas externas agravou-se em 1953, pela exacerbação da guerra fria e do conflito da Coréia.” (CAPUTO, MELO. 2009, p. 515) Em detrimento a Colômbia: “La segunda República conservadora, que se inicia con el gobierno de Ospina Pérez em 1946 y culmina con el derrocamiento de Rojas Pinilla em 1957, tomó los elementos del control de cambios legados por la crisis de los años treinta y consolidó las bases de un modelo de desarrollo económico que se tornó en una política de Estado durante la mayor parte del siglo XX.” (KALMANOVITZ, LOPEZ, 2005, p. 1)

trabalhavam não só deveriam cumprir suas obrigações no emprego, como também no seu lar, exercendo uma dupla jornada.

- **2.2 - Anos Dourados/ La Violencia**

A maternidade para o Brasil em face de um projeto progressista conduzia a Nação pela atividade da procriação, elevando o número de futuros cidadãos e trabalhadores, projeto semelhante ao que iria ser consolidado na Colômbia pós período de tensão, ou seja, “La Violencia”. Em uma visão do quadro geral da história mundial, o contexto social retomava o fôlego após a Segunda Guerra Mundial, ainda havia um clima de tensão, tristeza e medo após todas as fatalidades que foram causadas durante a guerra, a Europa procurava reerguer-se, Estados Unidos crescia como nunca e a Ásia retomava suas forças. Segundo o historiador Eric J. Hobsbawm,

Durante os anos 50, sobretudo nos países “desenvolvidos” cada vez mais prósperos, muita gente sabia que os tempos tinham de fato melhorado, especialmente se suas lembranças alcançavam os anos anteriores à Segunda Guerra Mundial. Um primeiro ministro conservador britânico disputou e venceu uma eleição geral em 1959 com o *slogan* “Você nunca esteve tão bem”, uma afirmação sem dúvida correta. (HOBSBAWM, 1995, p. 202)

O desenvolvimento econômico vivenciado na época pareceu eclodir em todo o mundo, independentemente do regime político aos quais os países fizessem parte, em algumas regiões, principalmente as mais desenvolvidas, o progresso aparentava avançar em um ritmo mais lento em contraponto aos países até então atrasados economicamente, isto porque, para países como os Estados Unidos que já vinham em um sistema desenvolvimentista desde muito antes aos Anos Dourados³⁴, deu-se uma visibilidade de

³⁴ Conceitualmente Anos Dourados quer dizer: “Otimismo do pós-guerra [...]. A nostalgia de uma época que teria sido ‘dourada’ também se alimenta de lembranças (ou construções da memória) de romantismo estáveis e de papéis sociais definidos e seguros. [...] A urbanização e a industrialização avançam com vigor. A produção industrial diversifica-se. Inúmeras transformações ocorrem na infraestrutura e no cotidiano das cidades.” (PINSKY, 2014, p. 15) Essa perspectiva da rememoração das décadas de 1950 e 1960 enquanto douradas foi explicada por Carla Pinsky em detrimento à questão brasileira, entretanto, pode ser aplicado neste sentido em referência a Colômbia também,

continuação ao progresso, diferentemente do caso dos países europeus recém saídos de uma guerra e que, portanto, precisavam continuar de onde haviam parado antes do ingresso à atenção militar, para voltarem-se aos projetos econômicos.

Logo, a Grã-Bretanha, por exemplo, era um dos países que viu mais claramente o crescimento proporcionado pela política desenvolvimentista, cuja analogia ao ouro dos anos é acertada, tendo em vista que os bens de consumo, assim como a produção agrícola e a arrecadação de petróleo, intensificaram em larga escala. “Você nunca esteve tão bem” em comparação aos anos anteriores, era uma chama de esperança dada em discurso, mediante à tensão vivenciada na guerra, essa fala ingressava e ressoava pelos lares que significava códigos normalizadores para os novos tempos, intensificando transformações, os cidadãos estendiam ao cuidado de si, pois a Nação estava finalmente segura e em progresso.

Nesse sistema, os países da América Latina apropriavam-se dos discursos que vinham de fora. Os Estados Unidos em especial agia sobre os países da América do Sul para através deles conseguir certa permissividade na fomentação de seus negócios e vendas de mercadorias. Em consequência disto, após Getúlio Vargas e com a ascensão de Juscelino Kubitschek, abrindo as portas brasileiras ao mercado internacional, o jogo econômico que fora permitido nessa circunstância também contribuíra para as práticas educativas comportamentais do corpo social brasileiro. O mesmo ocorrera com a Colômbia, que após o período de tensão e por meio da Frente Nacional, iniciara também um projeto desenvolvimentista estimulado principalmente pelos Estados Unidos.

Nessa circunstância, possuir uma sociedade forte e saudável para a fomentação desse contexto progressista era substancial. E a partir disto, incitaram discursos que ajudavam as mães no crescimento e fortalecimento de seus filhos. Segundo o Ministério da Higiene da Colômbia em um artigo publicado na coluna “Para Mamá” intitulado “El desarrollo infantil” na edição de número 23 (edição de março e abril de 1950) da revista Glória, o cuidado sobre os filhos deve ser frequentemente acompanhado e assessorado pela medicina, cuja finalidade é a correção do que por acaso for preciso, tendo em vista

tendo em vista que no sentido econômico Colômbia e Brasil cresciam em uma perspectiva concernente ao progresso industrial dos países, assim como o crescimento das cidades e departamentos, e uma tendência de migração das populações das zonas rurais para as urbanas.

que determinadas questões e falhas que porventura possam ocorrer à criança, nem sempre podem ser retificadas pelos pais.

Observando cuidadosamente el crecimiento del niño y sus adelantos, puede el médico ver si hay o no algunas deficiencias em la higiene, y método de vida del pequeño y corregir de esta manera cualquier error que pudiese haber en el cuidado diario de la criatura. Un examen de rutina incluye el peso, y otras dimensiones, el estudio de los huesos para saber si algunos de ellos no se están desarrollando satisfactoriamente, examen de los dientes y un estudio del desenvolvimiento mental del niño así como el funcionamiento de sus ojos, oídos y demás sentidos. Los niños devem ser pesadas al menos una vez em la semana, durante los primeros seis meses de vida, cada dos semanas el resto del año y cada mes durante su segundo año. Desde esta época el niño debe pesarse con alguna frecuencia para determinar su desarrollo. No hay un peso estandar para el niño al nacer. El peso de los niños recién nacidos varía, por herencia, su nutrición y nutrición de la madre y demás circunstancias similares. (1950, p. 33)³⁵

Era do interesse dos governos a cooperação entre mães e médicos, tendo em vista que a medicina higienista apoiada às ideologias eugenísticas, somando força aos educadores da época, mulheres feministas, intelectuais e profissionais dos mais diversos campos, desde políticos como juristas, viabilizaram discursos desenvolvidos em uma série de negociações de acordo com os interesses específicos de cada uma destas forças citadas para a fomentação do progresso nacional. Os profissionais da medicina especializada em assuntos referentes às mulheres, que na tradição eram direcionados ao conhecimento disseminado pelas gerações entre o público feminino na convivência familiar, ganham papel substancial, tendo em vista que são eles as principais

³⁵ Observando cuidadosamente o crescimento da criança e seus adiantamentos, pode o médico ver se há ou não algumas deficiências na higiene, e método de vida do pequeno e corrigir desta maneira qualquer error que pudesse haver no cuidado diário da criatura. Um exame de rotina inclui o peso, e outras dimensões, o estudo dos ossos para saber se alguns deles não se estão desenvolvendo satisfatoriamente, exame dos dentes e um estudo do desenvolvimiento mental as crianças assim como o funcionamento de seus olhos, ouvidos e demais sentidos. As crianças devem ser pesadas ao menos uma vez na semana, durante os primeiros seis meses de vida, cada duas semanas o resto do ano e cada mês durante seu segundo ano. Desde esta época a criança deve pesar-se com alguma frequência para determinar seu desenvolvimento. Não há um peso padrão para a criança ao nascer. O peso das crianças recém nascidas varia, por herança, sua nutrição e nutrição da mãe e demais circunstâncias similares.

autoridades na difusão das normas e discursos correspondentes a “nova maternidade”, dentre estes profissionais podemos citar o pediatra e o obstetra.

As resenhas e artigos escritos por médicos higienistas ou até mesmo pelo próprio Ministério da Higiene (no caso da Colômbia) ou pelo Ministério da Educação e Saúde (no caso do Brasil) nas revistas expunham a opinião de todo um corpo médico mundial (tendo em vista que muitas vezes eram resenhas escritas por médicos com nomes estrangeiros) referente ao cuidado para com as crianças, atribuindo a legitimação de suas teses com base na cientificidade delas, fomentando um lugar ao médico de superioridade e autoridade no que concerne ao “crescimento e desenvolvimento adequado” da criança, e posteriormente, posicionando a figura da mãe à figura de quem vai garantir que estas práticas discutidas pelos médicos fossem efetivadas³⁶.

Desde a gestão presidencial de Eurico Gaspar Dutra estabeleceu-se como prioridade a organização de alguns serviços públicos em 1946³⁷, entretanto, por conta da ineficiência burocrática somada às disputas entre diferentes grupos políticos impediu-se a realização desses projetos, que dentre eles podemos citar o plano Salte, cujo objetivo era a melhoria dos sistemas de saúde, alimentação, transporte e energia, mas que não passara do papel. Entretanto, fora apenas no segundo mandato de Getúlio Vargas, mais precisamente em maio de 1953, que fora criado o Ministério da Saúde, como se é possível presumir mediante aos embates em detrimento às questões sociais desenvolvidas em gestões anteriores, houve poucos investimentos para a causa em sua fundação.

É preciso mencionar que, em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde no Brasil e que durara até 1953, Getúlio Vargas, então presidente da época no país, decide devido à autonomia dada à área da saúde em seu governo, decide separar saúde e educação em ministérios distintos, surge o Ministério da Educação e Cultura, com a sigla MEC. Logo, compreendemos, desta forma, a iminência das discussões veiculadas

³⁶ É preciso discutir que antes da eminência desses discursos o tratamento para com os filhos já havia uma didática, seguida por uma tradição, conseqüentemente, é plausível pensar que não foram todas as mães que aceitaram estas normas de bom grado.

³⁷ Do Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Social do Comércio (SESC), por exemplo.

à saúde na política brasileira que foram, em um primeiro momento, atreladas às questões educacionais, para só depois debaterem-se em separado, neste quesito, Jerry Dávila no texto intitulado *Diploma de Brancura* discute o porquê disto.

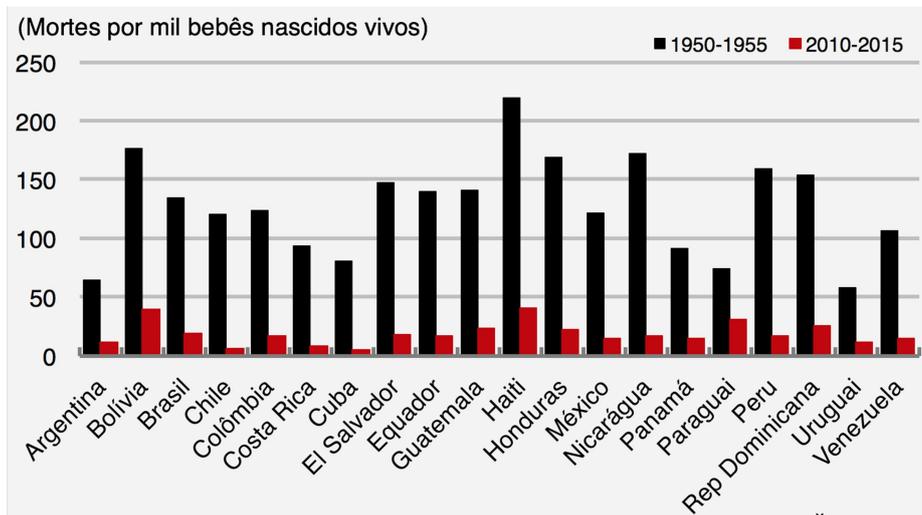
O movimento da educação pública cresceu com base nesse novo consenso de que a degeneração era adquirida e podia ser mitigada. A começar da reivindicação dos médicos que fosse criado um Ministério da Educação e Saúde, médicos e educadores (a maioria com especialização em ciências sociais) trabalharam juntos para aplicar teorias eugênicas ao complexo de problemas que chamavam de degeneração. Diversos médicos e especialistas em saúde pública, como Afrânio Peixoto, ocuparam cargos de administração na educação. Enquanto isso, educadores juntaram-se às organizações profissionais de médicos e defensores da saúde pública, como a Sociedade Eugênica de São Paulo, a Liga da Higiene Mental e a Liga Pró-Saneamento. (DÁVILA, 2005, p. 60)

Saúde e educação tanto discursivamente quanto na prática estavam entrelaçados, coadunavam nas ideias, tendo em vista que acreditavam na questão da degeneração das raças como força motriz para o estado débil e analfabeto a qual compreendia a população brasileira, se tratava de um problema cuja resolução estava veiculada à medicina, não tratava-se de “ser” degenerado, mas de “estar”. Deste modo, educação e medicina tornaram mais tênues as linhas que segmentavam as profissões veiculadas a estas áreas nesta época. A educação continuava a crescer de modo local, entretanto liderada por elites nacionais, enquanto que a saúde, liderada por médicos higienistas propagavam-se nos grandes centros urbanos, atingindo poderes federais e estaduais.

Nesse ínterim, a situação da saúde justificava a necessidade e emergência de discursos e práticas médico/higienistas, para além disso, justificava a criação de um Ministério. Para além das questões eugenísticas promotoras dos questionamentos e lutas dos intelectuais, educadores e médicos da primeira metade do século XX e em contraponto ao contentamento proposto pelos novos discursos advindos da modernidade, aos quais ressoavam motivações futuras e uma melhor qualidade de vida, encontrava-se o índice de mortalidade infantil na América Latina (como é possível observar no gráfico abaixo), que dizia exatamente o contrário dos discursos modernistas, os índices de morte eram altíssimos tanto da Colômbia quanto do Brasil, principalmente ao se comparar a países como Costa Rica e Venezuela. Segundo

estudiosos da história da saúde³⁸, esse dado é consequência da falta de conhecimento das regras de higiene e pela ausência de saneamento básico na maior parte das regiões.

GRÁFICO 1: Relação entre a mortalidade infantil de 1950 a 1955 e 2010 a 2015



FONTE: UN Data, estatísticas oficiais fornecidas pelos países à ONU.

Havia, portanto, desde o início do século XX um falatório disseminado pelas mais diversas instituições e meios de comunicação mediante a população para que se higienizassem os corpos dos cidadãos, tendo em vista que se fazia necessário para o fortalecimento e crescimento da Nação, logo, cidadãos são eram futuros trabalhadores e propagadores da modernidade, mas como é possível visualizar seja por meio da necessidade da efetivação de políticas públicas, criação de Ministérios, tabelas que exemplificam o quadro preocupante aos quais encontravam-se os países da América Latina em detrimento a saúde como vínhamos comentando até então, efetivamente o progresso almejado não estava sendo alcançado. Precisava-se mudar de estratégia, ou

³⁸ Recomenda-se para a leitura de alguns exemplos desses estudos: BERTOLLI FILHO, Claudio. **História da saúde pública no Brasil**. - 5. Ed. - São Paulo: Ática, 2011. CAMPOS, *et al.* (organizadores). **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec – Ed. Fiocruz, 2006. HOCHMAN, G. **A era do saneamento**: As fases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: HUCITEC – Anapolis, 1998. SINGER, Paul, CAMPOS, Oswaldo, OLIVEIRA, Elizabeth M. de. **Prevenir e Curar**: o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1981.

talvez, ampliá-las, atingido mais fortemente o seio familiar para a fomentação das regras de educação e higiene básica, neste sentido, a figura materna era autoridade.

A senhora do lar, pela figura que representava naquele ambiente, é respeitada, por meio da naturalização de características como a docilidade ao seu perfil, poderia ser considerada uma grande aliada aos médicos higienistas, pois em questão da propagação de conselhos e normas, a figura de autoridade do médico exerce poder, mas até que ponto ele alcança esse poder no saber e nas vivências do lar? No capítulo anterior deste texto comentamos sobre o poder exercido do médico sobre os corpos, questionamos essa voz sobre os silêncios dos corpos, inclusive os femininos, neste capítulo, entretanto, falamos sobre as tensões, por mais que o corpo médico seja dotado de autoridade veiculada ao exercício nobre de sua profissão e conhecimento adquiridos através de estudos e experiências, no ambiente do lar as introjeções são desenvolvidas para além das normas demandadas no ambiente externo, pois no lar as vidas são particulares, não são vistas, não exercem os silêncios exigidos, as condutas aferidas em um consultório.

Contudo, se a senhora do lar carrega consigo determinados conhecimentos e os desenvolve em seu seio familiar, devido às características anteriormente mencionadas, as normas erigidas pela medicina assumem novas formas, novas falas, transvestem-se de amor, são introjetadas como cuidado materno, zelo. Tendo em vista estas questões e a fundamental presença da mãe na família para o conseqüente fortalecimento da Nação, escrevem-se para essas sujeitas, fomentam-se normas para essas mulheres, definem como é ser a mãe ideal, formalizando um jogo de interesses, atingi-se primeiro a mãe, para desta forma, atingir os outros entes do lar. Mas quem escrevia? Sobre o que escreviam? Quem eram as mães ideais?

Eram discursos geralmente masculinos que normatizavam como ser mãe. Não se tratavam geralmente, neste sentido, de conselhos cotidianos de experiências de mães para outras mães. Há frequentemente uma ritualística de naturalização do ser mãe na literatura e na cultura transmitida entre os povos, colocando a mulher em posição de genitora, como se fosse característica comum dela e, conseqüentemente, mistificando que o conhecimento relacionado a maternidade já vem embricado no corpo feminino, em seu instinto, por meio do amor materno. No entanto, quando um homem

resguardado sob seu conhecimento científico explica à mulher/mãe como se comportar em face de seu próprio filho, põe em questionamento essa tradição.

Há textos na revista *Gloria* escritos para a coluna “Para Mamá” que é possível perceber a escrita feminina para com o assunto da maternidade. Dentre eles, podemos citar a resenha intitulada “¿Se debe castigar a los niños?” escrito por Irene Silva de Santolalla para a edição de número 30 (edição de maio e junho de 1951) da revista, trata-se provavelmente de uma educadora, utilizando de seus conhecimentos adquiridos na experiência de sua profissão ao lidar com inúmeras crianças de culturas distintas como proceder na fomentação da autoridade para com os filhos, sem que ultrapasse os limites da paz e afeição no lar.

Con demasiada frecuencia se les atribuyen a los menores faltas que más bien se debe a la autoridad paternal mal dirigida. No se les trata como niños. Se espera que se conduzcan como grandes. Se concede importancia a cosas que no valen la pena. Se descuida lo esencial o se da interpretación torcida a sus acciones y palabras. [...] Todos los buenos educadores recomiendan el elogio justo, la recompensa adecuada, la vigilancia inteligente, en vez del castigo y las amenazas, destructores casi siempre de la personalidad del niño, y de la autoridad paterna. Y en esto estamos muy de acuerdo las madres que observamos de cerca a nuestros hijos. No olvidar que la mente del infante retiene lo que ve y oye, en forma indeleble, lo que más la impresiona. Todo lo cual le hace tomar una actitud, ya sea de acercamiento o de rechazo con quienes convive. A veces, cierta odiosa postura, y otras, como en el caso que voy a referir, negando al educador la confianza que necesita para hacer gratas sus instrucciones. (1951, p. 45)³⁹

³⁹ Com demasiada frequência se lhes atribuem aos menores faltas que mais bem se deve à autoridade paternal mal dirigida. Não se lhes trata como crianças. Se espera que se conduzam como grandes. Se concede importância a coisas que não valem a pena. Se descuida o essencial ou se dá interpretação torcida a suas ações e palavras. Todos os bons educadores recomendam o elogio justo, a recompensa adequada, a vigilância inteligente, em vez do castigo e as ameaças, destrutores quase sempre da personalidade da criança, e da autoridade paterna. E nisto estamos muito de acordo as mães que observamos de perto a nossos filhos. Não esquecer que a mente do infante retém o que vê e escuta, em forma indelével, o que mais lhe impressiona. Todo o qual lhe faz tomar uma atitude, já seja de aproximação ou de rechaço com quem convive. As vezes, certa odiosa postura, e outras, como no caso que vou a referir, negando ao educador a confiança que necessita para fazer gratas suas instruções.

É preciso compreender na fala da educadora certas nuances que muito se assemelham às falas dos médicos apresentadas anteriormente: Primeiramente é perceptível que há uma interferência da profissional no desenvolvimento dos infantes, pois segundo a Irene Silva de Santolalla para que aja uma boa absorção das instruções que ela desenvolve em sala é preciso uma boa relação entre a criança e seus pais, principalmente no que tange à autoridade deles, pois garantem o bom comportamento da criança que interfere diretamente no bom desenvolvimento infantil na escola.

É preciso também perceber o quanto a educadora relaciona o papel da autoridade ao pai e a observação da criança às mães, ou seja, é a figura do pai que deve realizar os procedimentos necessários para o caso da criança agir de forma errônea, educá-lo e fazer com que a criança não tome mais as medidas consideradas inexatas. Por que a autoridade é relacionada à figura masculina enquanto que a docilidade à mãe? O que acontece quando o pai falha nesta função? A mãe pode interceder ou apenas observar? Por que os papéis no ambiente familiar são tão divididos? Isso interfere no desenvolvimento da criação dos filhos? E para aquelas famílias que não se encaixam ao modelo tradicional familiar? Como para o caso das diversas mães solteiras ou pais solteiros, ou das crianças criadas pelos avós, dentre outros casos.

Mencionamos no início desse texto que uma das funções principais direcionadas a figura feminina ao que corresponde à atividade de ser mãe é o direcionamento da criança, direcionar é, dentre outras coisas, ensinar a criança as lições necessárias para ser considerada uma boa cidadã no futuro, dando-a as informações e normas necessárias para a fomentação das boas maneiras. Nisto corresponde a necessidade de inclusive reprimir para quando as instruções não fossem seguidas com zelo.

Como dito anteriormente, aos sexos são direcionados modelos de condutas e papéis específicos, se ao pai concentra a autoridade, não significa que a mãe isso não possa acometido. A literatura representa interesses específicos, se à mãe cabe o direcionamento mas não necessariamente a punição, há causas que nós poderemos sugerir para tanto: se fazia interessante para as instâncias de poder ter a figura materna correspondente a da paz e amor e não necessariamente ao do poder, tendo em vista que perpetuaria uma certa dominância do homem em relação a mulher, assim como a colocaria na posição que era do interesse dessas instâncias, a de submissão.

Se à figura materna concentrar o poder, o quadro pensado para a fomentação das práticas educativas sofreria grandes alterações, quando ao homem é atribuído o poder, autoridade, força e virilidade, isso determina que aos empregos e determinadas funções que erigem essas características como preponderantes, o homem tem acolhimento maior, conseqüentemente ganha mais, exerce uma maior autoridade em contraposição à figura feminina, detém um lugar na história que frequentemente a ele é atribuído: o de superioridade. O exercício do poder, neste sentido, rege todo um sistema que vai desde um quadro menor a um maior.

Era preciso determinar e evidenciar os lugares e papéis de cada membro da casa naquela época, pois a situação de projeto desenvolvimentista aos quais Brasil e Colômbia abraçavam correspondiam a avanços inimagináveis para a época, inclusive transformações no ambiente doméstico, neste sentido era preciso definir o que não poderia ser mutável nas configurações dos e das famílias para que fosse possível evitar que o progresso atingisse de forma negativa aos interesses das instâncias de poder. Era preciso deixar claro que os papéis sociais em relação aos sexos principalmente no trato para com as crianças continuavam os mesmos, para que as forças de poder não tomassem outras proporções e novos rumos.

Neste sentido, onde se aplicam, por exemplo, as mães solteiras no exercício do poder? Acreditamos que para casos excepcionais, as senhoras procuravam instâncias de poder para ajudá-las no exercício da autoridade. Nisto atuavam as escolas, igrejas e medicina para a fomentação da educação e controle infantil. Assim como atuavam nas famílias nucleares tradicionais, porém muito mais como apoio para auxílio e correção, quando requisitados.

Como auxílio, os discursos iam desde temáticas referentes a saúde, alimentação, convivência social e demais cuidados com as crianças e a rotina delas. Na coluna “Para Mamá” intitulada “Alimento para el niño” presente na revista Gloria é possível perceber uma certa frequência da temática da alimentação das crianças, por exemplo, na edição de número 34:

Por lo general, la carne, el pollo o el pescado que se dan a los niños pequeños, deben ser hervidos, asados u horneados. No deben ser muy sazonados ni servidos com salsa que contenga mucha grasa, que flote em la superficie. Si se hacen fritos, debe tenerse mucho cuidado que no absorban

mucha grasa; ésta debe estar bastante caliente, como para que se cocine el alimento; pero no tanto que lo quemem. La carne, el pollo y el pescado deben envolverse en harina o miga de pan, que formará una capa protectora e impedirá que penetre mucha grasa en lo que se fríe. Una vez frito, el alimento debe ser escurrido sobre papel absorbente antes de servirse, para eliminar el exceso de grasa. (1952, p. 44)⁴⁰

Como em um manual de condutas ou em um livro de receitas, as revistas atuavam no sentido de gestar o comportamento familiar, divulgando modelos de condutas ideais, incitando certo comportamento em detrimento a outro, no preparo alimentício da criança, sugeriram certos comportamentos em detrimentos a outros, a boa preparação alimentar efetivava mesmo para as famílias menos abastadas que a criança crescesse forte e saudável, pois mesmo que a criança pobre não faça a mesma quantidade de refeições que uma criança rica faria, mas se ela fizer as poucas refeições de forma correta, preparadas da maneira desejada por essa literatura, é certo, segundo ela, que a criança crescerá sã.

A alimentação, neste sentido, é parte preponderante na história do progresso e modernização brasileiro e colombiano. Época de crescimento e fortalecimento da economia brasileira por intermédio dos avanços tecnológicos, que a partir da década de 1960, máquinas, adubos e defensivos químicos passaram a fazer parte da atividade agrícola, enfatizando seu crescimento. Na Colômbia, crescia a economia principalmente devido ao cultivo de café. Um corpo social saudável e bem alimentado garantiriam novos cidadãos dispostos a trabalhar e fortalecer ainda mais a economia.

Os cuidados referentes às crianças não cessavam na alimentação, eram direcionados a muitas circunstâncias do dia a dia da criança, dentre eles o asseio da

⁴⁰ Pelo geral, a carne, o frango ou o peixe que se dão às crianças pequenas, devem ser fervidos, assados ou cozidos. Não devem ser muito temperadas nem servidas com salsa que contenha muita graxa, que flutue na superfície. Se se fazer fritos, deve ter-se muito cuidado que não absorvam muita graxa; esta deve estar bastante quente, como para que se cozinhe o alimento; porém não tanto que o queime. A carne, o frango e o peixe devem envolver-se em farinha ou migalhas de pão, que formará uma capa protetora e impedirá que penetre muita graxa no que se frite. Uma vez frito, o alimento deve ser escurrido sobre papel absorbente antes de servir-se, para eliminar o excesso de graxa.

criança e do bebê. A preocupação com a higiene foi ponto incisivo nos discursos viabilizados para as mulheres e demais membros do ambiente do lar nesta época. Tendo em vista que o discurso médico higienista preponderava, e levando-se em consideração o crescimento do poder dos ditames médicos sobre os corpos, certos modos de fazer e proceder atrelados à cientificidade corroborava.

Na coluna da revista já citada neste texto intitulada de “Para mamá”, houve na edição de número 25 a matéria intitulada “El baño del bebe” escrita por Ellis Wokerling, em sua estrutura um quadro de perguntas e respostas sobre como se deve dar um banho adequado na criança, o quadro iniciava com a seguinte pergunta: “¿Debe bañarse el niño diariamente?”, e a resposta foi bastante esperada para um leitor dos dias de hoje, que já possui conhecimentos em referência a saúde e higiene, mas é preciso lembrar que nas décadas de 1950 e 1960 esse conhecimento ainda era muito remoto e não atingia tão facilmente a todos os lares, muito menos a aqueles que detinham de uma certa distância das cidades.

Sí. El cuerpo del niño debe limpiarse diariamente, pues su piel es muy delicada y las secreciones deben ser quitadas. El niño debe recibir un baño de aceite o de agua y jabón según su edad, salud y condiciones de la piel. Algunos niños tienen pieles más delicadas que otros. Los prematuros, los muy delicados o los que tienen la piel seca, deben recibir baños diarios de aceite, lo mismo que los muy rubios o de pelo rojo, que tienen muy clara la piel. (WOKERLING, 1950, p. 39)⁴¹

As inovações⁴² da época eram extremas e conseqüentemente causavam furor nos lares brasileiros e colombianos, principalmente para aqueles que tinham acesso aos

⁴¹ Sim, o corpo da criança deve limpar-se diariamente, pois sua pele é muito delicada e as secreções devem ser eliminadas. A criança deve receber um banho de óleo ou de água e sabão segundo sua idade, saúde e condições da pele. Algumas crianças tem peles mais delicadas ou as que tem a pele seca, devem receber banhos diários de óleo, o mesmo que os muito loiros ou de pele vermelha, que tem muito clara a pele.

⁴² Dentre as quais citamos os eletrodomésticos, itens de beleza até então não existentes, têxtil inovador, por exemplo, em detrimento aos eletrodomésticos surgiram a televisão a cores e o micro-ondas nesta época, aos itens de cosmética, surgiu o desodorante roll-on; e em detrimento ao têxtil, o velcro pode ser citado.

artigos modernos, nesse sentido, era comum não saber mexer ou atribuir novas funções a esses artigos. Ainda sobre o artigo referente ao banho do bebê há uma pergunta sobre o lava-pratos, se se é possível dar banho na criança neste objeto moderno, para um leitor da década atual que sabe como o procedimento de uma máquina como essa é realizado e consequentemente tem noções mais avançadas que os leitores da década de 1950, parece uma ideia ridícula acreditar que alguém tentaria lavar seu filho em um lava-pratos, no entanto, para alguém ludibriado e impressionado com a força e potência de seu artigo novo e ultra moderno, como foi o caso das senhoras daquela época, poderia não parecer uma ideia ruim.

Sí; muchas madres lo encuentran cómodo. Asegúrese, eso sí, de que la cocina está caliente, el lavaplatos muy limpio y todo el equipo del baño cerca a usted; puede usar también una pequeña tina plástica de inflar y colocarla sobre el lavaplatos. Después de usarla, debe secarla muy bien y colgarla inflada para la próxima vez. (idem, 1950, p. 39)⁴³

E a resposta da revista surpreende ao permitir que a criança possa sim ser banhada no lava-pratos. Tendo em vista que tanto para as pessoas comuns que adquiriram as novidades e procuram usá-la e fazer dela outros usos, para a pessoa responsável pela escrita do artigo, talvez não fosse uma má ideia esse tipo de uso com o eletrodoméstico novo. As novas tecnologias assumiam dispositivos distintos sobre os corpos femininas, em certa medida, ajudavam, por outro lado, também as substituía. De forma geral, garantiam à dona de casa mais tempo para si e para o cuidado para com os filhos, mas podiam também garantir desapropriações de um espaço, de uma função.

A função materna, é portanto, um alvo de representações discursivas, de jogos de interesses e de práticas pedagógicas. Ter a mãe aliada ao projeto do governo corrobora para que as ações esperadas pelos cidadãos da época e os futuros sejam efetivamente fomentadas, porque nada melhor que o conselho de mãe, há no conhecimento popular certa crença que diz que não ouvir a figura materna atrai coisas ruins, neste sentido, não ouvir uma mãe cuja cabeça está cheia de ideias revolucionárias

⁴³ Sim; muitas mães o encontram cómodo. Assegurar-se, isso sim, de que a cozinha está quente, o lava-pratos muito limpo e toda a equipe do banho perto a você; pode usar também uma pequena banheira plástica de inflar e colocaria sobre o lava-pratos. Depois de usá-la, deve secá-la muito bem e pendurá-la inflada a próxima vez.

e progressistas advindas de revistas femininas e manuais de condutas poderia ser um caos para o ambiente do lar que ela coordena, ou uma benção para aqueles que não foram banhados em lava-pratos.

• 2.3 – Os espaços da senhora do lar

Apontava dezesseis e meia no relógio de parede de modelo Rubinick⁴⁴, logo mais estarão todos em casa: o marido retornará do trabalho, cheio de novidades vinculadas ao seu exercício a serem contadas, os filhos regressarão da escola, com menos energia do que estavam quando saíram de casa, mas, ainda assim, peraltas como geralmente costumam se apresentar. Aquele momento indicava muito além de que os outros viventes daquele espaço estavam para regressar, indicava que aquela mulher poderia sentar, descansar e, quem sabe, ler um pouco.

A casa não necessariamente é um silêncio sem a presença de todos os membros, há muito barulho naquele espaço, o ranger dos móveis ao serem esfregados no processo de limpeza, o ariar das panelas, a música no rádio anunciando as novidades da área na época, a televisão para as casas mais abastadas financeiramente. O momento da senhora, no entanto, era seu prazer, oportuno à fomentação de felicidade, não só dela, como também de toda a família, a mulher quando está bem consigo mesma consegue gerir melhor o espaço do lar e os entes ali viventes⁴⁵, é um momento de silêncio, muitas vezes de beleza, de banhos demorados, de prazeres.

A história fictícia apontada acima é a representação do que se é possível inquirir na análise dos discursos dos manuais estudados nesta pesquisa acerca do que se compreende no dia a dia das senhoras do lar, neste sentido, é possível presumir que o cotidiano dessas mulheres era geralmente voltado ao trato da casa, isso quando as

⁴⁴ Marca de relógios que fazia sucesso na época na América Latina. Dentre os modelos da moda, estava o delicado e antigo relógio de parede que geralmente era fomentado em formato de dito oito em caixa de madeira nobre ricamente torneada com mostrador em metal esmaltado.

⁴⁵ É possível compreender este dado mediante o manual de boas maneiras intitulado de Aprenda as Boas Maneiras de Dora Maria.

crianças não passavam o dia inteiro com elas, ao invés de irem para a escola, haviam os casos das senhoras que detinham a oportunidade de terem serviços na casa e que, portanto, assumiam sua posição de senhora do lar na assunção das ordens e das normas.

A “senhora do lar” em seu espaço comandava, traduzia sua ordem na posição de cada móvel, na compra de cada utensílio e na demonstração de zelo plausível de ser acometido numa mera análise ao se inserir naquele espaço. A década de 1950 foi marcada por avanços tecnológicos voltados a facilitarem a rotina feminina no ambiente do lar, consiste neste aspecto os produtos eletrodomésticos, dentre os quais destacam-se a geladeira, batedeira, cafeteira e liquidificador. Logo, atividades que antes demoravam muito mais para serem elaboradas, com esses produtos foram ressaltados pela sua eficácia, durabilidade e facilidade.

O que antes era um luxo tornou-se o padrão do conforto desejado, pelo menos nos países ricos: a geladeira, a lavadora de roupas automática, o telefone. Em 1971, havia mais de 270 milhões de telefones no mundo, quer dizer, esmagadoramente na América e na Europa Ocidental, e sua disseminação se acelerava. Dez anos depois, esse número quase dobrara. Nas economias de mercado desenvolvidas havia mais de um telefone para cada dois habitantes (US World Social Situation, 1985, tabela 19, p. 63). (HOBSBAWM, 1995, p. 207)

Esses eletrodomésticos e aparelhos domésticos além de muitas coisas permitiam à senhora: tempo. Muitas vezes esse tempo era empregado em uma nova função, exercício que certas vezes possibilitaria àquela figura autonomia financeira, como também, tempo para si, para embelezar-se e conquistar o marido, a atenção das amigas e do restante da sociedade. A geladeira, neste sentido, era um dos pontos fortes da cozinha entre os anos de 1950 e 1960, com cantos arredondados e geralmente vendida em cores pastel, azul ou amarelo⁴⁶, facilitava a vida da senhora do lar no sentido que conservavam os alimentos preparados por mais tempo, conseqüentemente não havia mais a urgência de preparar refeições diariamente pois poderiam ser reaquecidas. Para além disso, serviam inclusive como objeto de decoração e moda do lar, expondo o quão

⁴⁶ Conhecimento adquirido através de pesquisas sobre decoração erigida como ideal para as casas da época de 1950 viabilizada através da internet. Disponível em <<https://universa.uol.com.br/listas/ocoracao-da-casa-como-eram-e-sao-as-cozinhas-de-1950-ate-hoje.htm>>. Acesso em: 18/04/2018.

a senhora estava atenta as tendências, como também o quão bem financeiramente estava a família, tendo em vista que nem todas tinham acesso a produtos considerados de luxo.

Sendo assim, outros eletrodomésticos considerados como otimizadores da qualidade de vida dessas senhoras eram utilizadas não só para agregar tempo, mas também para serem utilizados como alternativas para obtenção de lucros, logo a batedeira fora muito utilizada para ornamentar a cozinha e para a feitura de bolos desenvolvidos para o prazer da família e para serem vendidos em espaços de lazer (lanchonetes e docerias, por exemplo).

O exercício de vender artigos alimentícios sem necessariamente perder muito tempo com essa atividade, podendo ater-se à atividade principal, que segundo a literatura de normalização consiste à atividade dos cuidados para com o lar intensificam o desejo pela autonomia das senhoras do lar, que conseqüentemente com o ganho de tempo, passam a cada vez mais integrar o espaço urbano desenvolvendo atividades que costumeiramente eram atribuídas ao gênero, como também, em menor grau, mas existente, desenvolvem atividades muitas vezes classificadas apenas para os homens.

Em suma, essa análise nos leva a crer que o tempo é o principal motivador nesta questão das rupturas e permanências causais no cotidiano feminino. O ganho e a perda de tempo causam novas definições à rotina, inclusive ao que se atribui ao lazer, pois ao se ganhar tempo, não necessariamente ele precisará ser gastos com novas atividades, poderia ser gasto consigo mesma, para com o cuidado de si, para a ornamentação de si e do lar, para a leitura, dentre outras atividades que atendiam ao divertimento feminino da época.

Mas, neste momento do estudo, apontamos a necessidade de se pensar por outro lado, atendendo agora ao espaço e não necessariamente ao tempo, como geralmente se faz no exercício de pesquisa do historiador. Michel Foucault, certa vez, fez trajeto semelhante ao pensar *Outros espaços*, cujos apontamentos levaram à compreensão da “heterotopia”, que de forma geral, pressupõe a ideia da realidade e irrealidade ao mesmo tempo e em um mesmo espaço. Desde que se tem noção do espaço, podemos nos ater a um lugar, o nosso lugar histórico, onde vivenciamos e desenvolvemos, onde apropriamos e representamos ideias, tecemos diferenças, limitamos funções. As práticas

são relativas aos espaços que elas ocupam. Neste sentido, as vivências relacionadas aos espaços privados não são geralmente os mesmos vivenciados em público.

O espaço em que vivemos, pelo qual somos lançados para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos erode é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. Em outras palavras, nós não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual seria possível situar indivíduos e coisas. Nós não vivemos no interior de um vazio que se revestiria de diferentes espelhamentos; nós vivemos no interior de um conjunto de relações que definem alocações irredutíveis umas às outras, e absolutamente não passíveis de sobreposição. (FOUCAULT, 2013, p.115)

O olhar disponibilizado em corpos dissuadidos em papéis específicos, segundo as identidades de sexo, fomentam condutas distintas em espaços públicos e privados, se no primeiro exigem-se comportamentos mais acometidos, recheados de pudor e concentrados de certa disciplina, no ambiente doméstico, subjetivam-se códigos de maior comodidade, a qual os indivíduos têm liberdade de se expor, pois estão em seus espaços específicos. Ao que concerne às prescrições médicas, espaços públicos e privados, na teoria, trabalhariam em conjunto, tendo em vista que as normas precisariam ser difundidas em ambos os espaços, neste sentido, o corpo é experimentado, silenciado e condicionado a subjetivar códigos comportamentais em quaisquer espaços que possa habitar.

Nesse sentido, como é que em determinado momento da história a sexualidade se tornou a identidade dos indivíduos? O corpo, por exemplo, é topia e utopia ao mesmo tempo, está presente no espaço cuja normatividade erige comportamentos que representem sua definição sexual, mas a imaginação é pura utopia. Neste sentido, do espaço privado para o público há uma vasta dimensão de poderes, representações e saberes que os aproxima e os afasta tanto ao que concerne ao comportamento, como também às questões referentes aos sentimentos e exposições.

Os estudos de Foucault, de maneira geral, nos levam a pensar como um comportamento pode se tornar hábito ou introjetados enquanto verdades. Ou até, refletir como algo que não é verdadeiro se tornou verdade? Através do poder disciplinar se é possível mudar a natureza de alguém, educando-a. Por exemplo, no panóptico, por meio

da vigilância dos prisioneiros, ocorre a introjeção do poder disciplinar, para evitar punição, reagem àquele sistema como os “agentes da vigilância” consideravam correto, aquela constância assumia formas de hábitos com a repetição.

Em suma, o que o leitor poder-se-á perguntar é o que todas essas questões têm a ver com a senhora do lar? Ao que concerne à questão do hábito vivenciado no espaço do lar. Aquele espaço privado corrobora na fomentação de perfis, estipula normas mediante às sexualidades que estipulam normalidades e identidades dissociados em detrimento às atividades. Aquele espaço normaliza poderes e saberes, para além disso, estipula verdades sobre os corpos. Dentre as verdades, ressoam os hábitos femininos, considerados pelo exercício da repetição. Às senhoras do lar são atribuídas as atividades do lar, limpeza, coordenação, educação dos filhos, de forma geral, são atividades repetitivas, logo, não se faz necessário pensar.

A crítica consiste na literatura veiculada às mulheres, mais precisamente, as senhoras do lar, apagadas geralmente das histórias por estarem reclusas nos ambientes privados, como se nesses espaços não houvessem dinâmicas sociais, culturais e econômicas que fizessem diferencial para com a história da Nação e como se essas histórias vivenciadas nesses espaços não coadunassem nos espaços públicos. Além disso, por exercerem funções repetidas em seu cotidiano, compreende-se nos discursos que visam trazer a discussão sobre as senhoras do lar como sujeitas alienadas, dispersas do que ocorre fora seu eixo de saber, ou seja, o exercício da repetição, do hábito, as inferioriza na história das mulheres e as apaga dos livros de história.

No entanto, é preciso pensar a iminência de literaturas como as dos manuais de condutas e das revistas femininas, dispostas a tratar temáticas referentes ao espaço do lar nos contextos que foram introduzidas. São textos que compreendem o exercício das senhoras do lar para além da repetição. Por exemplo, no tópico referente à limpeza da cozinha no manual Tudo o que uma dona de casa deve saber de Vera Sterblitch há diversas maneiras de se limpar aquele espaço, para cada objeto há um modo e materiais necessários para isto. As panelas, por exemplo, especificam cuidados para as de alumínio, outros para as de cobre, outros para as de vidro, as de aço inoxidável, niqueladas e de ferro, dentre outras.

Os eletrodomésticos admitiam à senhora do lar certas facilidades em suas rotinas, entretanto erigiam novos saberes, era preciso saber lidar com estas inovações, a limpeza destes precisava ser compreendido, era preciso também deter conhecimento tecnológico para instruir os outros entes da casa quando fosse preciso, educar os filhos a manterem-se distantes dos aparelhos e transmitir aos mais velhos ordens para saberem lidar com estas inovações quando preciso. A respeito da bateadeira, Vera Sterblitch propõe

Deve-se colocar óleo, frequentemente, de acôrdo com instruções. A bateadeira deve ter um lugar especial para ser guardada, ou então deve-se cobri-la também com um capinha. Não arranhe as tijelas com o uso de colheres para raspar as massas de bolos ou outras comidas: utilize uma colher de borracha chamada em geral de “pão duro”. Cuidado com a temperatura da água quando lavar as tijelas. As bateadeiras geralmente vêm acompanhadas de instruções que devem ser lidas atentamente. (STERBLITCH, 1958, p. 89)

As inovações compreendidas à Era de Ouro ou Anos Dourados, detinham poucos espaços, eram lugares privilegiados, com certa ascensão financeira, geralmente eram espaços privados configurados nos grandes centros urbanos, cujas tensões estavam demarcadas no ambiente público. As senhoras e senhores do lar que detinham possibilidades de acesso a essas inovações encontravam-se com o outro lado da história dos espaços daquela época ao colocarem os pés para fora de seus lares. Poderiam vislumbrar miséria, fome, doenças, falta de saneamento, dentre outras questões, mas miravam para o futuro, estampados nas vitrines, encontravam-se os traços do que era advindo de fora, da modernidade concebida nas revistas, que admitiam o que era belo e bom no exterior, desde Estados Unidos a Europa.

O forte movimento desenvolvimentista da época era passível de ser percebido nas artes, desde na arquitetura, como também na música, na literatura e demais meios de expressão artística. A modernidade era visível, tocada e cheirada. O lazer, portanto, era moderno. Imbuído de novos conceitos, novos paradigmas e matérias. E neste sentido, os veículos de informação da época precisavam estar a par da situação, apresentar o contexto e as tendências de moda não só para as pessoas, como também para os lares, e para os mais diversos ambientes. As revistas atendiam a essa questão, assim como a televisão e o rádio.

O discurso de uma revista é repleto de significados de uma época, conceitos que se faziam circular no cotidiano dos viventes das regiões as quais essa literatura desenvolvia temáticas, ilustradas por meio de textos imagéticos e também através de resenhas, artigos e dossiês.

Seu conteúdo, portanto, é marcado pelo contexto histórico: nunca surgem com ideias revolucionárias, não abrem caminhos, mas também não podem ficar muito distantes das transformações que ocorrem na sociedade, sob o risco de perder seu público leitor. Ao mesmo tempo, as revistas são capazes de formas gostos, opiniões, padrões de consumo e de conduta. Para suas leitoras fiéis, acabam servido como companheiras de lazer, mas também como guias de ação e conselheiras persuasivas. (PINSKY, 2014, p. 10)

A revista “Gloria”, portanto, era um atributo qualitativo da arte, da cultura colombiana em evidência, das mulheres sempre apresentadas em assunção na época, dos exercícios destes sujeitos e dos ditames de moda e estética em vigor. Em uma breve apresentação da revista, podemos ilustrar ao leitor toda a movimentação concernente às capas, movimento pois ao folhear as capas encontramos-nos em um museu de arte cuja movimentação revela-se nas categorias que marcaram as técnicas, desde o surrealismo, expressionismo, cubismo, etc. A imagem subsequente refere-se a primeira edição da revista Gloria, publicada entre março e abril de 1946, trata-se de um retrato do modernismo, uma representação do que se esperava da revista dali para frente, uma primeira edição cheia de cores, sorrisos e novidades.

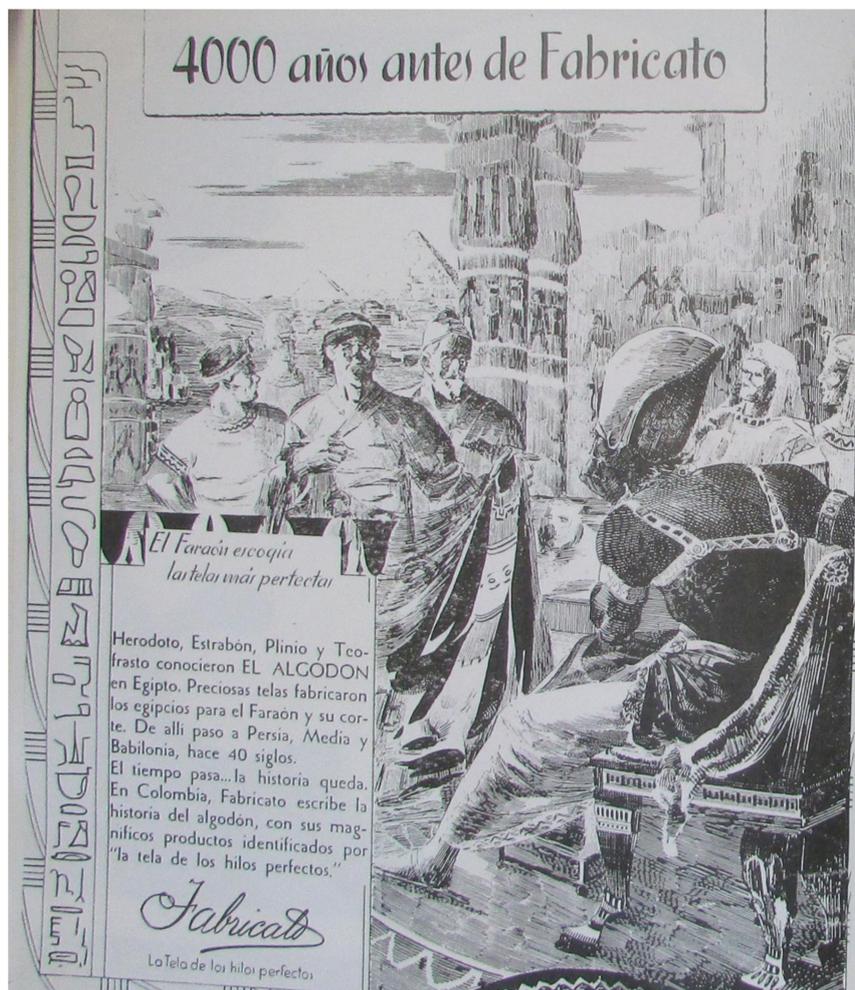
IMAGEM 1: Capa Gloria de 1946



Fonte: Arquivo Pessoal.

Apesar de não fazer parte do período estipulado para a fomentação desta pesquisa, acreditamos ser imprescindível expor um pouco da primeira edição da revista, tendo em vista que ela dá vazão aos interesses discursivos de quem a produz, projetada sob quais interesses? A fim de atingir a quais públicos? O que ela propõe discutir? Esta edição em especial traz em sua primeira página uma apresentação ilustrada daquele que a produziu: A fábrica têxtil denominada Fabricato.

IMAGEM 2: 4000 años antes de Fabricato



Fonte: Arquivo Pessoal.

A Fabricato ascendeu como um dos maiores nomes da indústria têxtil da Colômbia, inaugurada em 7 de agosto de 1923 pelos empreendedores Carlos Mejía, Antonio Navarro e Alberto Echavarría, contaram com a presença do então presidente colombiano General Pedro Nel Ospina Gómez, o crescimento da empresa foi exponencial que em 1940 haviam planos de fundarem uma hidroelétrica em García, para além disso, construíram uma clínica privada com todos os serviços de saúde gratuitos e um internato para os trabalhadores da fábrica. Em 1944, em associação a companhia norteamericana Burlington Mills Corporation, fora fundada a Textiles Panamericanos Pantex que posteriormente faria parte integrada ao grupo Fabricato, como dito anteriormente nesta pesquisa, o país passara por um período de crise denominado La Violencia, em esta época houvera um fortalecimento do movimento

fabril associado aos interesses de modernização advindos de fora, principalmente de países como os Estados Unidos, cuja inserção na economia colombiana fora crescente⁴⁷.

Acreditamos, de acordo com a formação discursiva, que objetivar a criação de uma revista serviria (para além de outras coisas) para a promoção do que era produzido pela fábrica, por isso há tanto investimentos em artigos ensinando às senhoras a produzirem suas próprias roupas, além da fomentação de concursos de costura, que impulsionavam a atividade da costura para as senhoras não só como uma atividade de lazer mas também como uma forma de se ganhar dinheiro (em uma época de crise financeira a qual o país vivenciava, acreditamos que era uma alternativa vigorante), estimulando a economia, além do retorno de investimentos para a própria fábrica, tendo em vista que ensinando às senhoras como produzirem em casa elucida-se um interesse pela moda, que era uma moda veiculada discursivamente pela empresa, formavam-se ditames de acordo com os tecidos vendidos pela Fabricato, em um jogo de interesses aos quais a fábrica era a que mais se beneficiava.

Desta forma, a Fabricato produzia discursivamente a moda colombiana. A primeira edição da revista Gloria traduz bem essa questão, as temáticas tratadas variam entre “temas femeninos”, “nuestros concursos”, “métodos de corte”, “la moda”, “normas de belleza”, “la moda de ahora”, “labor social de Fabricato”, “bases para el concurso de labores de costura”, “no cometa faltas en sociedad”. A figura feminina almejada enquanto leitora para a revista era a mãe, a aluna, a mulher que trabalha, a senhora do lar, em suma, todas que se interessam por moda e tendências que estão em alta para o público feminino, não bastava vestir-se bem e de acordo com as modernas referências estrangeiras, era preciso portar-se de acordo, moldar o corpo e as condutas para representarem o moderno.

Ao longo do período vigente ao qual a revista Gloria circulara as capas variavam entre diversos movimentos artísticos. Quando geralmente se tratam de revistas femininas, as mesmas têm como capa figuras icônicas da época, seja uma Marilyn Monroe, Audrey Hepburn, Elizabeth Taylor, dentre outras personagens que representavam modelos de beleza e tendências comportamentais, desde a figura da boa

⁴⁷ Para mais informações a respeito da história da Fabricato, recomendamos a leitura do “nuestra historia”. Disponível em <<http://www.fabricato.com/es/nuestra-historia>>. Acesso em 27/02/2018.

moça, até a sexy appeal; no entanto, a Gloria partira de outro princípio, ter peças reconhecidas como obras-primas na arte em suas capas representa interesses, normas e pedagogização. Pedagogiza-se o corpo ao que se considera importante, uma capa cultural, revela quem é a mulher ideal, seja ela dona de casa, trabalhando fora, estudante, etc... A mulher ideal é culta, prendada, atualizada, sabe costurar, é aquela que em uma conversa saberia desenrolar qualquer assunto sem perder a compostura e aparentando inteligência, mas quanto de inteligência? Pode a mulher parecer mais inteligente que o seu esposo?

Capítulo 3: Uni-vos!

“Ele tocou meu pensamento à minha cintura meu quadril ou minha boca ele não disse que eu era bonita de primeira ele disse que eu era extraordinária.”

Como ele me toca - Rupi Kaur

- **3.1 - Celebra-se a união: Os papéis de gênero**

O toque celebra o encontro entre dois corpos, desenvolve a intimidade entre os sujeitos, corrobora na criação de um desejo. Quando corpos apaixonados conhecem o toque do amor, quebram-se barreiras, inexistem normas e ditames impostos pela sociedade. No Brasil, assim como na Colômbia, das décadas de 1950 e 1960 o “toque” mensurado por Rupi Kaur, era vivido em meio a silêncios, tensões... transgredido para além do contexto, em detrimento ao desejo de ser e sentir o “extraordinário”. Objetiva-se neste capítulo discutir a fomentação do casamento e das relações pessoais no geral através de códigos e normas de condutas em revistas femininas e manuais de condutas, tendo em vista que por meio de uma temática como o amor ou o casamento é possível se saber muito sobre o desenvolvimento de uma sociedade, e nesse caso, quais as intencionalidades por baixo dos planos privados colombianos e brasileiros para os públicos, para tanto, estratégias de consumo foram utilizadas pelos públicos femininos, logo, quem eram as mulheres ideais? E onde se localizavam as senhoras do lar nesse conjunto discursivo?

No conjunto de normas disseminados para os sujeitos individuais, haviam normas a serem vividas em sociedade, assim como, normas a serem desenvolvidas no processo de comunhão. Quando se pretende ter relações amorosas com uma pessoa, dever-se-ia seguir toda uma ritualística carregada de significados, desde a fomentação de interesses sobre o outro no contato físico, às celebrações que envolvem a união daqueles dois indivíduos envolviam normatividades. O namoro, noivado e posterior casamento delimitavam papéis e jogos de poder entre os corpos. As relações, quando formadas, geralmente eram desenvolvidas na intencionalidade da união⁴⁸, seja política, economicamente, amorosamente, dentre outras possíveis associações.

⁴⁸ Etimologicamente a palavra união vem do latim “unio.onis” que compreende diversos conceitos, dentre os quais, o mais usual: juntar-se.

Em uma relação afetiva, a reunião entre dois corpos é oficializado através de um pacto, acordo ou contrato (dependendo, às vezes, se se segue certas religiões). Nesse interim, ao decorrer da história das relações de gênero, os sujeitos submetiam-se à ritualística social certas nuances que davam forma à história nos papéis desenvolvidos pelos seus sujeitos, como se deveria portar homens e mulheres, inclusive no ato de unirem-se, fez com que os acontecimentos tenham sucedido sob dado aspecto que agencia o protagonismo à figura masculina. Desse modo, a figura feminina geralmente era apresentada como submissa, e portanto, costumeiramente fez-se, ao longo do tempo, do corpo feminino o papel reprodutor, dócil, servil e inerente à honra da relação.

Manuais de condutas, assim como revistas femininas, costumam trazer entre suas temáticas a questão do casamento, para além da celebração em si, haviam conceitos arrolados à conquista, o tato para com a figura masculina e como se portar, como cuidar-se (e atrair a atenção do sexo oposto), havia também explanação sobre o namoro, certos ditames correspondentes à época do noivado e as demais responsabilidades relacionadas a todos os envolvidos do evento, desde os próprios noivos, aos pais destes e padrinhos. A união em desenvolvimento era, segundo a literatura de normalidade, uma preparação para a vida em família. Tendo em vista que o afeto é o combustível do capitalismo (ILLOUZ, 2011), a qual as relações afetivas serviam como suporte terapêutico para o frenesi do progresso, pensar a normatização dos corpos para a fomentação das relações afetivas corroborava na compreensão dos interesses discursivos e dos possíveis desejos futuros para o prosseguimento das sociedades.

Nesse sentido, a moça considerada “de família” deveria atender a certos códigos de pudor que eram introjetados em seus corpos, de acordo com a discursividade veiculada tanto em manuais de boas maneiras colombianos quanto brasileiros estudados nesta pesquisa era possível visualizar uma ordem para que estas moças provassem seu “valor” aos pretendentes, precisavam exporem-se enquanto belas, recatadas e do lar. Logo, desde a época da conquista afetiva do sexo oposto⁴⁹ já haviam uma série de

⁴⁹ Tendo em vista que as famílias recomendadas nesses artefatos culturais tratam-se do modelo “nuclear”, cuja formação compreende mãe, pai e filhos. Deixando os outros arranjos familiares (que poderiam não ser recorrentes, mas haviam) inexistentes no texto.

delimitações que corroborariam nos códigos comportamentais veiculados aos papéis de gênero estipulados para o casamento, inclusive nas relações de poder, cujo jogo definiria quem iria ser submisso a quem. Uma das maneiras de conquistas creditados a época era através da gula, a moça considerada prendada competia com louvor a atenção de seu pretendente.

Em contraponto a essa questão, ao rapaz, acometiam-se tributos referentes à honestidade, força de vontade para o trabalho e respeito à honra da moça e a família da mesma. De modo que a atenção dedicada aos atributos da figura masculina eram, na verdade, vinculados ao corpo feminino, pois o ato de, por exemplo, ser trabalhador, se tratava de uma exigência conveniente a prover a renda da futura família, que geralmente era responsabilidade masculina. Neste sentido, a ritualística do namoro compreendiam normas, como:

Hoje, com os perigos da vida moderna, toda a moça bem orientada deve apresentar aos pais seu namorado, desde que suas observações pessoais levem-na a considerá-lo digno disto. Aos pais compete, com a experiência de maturidade, analisar o pretendente em questão, esclarecendo, em conjunto com a própria filha, os pontos que pareçam obscuros, na personalidade do rapaz. A este, cabe aceitar com naturalidade a vigilância dos futuros parentes e evitar uma assistência contínua ao lado da moça, recebendo sempre, por intermédio desta, o consentimento dos pais para as visitas que fizer. (MARIA, 1961, p. 94)

A vigilância era uma recorrente forma de controle sobre os corpos juvenis, utilizada inclusive como modo comprobatório da honra atribuída e de que tratava-se de uma “moça de família” segundo os conceitos designados pelo senso comum da época. A frequência da reprodução da vigilância sobre o corpo jovem reverberava na história das práticas educativas sensíveis daquele corpo, tendo em vista que um corpo menos vigiado, era um corpo livre para acertos e erros, mas também um corpo culpabilizado, creditado de referências de outras pessoas sobre si, na relação com o Outro que o Eu se reconhecia. Um Eu livre de vigilância do privado, era creditado de subjetivações no público, o olhar do Outro no público transitava e era subjetivado naquele espaço e corroborado no privado.

Logo, vigiar era uma norma para o corpo adolescente, seja pelos membros da casa, sejam pelas pessoas de fora do lar, os vizinhos e demais detentores da moral, em consequência, as introjeções sensíveis causadas por essas vigilâncias figuravam nas relações afetivas subsequentes, por isso, vigiava-se não apenas o namoro em casa, que compreendia rapaz e moça no sofá observados por algum membro da família (geralmente a figura do pai, pois correspondia a autoridade da casa), mas também às mudanças nos modos de agir e vestir-se da moça, esta não poderia se desfazer do pudor, nem agir com rebeldia, vigiava-se as notas na escola, para que o desempenho educacional não fosse comprometido pelo enlace, além da constante observação na menstruação da moça.

É conveniente recordar, todavia, que o namoro é uma fase preliminar de reconhecimento do terreno, que deve ser levada a sério, como um período de observação para o noivado, que, por sua vez, é período de observação para a união de dois seres, ambos com direito à felicidade. No comum dos casos, é de boa norma procurar o namoro entre os da mesma camada social, do mesmo grau de instrução, dos mesmos hábitos e de educação semelhante. E como a educação é o ponto básico, o cerne do problema, vindo a seguir a instrução e em fila indiana as demais condições, vemos que o círculo não se restringe muito... (MIRANDA, 1965, p. 118)

Ater-se ao futuro era preponderante, os pais não entregariam seus filhos a candidatos que não garantissem prosperidade e bonança. Se o amor é combustível para o capitalismo, as afetividades se especializavam no privado, ganhavam formas, era vendido a partir daquela época uma propaganda do amor familiar, da casa proveniente do ambiente da fraternidade, eram expostos em forma de publicidade nas revistas femininas, anúncios de jornais, nas novelas e filmes transmitidos nas televisões e cinemas o amor que só se era encontrado no seio familiar, para tanto, fomentava-se um ideal de família, sustentado por padrões, aos quais a questão monetária em comum era agenciado de forma suave, mas suficiente para que fosse introjetado.

Era preciso, portanto, que os pretendentes fossem da mesma classe social, pois segundo Tavares de Miranda, além de assegurar as famílias de uma base consolidada para o futuro dos recém-casados, evitariam discussões futuras, quando porventura os membros passarem por necessidades financeiras, se caso um dos membros não estivesse acostumado com este tipo de situação, haveriam desentendimentos. A educação era

questão considerada fundamental no que tangia não só a promoção de futuro, como também a questão do respeito nas relações de poder, quando o casal possuía o mesmo grau de instrução, não havia margem para que uma pessoa considerasse superior que outra.

Essas relações de poder são, portanto, móveis, reversíveis e instáveis. Certamente é preciso enfatizar também que só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres. Se um dos dois estiver completamente à disposição do outro e se tornar sua coisa, um objeto sobre o qual ele possa exercer uma violência infinita e limitada, não haverá relações de poder. (FOUCAULT, 2014, p. 270)

Ser livre das amarras da sociedade que normatizavam os corpos e delimitavam verdades, condicionavam e pedagogizavam, se fazia necessário para que houvesse relação entre os indivíduos, para que houvesse um corpo social que se submetesse a uma mesma política era necessário que se fizesse o biopoder, introjetando-se saberes, ou seja, o poder sobre a vida e o corpo da população. Os corpos são pedagogizados para exercerem a relação entre o Eu e o Outro.

Compreendo a pedagogia, como uma arte e também uma ação de poder que agencia o saber para produzir sujeitos disciplinados. Ela produz marcas, significações e resignificações de como devemos ser para se relacionar com o Outro e ser reconhecido socialmente. Essas formas de pedagogizar utilizam do jogo das palavras, dos gestos e do olhar, desenhando Eu e Outro. (ARAÚJO, 2016, p. 32)

Eronides Câmara de Araújo tece considerações sobre diversos tipos de pedagogização do corpo em seu livro intitulado “Homens traídos e práticas de masculinidade para suportar a dor”, neste texto, discute-se, por exemplo, a “pedagogia do gênero” cujo princípio é o de desnaturalizar os lugares construídos para a separação entre os sexos, “a pedagogia cotidiana” que delimita a afinidade da mulher para com a casa, além da “pedagogia da maternidade” sobre o natural de mãe e da “pedagogia da virilidade”, que corresponde, a aguentar a dor e não chorar. Essas pedagogizações dos corpos são fundamentados em textos ditos, escritos, sentidos, performativos nas relações entre os corpos.

A pedagogia dos gêneros é exercida, inclusive, para estabelecer e desenvolver fronteiras entre eles. Aos homens, a virilidade; às mulheres, a feminilidade. Estabelecem-se barreiras cujas práticas pedagógicas normalizam que os corpos não podem atravessar. Formam-se sujeitos fechados a condutas arroladas ao gênero que muitas vezes os comparam e valoram. Este texto dissertativo procura, dentre outras coisas, intensificar a “troca de pele” (RAMIREZ, 2012, p. 236), a qual se faz necessário se reconstruir, reler-se, buscar novos conhecimentos, novas ideias, não prendendo-se a uma verdade fincada nos discursos ressoados em sociedade.

Com a noção de “parresía”, arraigada originariamente na prática política e na problematização da democracia, derivada depois para a esfera da ética pessoal e da constituição do sujeito moral, com essa noção dotada de arraigamento político e derivação moral, temos, para dizer as coisas muito esquematicamente - e é por isso que me interessei por ela, que me detive nela e torno a me deter -, a possibilidade de colocar a questão do sujeito e da verdade do ponto de vista da prática do que se pode chamar de governo de si mesmo e dos outros. E chegamos assim ao tema do governo que havia estudado anos atrás. Parece-me que examinando a noção de “parresía” podemos ver se ligarem entre si a análise dos modos de veridicção, o estudo das técnicas de governamentalidade e a identificação das formas de prática de si. A articulação entre os modos de veridicção, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si é, no fundo, o que sempre procurei fazer. (FOUCAULT, 2011, p, 9)

O conceito de “parresía” refere-se a “dizer a verdade”, exposto por Michel Foucault na aula proferida em 01/02/1984 no *Collège de France*, somada as técnicas de governo de si e dos outros, além do cuidado de si. Cuidar-se neste contexto, em especial ao que concerne as práticas de namoro, compreende o mantimento da honra, que remetia não só ao corpo feminino em questão, que deveria proteger-se do falatório da cidade (protetores da moral e dos bons costumes) caso fosse violado, como também todo o conjunto familiar seria deslegitimado. Era designado a mulher o mantimento da honra e da fidelidade, não cabendo ao homem as mesmas normas.

Na arte de conquistar prevalecia quem era mais sedutor, logo, as moças que fossem compreendidas como “para casar” não detinham na literatura de normalidade regras que fundamente uma beleza sexy, eram estimuladas a apresentarem-se angelicais para seus pretendentes, consideradas por estes “moças de família”, a beleza estava

associada ao natural, em não chamar atenção para os seus “dotes”, enquanto que sedução “vulgar” eram atividades daquelas consideradas “levianas”, mas que por outro lado, eram essas mulheres capazes de comandar a relação, conduzir os instintos masculinos ao bel prazer, o que ameaçava a dominação masculina.

A solteirice para as moças até certa idade era compreensivo, logo após isso, “ficavam para titias” de acordo com o senso comum, essa expressão referia-se à mulher que não conseguisse “realizar-se” em plenitude, ou seja, não atingisse o casamento, e por consequência, no máximo cuidaria dos filhos dos seus irmãos e demais parentes, levantou-se na época a bandeira contra a solteirice, significando esta etapa da vida como frustração e desmerecimento para a representação da família.

Em consequência disto, as décadas de 1950 e 1960 no contexto colombiano e brasileiro, o matrimônio era interessante para a fomentação do progresso pois segundo as literaturas da época, casamento era a exigência para se conseguir a assunção da felicidade nas famílias, visto que garantia a estabilidade para maridos e esposas no espaço privado, e em consequência, esses mesmos homens e mulheres felizes são também trabalhadores felizes e, posteriormente, produziram mais nos espaços públicos.

Dessa forma, conseguir um marido era o mais fundamental dos objetivos de uma moça, cujo casamento poderia ser lido como uma carreira e a independência não era central e nem costumeiramente aconselhado na vida da figura feminina, já que seus maridos exerceriam suas funções de mantenedores do lar. Travava-se uma guerra em que mulheres batalhavam entre si utilizando de suas armas (prendas domésticas, etc) para obterem o marido almejado. A passividade geralmente imposta à mulher, nos jogos de sedução e na batalha pelo amor, turvava-se por uma aparente profusão de discursos que instruíam as senhoritas à luta por sua carreira doméstica.

Na busca pelas afetividades entre os corpos e consequentemente pela união fomentada entre eles, espaços que antes eram vividos em separados, passaram a serem vividos em comunhão, havia portanto uma união dupla, de corpos e espaços. Aos rapazes era recomendado estar entre os seus, em espaços considerados masculinos, vinculados ao seu sexo, praticando pedagogias de virilidade e enaltecendo-as, porém, no momento que começavam a desejar o sexo oposto, passavam a conviver com mulheres e dialogar com elas, teriam vivências novas nos espaços de sociabilidades, educabilidades

e sensibilidades. Regiam-se normalidades para que esses corpos não acostumados entre si, porém magnetizados pela atração, pudessem desenvolver a ritualística da união.

Quando finalmente havia a formação do casal e por meio da perspectiva de amor romântico difundida pelos discursos de pedagogização dos gêneros, começava-se a pensar no noivado. Nesse momento da relação, havia novas discursividades normalísticas que teciam a mulher em um perfil submisso e passivo, carregado de significados que seriam subjetivados, desde o ato do pai do noivo em associação ao noivo irem à casa da noiva falar com o pai da noiva demonstrava que a negociação em detrimento a vida da noiva só cabia aos homens envolvidos no acontecimento.

O pai do noivo deve dirigir-se à casa dos pais da noiva e formular o pedido ao pai da noiva. Ou a mãe do noivo, se viúva, com, a mesma alternativa no caso da viúva, com a mesma alternativa no caso de viúva ser a mãe da noiva. Não haverá necessidade de prolongar a resposta para dentro de oito dias, porque todo mundo já conhece todo mundo; a resposta pode ser imediata, mas o pai da noiva deve chamá-la e, na presença do pai do noivo, perguntará à filha, acompanhada da mãe, se deseja casar-se com o Pedro. Resposta afirmativa vale pela aceitação do pedido e chega o momento das reuniões que marcam o compromisso. O noivo, sempre que a situação o comportar, deve nessa reunião em casa da noiva oferecer-lhe um anel de noivado, que marcará o momento para os brindes ao futuro casal. (MARIA, 1958, p. 122)

Após a feitura do pedido, o pai recorria à filha para saber se a mesma tinha interesse em casar-se, é preciso inquirir como uma recusa pode ressoar na imagem da jovem “boa moça”, mesmo que se considerasse obsoleto a não consolidação do casamento após o contrato do noivado ter sido fechado, para novas relações, como essa moça seria representada e lida? Tendo já vivenciado diversas das ritualidades compreendidas ao namoro, poderia ter sua honra questionada? É, dessa forma, “perigoso”, de acordo com a literatura de normalidade, negar ao casamento, principalmente quando havia um campo de batalha a qual mulheres digladiavam-se por

um “bom partido”, cuja sororidade, conceito recente e muito utilizado na atualidade, não se fazia presente nos textos do passado Anos Dourados⁵⁰.

O anel de noivado detinha a posição de símbolo e efetivação de um compromisso oficial entre os sujeitos em processo de união. Em situação de pomposidade, o noivo podia optar por presentear sua noiva com um anel solitária que contivesse pedra preciosa, além das alianças que seriam utilizadas por ambos os cônjuges na efetividade do casamento. Considerava-se aconselhável que tanto namoro quanto noivado tivessem duração adequada, nem curta demais e nem longa, tendo em vista que a moça tivesse tempo estipulado para deixar de ser solteira, não poderia “perder tempo” com pretendente que não se comprometesse com o casamento. Assim que trocavam-se as alianças, começavam os preparativos para a celebração:

São os pais da noiva que devem custear o enxoval constante de roupas individuais e de consumo doméstico, modesto ou opulento, conforme as posses. Sendo a noiva órfã ou de família cuja situação financeira esteja abaixo da do noivo, é permitido a este ajudá-la nas despesas decorrentes do enxoval, contribuindo com importância em dinheiro e adquirindo juntos determinadas peças. Ao noivo, compete, obrigatoriamente, o problema da casa (conseguindo-a por compra ou aluguel, durante o noivado), com todo o equipamento, constante de móveis, decoração, louças e utilidades, fazendo tudo de comum acordo com a futura esposa. (MARIA, 1958, p. 95)

O enxoval ficava por conta da noiva e de sua família, tratavam-se de itens que requeriam certa “feminilidade” nos detalhes, a referência ao conceito de feminino nessa questão atrela-se ao que concerne à sutileza e delicadeza geralmente atribuídos a este sexo. Oportunidade da “boa moça” provasse suas prendas em costura e bordado, criando ela própria os itens que seriam usados na casa e pelos entes que lá residiam. Assim como, tratava-se de uma oportunidade para o rapaz provar que era “bom partido” e provedor, resolvia as questões referentes a casa e os itens necessários para o cotidiano no lar.

⁵⁰ Teço aqui um jogo de palavras, não intenciono anacronismo, acredito que esta palavra não faça parte do cotidiano das décadas de 1950 e 1960 no Brasil e na Colômbia, porém, tendo em vista a terceira onda feminista em progressão na atualidade, me aproprio deste conceito para provocar o leitor a considerá-lo na questão.

A vigilância no período do noivado já comportava certa flexibilidade por parte dos familiares da noiva, mas “sempre dentro dos limites impostos pelos hábitos e pela maior ou menor rigidez do círculo social em que vivem”. (MIRANDA, 1965, p. 122) Entretanto, havia de se ater que o noivado compreendia certa segurança aos candidatos para o enlace, neste sentido, os cuidados que se desenvolviam em prol da honra da moça permaneciam, tendo esta que garantir sua virgindade, considerando que os homens da época não aceitavam casar com mulheres que tiveram relações sexuais com outros homens antes do casamento.

As mulheres quando perdiam a virgindade antes de casarem-se costumavam guardar segredo, mesmo quando efetivavam o ato com seus pretendentes ao casamento, pois tendiam a família do noivo contrariar-se à celebração. Pureza e recato eram virtudes muito valoradas pelos homens para efetivarem o futuro enlace, em consequência disso, a honra feminina era recíproca verdadeira à virtude, o que de forma subjetiva favorecia à hegemonia masculina sobre o sexo feminino. A submissão da figura feminina ao homem correspondia, inclusive, dos direitos que ela detinha sobre o próprio corpo.

Em contraponto, ao homem era estimulado desde cedo a feitura das relações sexuais, como provação de sua virilidade, desenvolviam-se práticas educativas desde a idade mais tenra da figura masculina para provar-se o quanto era capaz, desde para aspectos vinculados a força e a virilidade, esta última provava-se por meio da quantidade de experiências sexuais com o sexo oposto, que os faziam procurar as “levianas” mencionadas acima ou prostitutas. Inclusive, recomendava-se nos manuais de condutas que em casos de traição fossem perdoados os homens, pois as aventuras sexuais não cessariam após o casamento.

Após estes apontamentos em detrimento as relações de gênero no desenvolvimento do namoro e noivado, pensemos a feitura da celebração do casamento e toda a ritualística incumbida a este evento que subjetiva papéis de acordo com os sexos. Nos anos entre 1950 e 1960 a celebração não detinha muitas diferenças a que se é realizada na atualidade, consistia no casamento civil realizado no cartório e posterior celebração religiosa, procuraremos pensar o porquê da temática ser frequentemente desenvolvida pelos manuais, levando-se em consideração as críticas e questionamentos discutidos até este ponto do texto dissertativo. Em um primeiro momento, vejamos

como eram descritas as celebrações no manual de conduta *Aprenda as Boas Maneiras*, escrito por Dora Maria.

O casamento civil deve ser realizado dois dias antes do religioso e, a este, não comparecem senão os noivos, acompanhados de seus pais e padrinhos. [...] Há, porém, famílias que preferem que os casamentos civis sejam celebrados em casa, sendo, nesta hipótese, oficiado antes da cerimônia religiosa, devendo então, os noivos comparecerem com o traje usado para igreja. De qualquer modo, todavia, só se fará recepção, após a cerimônia religiosa, podendo, em seguida ao casamento civil, ser oferecido um almoço aos padrinhos e íntimos das duas famílias. [...] O casamento religioso poderá ser realizado em cerimônia de caráter mais simples, pela manhã, após a missa. (1958, p. 99 – 100)

A celebração do casamento desenvolveu práticas educativas ao longo do tempo, geralmente se recomendava às noivas discricção, as roupas que deviam usar para o civil e religioso deveriam atender a uma normatividade para além dos ditames da moda, era preciso usar tonalidades claras, cores mais fortes como preto, azul-marinho e roxo eram terminantemente proibidas, pois fugiam do princípio a qual se pretendia inquirir, formava-se um perfil angelical para a mulher durante as celebrações, ela era a exemplificação do recato e da delicadeza. Para tanto, sobressaía conhecimentos difundidos pelos mais conservadores padrões da sociedade, geralmente calcados pela Igreja.

Até a década de 1950 era mais comum a noiva entrar primeiro na Igreja e só depois ingressava o noivo, era o modo de celebração tradicional, carregado de significados em sua ritualística, por outro lado, segundo Dora Maria em seu manual de conduta, a partir daquela época o moderno das cidades contemplava as celebrações, e o modo como estamos acostumados hoje do ritual de união ganha profusão, deste modo era o homem quem deveria esperar a mulher, a ideia da espera vivenciada na celebração exemplifica conceitos e normas da religião cristã, logo, a espera do messias, o homem era portador e disseminador da palavra, mas quando a ritualística muda, os conceitos também ganhavam novos significados, agora seria o homem quem esperaria seu “anjo” trajado de branco, digno de pureza.

O senso comum compreendia que a vestimenta branca só poderia ser usada por aquela que fosse virgem, as outras tonalidades pastéis e claras eram usadas para o caso

da moça não ser. A modernização na celebração transcende as instituições, eram espaços do sensível que atendiam a ritualísticas específicas que não costumavam ser modificados pela moda, traduziam uma verdade específica e absoluta e a defendiam ao longo do tempo. No entanto, as verdades são mutáveis, conforme o filósofo Nietzsche mencionara, a qual cabe ao pesquisador descobri-la ao máximo em sua semelhança e assimilação.

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moeda. (NIETZSCHE, 1996, p. 57)

O moderno atinge as instituições seculares, no entanto, a tradição e os significados acoplados a ela, ganhava novas formas, novas discursividades, encontravam-se meios de perpetuar o velho no novo e é dessa forma que as virtudes femininas de servidão e recato são subjetivados na ritualística do casamento moderno. José Tavares de Miranda apresenta sumariamente em qual parte da história dos sujeitos o casamento faz parte, tecendo comentário primeiramente em seu livro em detrimento ao convívio social, como apresentar-se ao Outro, das boas maneiras no comportamento pessoal, à mesa, recepções, coquetéis e revistas, são, de modo geral, os espaços que transitam os diferentes sexos e incidem regras comportamentais, em seguida, o autor destaca os convites a visitas em casa, eventos consideravelmente mais íntimos e posteriormente a troca de cartas. Só então desenvolve um capítulo direcionado ao casamento e nele as demais relações interpessoais.

Enquanto consideram-se convívios sociais e comportamentos pessoais em sociedade, há uma certa atuação dos sujeitos no cenário social, é possível representar comportamentos, desenvolver máscaras conforme os perfis ideais sugeridas pelas discursividades de revistas femininas, mas é na vida em família, após o casamento, que se conhecem realmente os sujeitos e, por isso, se fazia necessário, observar as nuances

às discursividades antes do ato do casamento, para que não se elencasse expectativas sobre um perfil almejado em detrimento ao cônjuge que não correspondia a realidade.

O fracasso de inúmeros casamentos se deve ao fato de terem mutuamente usado máscara durante os primeiros tempos, ansiosos de serem agradáveis. Esta máscara vem a constituir um hábito nos tempos de noivado e, após o casamento, não resistindo à vida em comum, tende facilmente a cair, fazendo com que os cônjuges se encarem como pessoas desconhecidas e surgindo daí todos os motivos da inevitável separação. (MARIA, 1958,p. 93)

O período predecessor ao casamento era substancial para desenvolver a vida em família após o casamento, desde o flerte, a moça podia aos poucos contornar a autonomia subjetiva ao perfil masculino com seu “jeitinho”, buscando estratégias que de forma suave transgredissem os perfis elencados, ao passo que após a consolidação da união, marido e mulher soubessem lidar um com o outro respeitando seus espaços subjetivos e sensíveis, desse modo, as próprias revistas femininas e manuais de condutas ensinavam maneiras a contornar-se a dominação masculina de modo “suave”: comportando-se com certa “amável indiferença” às representações viris no flerte e não sendo “demasiado solícita”⁵¹ aos desejos do pretendente, por exemplo.

Desse modo, em suma, conhecendo um pouco mais sobre a fomentação das subjetividades dos perfis de gêneros nas relações de poder anteriores e posteriores ao casamento, compreendemos um pouco mais como a tessitura da história deu e dá visibilidade à figura da senhora do lar. Como visto anteriormente, a modernidade trouxe consigo às cidades e departamentos brasileiras e colombianas respectivamente um modo de vida diferente, frenético, e com o desenvolvimento econômico, novos espaços foram construídos, dentre os quais, o espaço fabril. O frenesi da modernidade não acompanhava às condições precárias que vivenciava a saúde nos espaços colombianos e brasileiros, em consequência, os índices de mortalidade infantil eram altos e as senhoras do lar foram agenciadas pelos discursos médicos a disseminarem e educarem suas famílias de acordo com a discursividade medicalizante.

⁵¹ Para saber mais em detrimento as estratégias de poder nas relações pessoais, recomendo ler: PINSKY, C. B. **Mulheres do Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 7

Nesse âmbito, os arranjos familiares ganhavam novas formas. Quando manuais de condutas e revistas femininas dedicam espaço de leitura à normatividade veiculada a ritualística do casamento havia toda uma rede de interesses e propósitos nisso. Como dito anteriormente, o casamento era lido na época como fonte de felicidades para ambos os sexos, e pessoas felizes são também trabalhadores felizes que contribuiriam mais para as Nações. Em contraponto ao que se lia do amor romântico veiculado na mídia da época, que reportavam o casamento, especialmente o religioso, como ponto alto da vida de sujeitos jovens, pesquisas que serão apontados nas linhas subsequentes demonstram que os índices de casamento religioso diminuíram e a formação de novos arranjos familiares aumentaram com o passar dos anos tanto na Colômbia como no Brasil, o que nos leva a pensar no por quê disso. Levando-se em consideração a frequência discursiva da ritualística do casamento em revistas femininas e manuais de condutas, podemos compreender, inclusive, como um estímulo a norma veiculada até então que detinha uma tradição sobre as uniões afetivas.

Para além disso, em detrimento aos arranjos familiares que ganhavam novos contornos, a senhora do lar deixava e voltava ao protagonismo da história privada. Livros de bolso como os manuais de condutas eram geralmente veiculados às senhoras, acreditamos que sejam elas, portanto, as principais compradoras desse tipo de literatura, neste sentido, quando tinham em mãos todos os conselhos prescritos em um conjunto de “passo a passo” em detrimento a como se deve comportar nas etapas de relacionamento amoroso era para fomentar um modo de se relacionar considerado correto por essa literatura, porque eram elas, as senhoras do lar, as principais veiculadoras, em seu tempo, da norma, da representação e da tradição em detrimento ao casamento, ou seja, elas aconselhariam aos seus filhos a perpetuarem as ritualísticas do casamento.

Em contraponto ao amor alegre dos casamentos, os Anos Dourados colombianos e brasileiros ou também considerados anos de ouro para o mundo, foram, foscos para a instituição do casamento. O tamanho das famílias diminuiu a partir desse momento, o número de divórcios, por outro lado, aumentou, a fecundidade diminuiu também, os arranjos familiares tomavam novas formas. Os índices demonstravam que casar, diferentemente do que era enunciado em manuais de condutas, não era prioridade para a fomentação da modernidade e o crescimento das cidades e departamentos. Enquanto

que manuais de condutas elucidavam o casamento para apresentá-lo como caminho seguro para as mulheres, o frenesi da cidade dissipava novos papéis.

As revistas passaram a veicular às mulheres a não romantização do casamento, o que faz parecer ser esse um dos motivos da derrocada da instituição do casamento religioso (que ganha força ao logo do tempo) de acordo com a literatura de normalidade. Segundo Dorothy Dix na coluna “Inquietudes Femeninas” no texto intitulado “Novias, Novios” da edição de número 27 datada de novembro e dezembro de 1950 da revista Gloria, certas perguntas deveriam ser feitas aos pretendentes antes da consolidação da união.

Cuál es tu idea del matrimonio? ¿Crees que deve ser una fiesta de ternura y que yo deberé pesarme la vida diciéndote cuán hermosa y maravillosa eres? ¿Estás dispuesta a contribuir con tu corazón y tu cabeza al éxito de nuestro matrimonio, o piensas ser de esas alegres jóvenes matronas que salen todas las noches y se creen autorizadas por su nuevo estado para cometer locuras que no se atrevían a cometer de solteras? ¿Qué esperas de mí como esposo? [...] Qué clase de esposa serás para mí? ¿Estarás satisfecha de tu condición de dueña y señora de un hogar o envidiarás a las mujeres libres con un empleo o una profesión? ¿Te sentirás conforme con lo que yo pueda ofrecerte o vivirás em perpetua queja porque no gano tanto como el esposo de tu amiga? ¿Serás económica o gastadora, una compañera o un parásito em mi vida? (DIX, 1950, p. 2)⁵²

Os questionamentos acima eram aconselhados para os noivos fazerem a suas noivas. É possível inquirir algumas questões desse trecho, os modos de viver a modernidade apesar do casamento, por exemplo, quando moças “se aproveitavam” do *status* de casada e, conseqüentemente, ao se sentirem asseguradas pela instituição para

⁵² Qual é tua ideia do matrimônio? Acredita que deve ser uma festa de ternura e que eu verei passar-me a vida te dizendo quão bonita e maravilhosa és? Está disposta a contribuir com teu coração e tua cabeça para o êxito de nosso matrimônio, ou pensas ser dessas alegres jovens parteiras que saem todas as noites e se acreditam autorizadas por seu novo estado para cometer loucuras que não se atreviam a cometer de solteiras? Que esperas de mim como esposo? [...] Que classe de esposa serás para mim? Estarás satisfeita de tua condição de dona e senhora de um lar ou invejarás às mulheres livres com um emprego ou uma profissão? Te sentirás conforme com o que eu possa oferecer-te ou viverás em perpétua queixa porque não ganhou tanto com o esposo de tua amiga? Serás econômica ou gastadeira, uma companheira ou um parasita em minha vida?

“cometer loucuras” que até então não cometeriam. Mulheres não se sentiam mais satisfeitas com a “condição de dona e senhora de um lar”? A menção das solteiras enquanto “mulheres livres” é substancial para a tentativa de compreender o discurso subsequente quanto aos conselhos às noivas, a qual Dorothy Dix expõe:

La cuestion del dinero: ¿Cuánto ganas? ¿Te agrada ganar sin medida o prefieres ahorrar? Si me caso contigo, ¿tendré que vivir sobresaltada pensando que gastas en obsérquiarne un dinero que luego hará falta para pagar las cuentas del almacenero y del carnicero? ¿O manejarás lo que ganes prudentemente, ahorrando com vistas a un pasar tranquilo em la vejez? ¿Qué piensas de la posición de la esposa em el hogar? ¿Harás de mí una sócia, o una ama de llaves? ¿Considerarás que me pertence por derecho próprio el privilegio de manejar las finanzas internas del hogar, o me obligarás a pedirle cada centavo que necesite para los gastos? (1950, p. 2)⁵³

Na Colômbia, assim como no Brasil, ao passo que o casamento representava certa segurança à senhora do lar em detrimento às normatividades de honra estipulados sobre o corpo feminino ao longo da história, por outro lado, coadunavam discursos sobre esses corpos de liberdade, em que por meio de empregos atingiam à independência e a não necessidade de terem que passar pelas situações mencionadas pela Dorothy Dix no trecho acima, a qual as senhoras do lar são confundidas com governantas, em vez de sócias no exercício do matrimônio.

GRÁFICO 2: Pessoas de 15 anos ou mais de idade, casadas, segundo o tipo de união Brasil, 1960-95

⁵³ A questão do dinheiro: Quanto ganhas? Te agrada gastar sem medida ou preferes guardar? Se me caso contigo, terei que viver sobressaltada pensando que gastas em observar-me um dinheiro que logo fará falta para pagar as contas do armazém e do açougue? Ou manejarás o que ganhas prudentemente, guardando com vistas a um futuro tranquilo na velhice? Que pensas da posição da esposa no lar? Farás de mim uma sócia, ou uma governanta? Considerarás que me pertence por direito próprio o privilégio de manusear as finanças internas da casa, ou me obrigará a pedir-lhe cada centavo que necessite para os gastos?

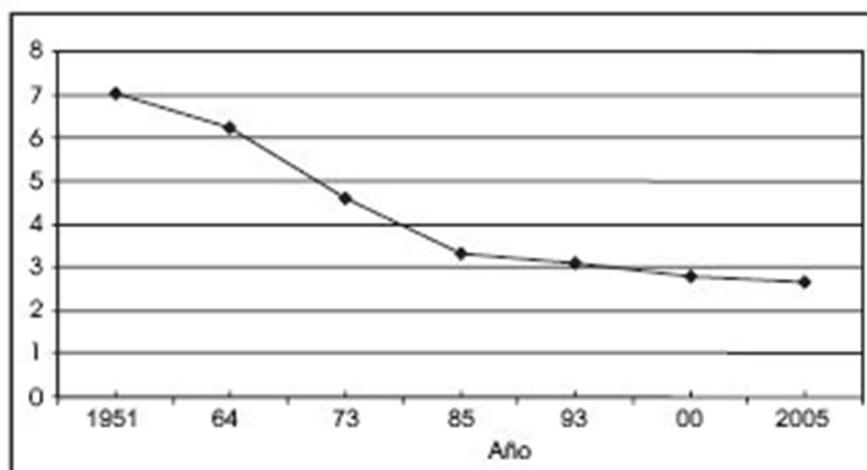
*Pessoas de 15 anos ou mais de idade, casadas,
segundo o tipo de união Brasil, 1960-95*

Tipo de União	1960	1970	1980	1991	1995
Civil e Religioso	60,5	64,6	63,8	58,0	55,0
Só Civil	12,8	14,1	16,3	18,4	17,1
Só Religioso	20,2	14,4	8,1	5,2	4,5
Consensual	6,5	6,9	11,8	18,4	23,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Fundação IBGE, censos de 1960, 1970, 1980 e 1991, e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1995.

Desta forma, por volta da década de 1960, já era possível observar uma mudança no comportamento populacional em detrimento aos enlaces, homens e mulheres passaram a demonstrarem-se cada vez menos receptivos a ideia da formalização do casamento, principalmente no que tange a união religiosa que caiu em 35 anos do índice de 20,2% para 4,5%, enquanto que a união consensual que não exige nenhum contrato ou rito formal para a efetivação do mesmo cresceu de 6,5% para 23,5%. Assim como, a união consensual pode ser pensada com relação à liberdade, tendo em vista que como não há a efetivação de um contrato, ambos os pretendentes são livres em suas ações. Os arranjos familiares colombianos também vivenciaram novos rumos, inclusive no tamanho das famílias.

GRÁFICO 3: Taxa total de fecundidade da Colômbia 1951/2005



Fonte: Com base em dados de Banguero y Cartella, Flórez.

Conforme os modos de vida tomavam novas formas, a representação das instituições, dentre as quais o casamento, também assumiam novas formas, a sociedade modificava, adquirindo novos hábitos e novas culturas, precisavam se adequar às exigências do mercado, neste sentido a iminência de arranjos familiares pomposos não era estimulado, o tempo dedicado a família diminuiria. Essa transição demográfica, cujos índices de fecundidade diminuía e os de mortalidade infantil fomentavam um quadro preocupante na década de 1950.

Em consequência, as senhoras do lar, além de serem agenciadas a ressoarem os códigos de condutas higienistas dentro do espaço da casa, também eram agenciadas em sua própria conduta a produzirem menos filhos, logo, eram protagonista da higiene no privado, mas coadjuvantes no público. Para serem protagonista do público, precisavam fazer parte dele conforme os interesses estipulados pelas políticas das Nações. Nesse sentido, ingressam nesse cenário os cosméticos, que vendiam às senhoras do lar muito mais que promessas de beleza, vendiam ideias, liberdades, trazia o público para o espaço do privado, auxiliavam às figuras femininas estratégias para a participação efetiva dos espaços por meio de uma autoconfiança mascarada.

Em sequência, comentaremos um pouco mais das estratégias possíveis de serem elencadas nas relações pessoais, principalmente na rotina do lar erigida pelas senhoras do lar, incitadas pelas revistas femininas ao que concerne à beleza, levando-se em consideração os diversos perfis femininos e as etapas discursivas entre as relações pessoais. Incita-se a pensar a posteriori no “girl power” cuja profusão começou a pouco tempo na história da América Latina, entretanto tem seu cerne desde muito tempo atrás, através de mulheres como as “senhoras de lar” que por meio de estratégias utilizadas em suas rotinas.

- **3.2 – Beleza inteligente**

O que é ser belo? Como se representam normas em detrimento a beleza? Por que ser belo? O que se ganha com isso? Tendo em vista como desenvolveu-se na história uma busca incessante pela beleza e a fomentação de padrões que estipulam certo e errado dentre modas, cosméticos e etiquetas comportamentais. As fontes pretensamente

estudados nesta pesquisa corroboraram no desenvolvimento historiográfico na tessitura de padrões nos países que fizeram parte, acertado a um modelo padrão de beleza geralmente advindo do moderno norteamericano, formou-se perfis femininos ainda mais especificados no que concerne ao adequado de beleza, de acordo com a literatura de normalidade, moldavam-se as subjetividades, mas também o externo, o corpo das mulheres. Como dito anteriormente, tratava-se de uma época que se combatia aos considerados degenerados por uma política de “melhoramento da raça”, e ser feio também era uma das características do ser degenerado.

E neste ínterim, desenvolveu-se uma ideia de felicidade em coligação à beleza, a fazer parte daquele padrão estipulado, pois beleza não estava associada apenas ao que era considerado agradável pela normatividade, estava veiculado também a saúde, inteligência, bem estar, em ser um corpo perfeito, belo e produtivo. Ou seja, possuir “o conjunto de atributos mais ou menos louváveis nos hábitos, nas atitudes, no comportamento, é que dão a cada um, caráter exclusivo, fazendo com que se coloque bem ou mal entre os seus semelhantes.” (MARIA, 1958: 147)

Ser bela, elegante, chique, deslumbrante, enfim, eram objetivos a serem alcançados pelas leitoras revistas femininas e manuais de condutas sob quais interesses? No cenário brasileiro e colombiano haviam mulheres com os mais diversos estilos de vidas, como já vimos, haviam as senhoras que trabalhavam, as senhoras do lar, a “boa moça”, a “leviana” e as prostitutas, por exemplo, dessa forma, como que a beleza era utilizada por tantos perfis que deveriam estar enquadrados às prescrições eugênicas?

É possível inquirir diversas questões na discursividade presente em manuais de condutas, tendo em vista que antes de serem um meio facilitador para um melhor modo de convivência para a sociedade, são também, o conjunto de modelos de condutas elaborados por segmentos sociais e que fomentarão segundo este modelo discursivo o que sugerem por “boa personalidade” para o segmento do país, conseqüentemente aqueles que acatam os conselhos e apropriam destes tendem ao que delimitam de “boa educação”.

Características preponderantes no jogo das relações sociais, cuja representatividade está desenvolvida em detrimento ao que se vê e o que se sente, não bastam parecer ser uma boa moça, por exemplo, deve-se portar como tal, trajar-se como

se esperava para este papel, cuidar-se e definir sua beleza sob esse molde de “modo de ser” que era normalizado.

O refinamento dos gestos, o traquejo social, o bom gosto, a personalidade bondosa e o caráter sólido eram tão ou mais valorizados pelos homens do que a própria aparência, segundo o que se podia ler explicitadamente nos artigos que indicavam os caminhos para uma conquista amorosa bem-sucedida. (SANTOS, 2011: 112)

Nesse sentido, no jogo da sedução, os valores, comportamentos e a beleza são determinados em função do olhar o outro, entretanto, não eram suficientes, nas trocas afetivas também requeria-se “personalidade bondosa”, “caráter sólido”, dentre outras características que encontravam-se nas subjetividades das relações sociais. No jogo das aparências aos quais os manuais e as revistas eram os juízes, os participantes deveriam saber jogar, desta forma estratégias eram sugeridas, não bastava apenas se embelezar por meio de maquiagens e outros acessórios, precisava-se saber ser bela e estar de acordo com os padrões que eram estipulados.

Para tanto, as senhoras do lar que detivessem dos conhecimentos que a fizessem atingir o que era considerado para a época o ideal de beleza (interno e externo) teriam consigo estratégias suficientes para agirem a seu favor nos trâmites do cotidiano do lar, conquistariam, deste modo, a admiração das pessoas que as circunscrevessem. Como garantiu Simón Berard no texto intitulado “La Belleza Femenina” da coluna “Normas de Belleza” da revista Gloria, edição de número 29, difundida no período de março e abril de 1951.

Dos puntos inciden en el maquillaje del rostro, que son originalidad y embellecimiento. Em algunos casos se prefiere solamente la primera y se llega em este afán hasta el sacrificio del segundo. Por eso lo ideal no es buscar un maquillaje tipo, sino el que mejor convenga a las facciones, confiriendo al rostro mayor realce y viveza, y un encanto más fresco. [...] Y hasta el dibujo de la boca, conforme a la tendencia de pintarla em su extensión suavemente, favorece el conjunto. Estos estudios de retoque y arreglo del rostro ejecutados sobre fotografías suelen hacerlos las estrellas de

la pantalla y los buenos maquilladores, ya que permiten una crítica y una enmienda más firme y exacta. (BERARD, 1951, p. 32)⁵⁴

As mulheres, no geral, como dito acima, precisavam ser originais⁵⁵, era preciso demonstrar saúde, inteligência, ser saudável para não serem consideradas degeneradas, isso proporcionava a ideia de que seriam boas mães futuras e garantiam o prosseguimento saudável da Nação, levava-se em consideração que os modelos de corpo e de formato de rosto entre as mulheres eram distintos, em consequência, o que evidenciava a beleza de uma moça alta, podia dar um aspecto de desleixo a uma moça mais baixa, e assim por diante. Seguir os ditames da beleza era uma tarefa arduosa, Dora Maria propõe a seu leitor um modo mais fácil de atingir este objetivo, em que o sujeito seja homem ou mulher adotaria com mais vigor as boas maneiras se nele fosse encontrado uma certa característica específica:

Há uma qualidade pessoal capaz de, não apenas facilitar os meios de “cura” das citadas deficiências, mas, ainda, de modificar inteiramente o aspecto das mais embaraçosas situações: a Alegria. A alegria, que pode ser manifestada por um simples sorriso, ajuda-nos a viver em sociedade e muitas vezes – ajuda a viver felizes os que vivem sozinhos. (MARIA, 1961: 150)

Em uma explicação ao leitor expondo quais eram as práticas de convivência que mais faziam mal as pessoas, Dora Maria cita várias, dentre as quais “falsa humanidade”, “soberbia”, “indiscrição” e “falta de vontade”, compreendidas no manual *Aprenda as Boas Maneiras* como “deficiências”, estas características deficientes comprometiam o bem-estar da sociabilidade. No entanto, como solução a essas ditas deficiências, Dora

⁵⁴ Dois pontos incidem na maquiagem do rosto, que são originalidade e embelezamento. Em alguns casos se prefere somente a primeira e se chega neste afã até o sacrifício do segundo. Por isso o ideal não é buscar uma maquiagem tipo, senão o que melhor convenha às facções, conferindo ao rosto maior realce e vivacidade, e um encanto mais fresco. [...] E até o desenho da boca, conforme à tendência de pintá-la em sua extensão suavemente, favorece o conjunto. Estes estudos de retoque e arranjo do rosto executados sobre fotografias normalmente fazê-los as estrelas da tela e os bons maquiadores, já que permitem uma crítica e um emenda mais firme e exata.

⁵⁵ A originalidade, de acordo com a discursividade da revista *Gloria* consiste no ser diferente, ou seja, haviam padrões estipulados em detrimento a beleza, mas era preciso ousar, não fixar-se exclusivamente ao que era dito para os corpos, estar ciente das nuances de cada corpo e o que elucida os pontos considerados mais bonitos dos corpos.

Maria compreendia que a alegria fazia bem não só a quem praticava, como também a quem recebia. Tornava as situações vividas mais fáceis para ambas as partes, em suma, se trata de uma forma simples de começar a aprender a tratar o outro.

A beleza, em consequência disto, era muito mais do que se era exposto no corpo, também concernia aos sentimentos, ao que está por dentro. Uma mulher feliz, é uma mulher bela. Uma mulher que estivesse feliz com a sua vida, estaria feliz com seu corpo e produziria mais para a Nação, seja ela colombina ou brasileira. Dessa forma, pensar a etiqueta era muito mais do que vivenciar regras de conduta pré-determinadas de como agir em diversas situações; etiqueta era primeiramente intrínseca, subjetiva, os manuais e as revistas ajudavam ao leitor indicando possíveis soluções, modelos de conduta, enfim, que por outro lado, não determinam ou modificam personalidades.

A sabedoria que envolve os conhecimentos no campo da beleza detinham especificidades referentes às cores, era preciso saber quais escolher que sobressaíssem à figura feminina sua beleza e sua saúde, logo, para cada perfil feminino e modos de ser, de acordo com as idades, estações do ano, perfil físico, dentre outros aspectos haviam cores pré-determinadas. Deveriam as mulheres saber quais os cosméticos que estavam em ascensão, quais deviam ser usados para cada ocasião e de que forma, mas, sob quais interesses? Indicar saúde por meio da beleza, expressar que se faz parte de um padrão eugênico, era preciso para chamar a atenção dos outros, sejam eles do sexo oposto ou não, em uma época que os índices de mortalidade eram altos e os arranjos familiares ganhavam novos contornos, quando a senhora expressava saúde, era um ponto inicial para a formação de uma família saudável e potencialmente próspera para o prosseguimento da Nação, logo ao pretender-se chamar a atenção do Outro, o Eu feminino precisaria discretamente elucidar certos potenciais no seu corpo ou se se quisesse esconder alguma imperfeição. A respeito da idade, Tavares de Miranda aconselhava:

São sempre os mais. Em casa, um vestido adequado à estação, que deve também ser apropriado à figura que o veste, sua idade, etc. Uma senhorita ou senhora jovem deve buscar cores alegres, vestidos próprios de pessoas jovens. A mulher de idade deve fugir do extremos, isto é, nem usar roupas de velhas, nem vestir coisas que sómente ficariam bem para sua filha. Reagir contra o passar dos anos é natural, é humano, é mesmo necessário nas

senhoras que têm a ventura de viver além dos 40, dos 50... Mas reagir em termos, com inteligência, com discrição. (MIRANDA, 1965, p. 157)

A felicidade conduzida pela beleza muitas vezes era negada às senhoras do lar sob determinadas circunstâncias:

Nenhuma senhora tem o direito de impor ao marido, logo ao despertar, a figura de um monstro eriçado de canudos, desuntado de creme, verdadeira “intocável” que lembrem o avêso dos cenários teatrais. Essa complicada técnica deve ser relegada para as horas da manhã em que a senhora esteja só, ou para o recesso dos gabinetes dos salões de beleza. As solteiras, evidentemente, podem dar-se ao luxo de dormir assim, mas não devem, porque se habituam. As que ocupam quartos separados, estão nas mesmas condições. Mas a grande maioria deve desde logo firmar êsse princípio: a mulher veste-se também para o marido. Não tem, por isso, o direito de só em público aparecer adequadamente trajada. E a obrigação de vestir-se de acordo com as circunstâncias inclui tanto o cuidado de ir a uma recepção quanto o capricho para recolher-se ao leito. (MIRANDA, 1965, p. 155-156)

Se caso a senhora costumeiramente embeleza-se para seu marido, acabava por tornar-se uma obrigação, permanecer bela seja no ambiente privado ou no público. Por que somente cuidamos de nós mesmo a partir da preocupação com a verdade que o Outro tem de nós? Era preciso manter sempre acesa a chama do amor conjugal, mediante a época do progresso, cuja atenção estava voltado ao campo do trabalho, as famílias se reduziam, principalmente as cidadinas, não havia mais a disponibilidade de ter muitos filhos e deter atenção para com a família, neste sentido, o amor, mesmo quando já se era formalizada a união, tornou-se campo de batalha a qual a senhora do lar precisava digladiar contra as outras atividades que chamavam a atenção do marido, novamente a beleza era elucidada e usada como estratégia de acordo com os projetos políticos progressistas das Nações.

Desde então, os manuais de embelezamento ganharam um aspecto mais pragmático do que seus antecessores. No lugar de ter páginas escritas sobre modelos de beleza do passado grego ou sobre os problemas morais, os novos livros dirigidos às mulheres consagravam um grande número de páginas aos ensinamentos de como manter a linhas, embelezar a cútis, cuidar dos cabelos e da higiene. (SANT’ANNA, 2013, p. 111)

Na América Latina, mais precisamente nas décadas entre 1950 e 1960, homens e mulheres em seus cotidianos, de acordo com o frenesi dos tempos modernos, mergulhavam-se sob a influência do “novo”, viviam uma nova cidade, cada vez mais agitada e corrida; isto deveu-se a muitos fatores já mencionados neste texto, dentre os quais, o crescimento populacional e dos centros urbanos, posteriormente ofereciam uma maior oferta de serviços, lojas comerciais e opções de lazer. Nesse cenário, a cintura fina, pernas grossas, quadris largos, mãos e pés pequenos e delicados, seios e nádegas fartos, na época aqui pretensamente estudada, este era o perfil feminino adequado em detrimento às questões físicas, era o perfil considerado saudável, e o seu contrário, degenerado.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, a mídia, especialmente o cinema, voltara a estimular esse ideal feminino, antes disso haviam um chamamento da figura feminina ao mercado de trabalho para que os homens pudessem participar com mais intensidade da guerra, em consequência, a discursividade a respeito da figura feminina na época da guerra assumira novos traços emergenciais. Pós-guerra a mulher volta a focalizar parte importante da atenção do homem, em consequência, a erotização da mesma por parte da mídia volta ao vigor, ao estímulo do sexo e do matrimônio para perpetuação da espécie (considerando as baixas nos números populacionais pós o evento mundial) e à produtividade em prol do desenvolvimento da Nação.

Em suma, as senhoras que já ocupavam cargos nos espaços de trabalho nas cidades, também tinham sua atenção voltada ao corpo “violão”, novamente eram convidadas a atingirem a perfeição física em prol de formarem futuras uniões com seus cônjuges, principalmente mediante a necessidade neste cenário de modernização, sob as perspectivas difundidas pelas “máquinas tecnológicas de informação e de comunicação” (GUATTARI, 1994) e das normas “vários outros contos começaram a ilustrar mulheres belas, sobretudo porque não eram donas de casa, dependentes do marido. Diante delas, que pareciam manequins saídas de uma capa de revista, a beleza das outras corria o risco de parecer feiura” (SANT'ANNA, 2014, p. 116).⁵⁶

⁵⁶ Nessa perspectiva, as famigeradas *femme fatales*, apareciam com certa frequência e traziam consigo novidades às mulheres das décadas entre 1950 e 1960, dissipavam discursos sobre conhecer e mostrar mais de sua sedução depois de virem a tona personagens como *Marylin Monroe*, que a posteriori levariam

Nesse sentido, os manuais de boas maneiras explicavam modos considerados elegantes, chiques e bonitos às senhoras sem necessariamente precisarem recorrer ao exagero expostos nos folhetins dos artistas que faziam sucesso na época, por meio da cortesia, qualquer pessoa, que segundo Dora Maria, “será notada, seja pobre ou rica branca ou preta, moça ou velha.” (1961, p. 31) Desse modo, fazer parte do projeto desenvolvimentista da época era mais fácil, ser bela era possível, estar além do que era considerado degenerado também, não se era preciso nascer com a beleza estipulada pelo padrão, era possível representá-la. A apresentação e representação do sujeito é substancial para a subjetivação do belo, posteriormente, “o cuidado nas roupas é de grande importância: se você usa uniforme, traga-o sempre limpo e bem-cuidado, verificando sempre a falta de botões.” (1961, p. 31)

Beleza, de acordo com as normas desses manuais, está intrinsecamente veiculada a higiene e a saúde. Os cuidados de si nos manuais de conduta geralmente são primeiramente veiculados a higiene, visto que, a apresentação de uma pessoa cuja atividades higiênicas estivessem em dia, causariam uma boa impressão ao outro, e conseqüentemente, a boa impressão estaria vinculado nos manuais ao ser belo. A ausência do belo, na época, era apropriada a ausência do cuidado de si, e conseqüentemente a degenerado, de não se ter sorte por nascer fora dos padrões,

à fama mulheres como *Twiggy* e *Mylène Demongeot*, esta última, inclusive, afirmou: “não é mais importante para o público ver uma estrela sensual e glamourosa, imaculadamente bem arrumada com todos os fios de cabelo no lugar certo. Odeio os cabelos penteados de modo artificial”. (apud, SANT’ANNA, 2014, p. 111) Deste modo, os padrões de beleza sofriam alterações recorrentes: As carnudas estrelas da década de 1950, como *Marilyn Monroe*, *Sophia Loren* ou *Anita Ekberg*, foram substituídas, na década de 1960, por criaturas esqueléticas. Para modelos como o de *Twiggy*, uma inglesa sardenta e seus epígonos: *Kate Moss*, *Claudia Schiffer*, entre outras. (DEL PRIORE, 2000, p. 89) No Brasil, a década de 1950 deu visibilidade às vedetes, desta forma eram chamadas as atrizes que se sobressaíam no teatro de revista, e que posteriormente, eram os grandes símbolos de beleza, *Anilza Leoni* foi uma delas, assim como *Carmem Verônica*, consideradas como uma das mais belas e cobiçadas moças do país. Manter-se bela na década de 1950, principalmente para aqueles que faziam parte da juventude de classe média da época nos espaços urbanos, caracterizava-se pelo estilo *sex appeal*, que em outras palavras significa um modo mais confortável e prático de se vestir, de certa forma “rebeldes sem causa” mascando chicletes e possuindo um vocabulário cheio de gírias e expressões da língua inglesa (provavelmente repercussão do sucesso do *James Dean*), o perfil exigido pela moda da época ia em determinados momentos contra o exagero, inclusive quanto aos produtos de beleza.

associado a não ter saúde (pois saúde e beleza na época eram consideradas em aliança, formando um só), mas também era compreendido pela falta de sensibilidade.

A feia seria entendida como alguém incapaz de se contentar com a própria vida, discernir seu charme e tirar proveito dos seus dotes. [...] Beleza se tornava o resultado de um empreendimento pessoal dependente de uma escuta dos próprios sentimentos. Se essa escuta fosse acurada e se a mulher fosse empenhada e disciplinada, a feiura teria sempre alguma solução. (SANT'ANNA, 2014, p. 113)

A escuta de si feriam os silêncios mencionados no primeiro capítulo desse texto, dissimulavam as tensões explicitadas no capítulo dois, escutar a si era um cuidado desenvolvido sobre o próprio Eu, na década de 1960 a psicanálise da vazão a este conhecimento: ouvir-se e, posteriormente, difundia-se nos manuais. A autovalorização dava a beleza novos contornos, tendo em vista que ao longo da história, as práticas educativas em detrimento ao belo preocupou-se na relação do Eu e do Outro.

Por exemplo, no mercado de trabalho, o cuidado de si, atentando-se ao belo, deveria ser dobrado. Dora Maria para essa questão aconselhava o seguinte: “As moças apresentam-se no escritório, usando saia e blusa, sem artificios exagerados de maquiagem e não penteadas como se fossem a uma festa.” (1961, p. 35) Nesse caso, não era porque se tinha dinheiro para comprar mais revistas femininas e manuais de condutas que se devia apresentar frequentemente e demasiadamente embelezada por eles, no trabalho, a conduta deveria ser séria, inclusive ao que se correspondia à maquiagem, principalmente pelo fato de que lidavam com a presença masculina constante e para, desse modo, reduzirem os olhares sedutores sobre elas.

Dessa forma, Dora Maria aconselhava: “Moças e senhoras que desempenham funções fora de casa, lembrem-se disto: seu local de trabalho deve ser encarado apenas como tal e assim como o eu próprio lar, merece o máximo de respeito, demonstrando por conduta irrepreensível diante de seus chefes e colegas.” (1961, p. 35) A beleza aqui estava veiculada as subjetivações dos outros sobre os corpos femininos, não necessariamente, a da mulher e o seu próprio desejo pelo belo para si, para sentir-se bonita. No espaço de trabalho as relações pessoais são causa principal, pois nesse espaço, as figuras femininas deviam se preocupar constantemente com as impressões que causariam aos seus companheiros de trabalho e a seu chefe, não se tratava, dessa

forma, de maquiar-se para ir bonita ao trabalho, mas de maquiar-se para causar uma boa impressão aos companheiros.

E não se diga que a mulher que trabalha, a que suporta pesados encargos domésticos, a que cuidar dos filhos, não tem tempo para pensar nisso. Em geral, se não encontrar meia hora por dia para dedicar-se aos cuidados de beleza, longe do marido, êste acabará tendo tempo para pensar em outras mulheres. Desde que se admite que a raça dos maridos é obrigada a sustentar o lar e portanto deve ausentar-se durante muito tempo para cuidar da montagem do “cenário” que apresentará ao mundo e ao marido, sem que êste obrigatòriamente tenha assistido às origens da transformação. (MIRANDA, 1965, p. 156)

As propagandas destinadas às senhoras do lar nos Anos Dourados lançavam novos discursos, da fuga do avental que seria destinado às empregadas domésticas, aquelas senhoras eram traçadas por um perfil “sempre branca e bem arrumada, sorria, mostrando-se adepta dos novos eletrodomésticos coloridos, práticos e fáceis de usar” (SANT’ANNA, 2014, p. 113), não se admitia desculpas para ser feia, não havia falta de tempo que desse conta do descontentamento do marido ao ver sua senhora inapta aos padrões do belo, concedendo-lhe “desculpas” para pensar em outras mulheres. Ser branca, era primordial, atendia aos preceitos eugênicos de que branco era bom, era saudável, em detrimento ao preconceito sobre a etnia negra.

As normas estipuladas sobre os corpos femininos em detrimento ao espaço do trabalho (seja ele público ou privado) eram rígidos, “à mulher não se admite em qualquer hipótese o menor descuido relacionado ao seu corpo ou às suas vestes, seja no trabalho, ou fora dele.” (1961, p. 31) Mediante a pressão sobre os corpos femininos em detrimento aos cuidados de si, os cosméticos de beleza emergiam com discursos promissores e milagrosos, como produtos de conquista e inovação advinda da modernização, e logo mais, com a frequente divulgação desses produtos na mídia, eles se tornariam uma necessidade para as mulheres da década de 1950, atentando-se aos cuidados necessários ao manuseá-los.

Não é a roupa que diminui a idade, pois uma mulher em plena maturidade pode possuir uma aparência de adolescente, se tiver um rosto jovial, sem o exagero de pintura que vulgariza a pessoa, um corpo ereto, uma voz agradável, um andar natural, ao passo que uma mocinha parecerá realmente

envelhecida, se usar pintura nos olhos e nos cabelos e modelos demasiado avançados para a sua idade. (MARIA, 1961, p. 148-149)

Por meio dos jogos de palavras, entre um conselho e outro, dissipava-se padrões. O “rosto jovial”, por exemplo, remete novamente à questão da felicidade mencionada acima, a qual, uma mulher feliz, era uma mulher bela, e o belo era saudável, jovem, cheio de vida e ação, conseqüentemente, era produtivo; a vulgaridade era tema recorrente dentre as preocupações dos manuais de condutas, era aconselhado como adequado fugir das impressões *sex appeal* difundidas pela mídia, pois imprimiam impressões de “levianidades” tão veemente contestada nos capítulos concernentes à formação da família e casamento.

A despeito da postura ereta, assim como o “andar natural”, remetia-se ao cuidado de si e da representação que se faz de si mesmo na relação entre o Eu e o Outro, a autoconfiança estabelecida em olhar pra frente no posicionamento ereto causa valorização do Eu pelo Outro, que é um dos objetivos discursivos nestas fontes, além de que representavam superioridade que fazia parte pelas regras estipuladas pelo projeto eugênico; a “voz agradável” correspondia a cortesia, uma mulher que soubesse se posicionar sem a necessidade de aumentar a voz, aparentava gentileza e cordialidade, seria sempre bem-vista pelos Outros.

A pudicícia implícita nas normas recomendadas, em detrimento aos cuidados para com os excessos, demonstrava a linha tênue entre o cuidado para consigo mesma que a mulher deveria ter e a modernização advinda das máquinas tecnológicas de informação e de comunicação, sendo assim, não poderiam deixar de usar a maquiagem, pois a feiura já se considerava injustificável, como dito acima, mas também não poderia usar-se em excesso, tendo em vista a questão da vulgaridade, e, conseqüentemente, para não ferir a moral e os bons costumes da sociedade brasileira segundo *Aprenda as Boas Maneiras*.

Em consequência disso, caberia à mulher, aderir à moda da forma mais aconselhável: “Obedecendo a estas pequenas normas, onde quer que esteja colocada em idade, estado social e financeiro, a mulher contribuirá com sua boa aparência para que se destaque em personalidade, no seu meio.” (MARIA, 1961: 149) Destacar-se principalmente pela personalidade e não pela aparência também era um dos objetivos

discursivos dos manuais de condutas em contraposição às discursividades midiáticas, a figura feminina era instigada por aqueles textos a provarem seu valor mediante à “boa educação” e bons modos.

Nesse sentido, aquele que lia os manuais de conduta, já possuía suas representações acerca de pudor, moda, etiqueta, etc., entretanto, após a leitura, certos conceitos preestabelecidos poderiam sofrer rupturas ou serem ainda mais cristalizados. O conhecimento permitia ao leitor reinventar-se, “trocar de pele”, desenvolver conceitos e questionar outros. Em face dos assuntos aqui destacados, podemos pensar essa questão utilizando um exemplo em especial: em detrimento a moda, Dora Maria aconselhou a melhor forma de vestir-se, mas não no sentido de qual moda estava em vigência naquele período específico em que o manual de conduta fora escrito, mas ao que se concernia sobre o jeito de se vestir, de que se deveria pensar nisso e não meramente seguir as tendências:

Já o elemento feminino, se obriga a obedecer inúmeros outros detalhes, pois comumente são as mulheres escravas da moda. Mas, entretanto, a uma mulher inteligente, não se permite adotar qualquer característica da moda, pois os feitios, as tonalidades e as colocações, variam de acordo com cada tipo. (idem, 1961, p. 148)

Na imagem subsequente Dora Maria potencializou seu argumento por meio de um exemplo modelo do que se poderia considerar uma “mulher inteligente”. Caberia ressaltar neste texto imagético uma série de indícios sobre o que manuais de condutas consideravam como belo, era possível contemplar a vestimenta da senhora, sua postura, o modo pelo qual ela prendia o lenço em sua cabeça, a forma pela qual ela posicionava as mãos, o jeito a qual segurava a bolsa, todas essas observações remontam a elegância que a mulher brasileira deveria se ater. A impressão da boa educação, bons modos e da boa performance discursada em manuais de condutas faziam circular a impressão de etiqueta e refinamento. Haja vista que, os “cuidados de beleza, estão ligados aos de ordem e disciplina pessoal, pois da reunião dos mesmos resulta a mulher elegante”. (ibdem, 1961, p. 149)

IMAGEM 3: Mulher inteligente



FONTE: MARIA, Dora, 1961, p. 46.

A ordem e disciplina pessoal correspondiam ao refinamento dos gestos, a gentileza e ao recato, a doçura exemplificada nos traços da jovem, de feição serena enquanto fazia compras, protegendo sua graça por um lenço envolta de sua cabeça, traduziam comportamentos desejados e competiam com a mídia cujo discurso imagético era outro. A mulher que gastava dinheiro com futilidades, nos manuais de condutas, também poderiam ser a mulher autônoma de si que trabalhava para poder gastar, era a mulher que exprimia beleza por agir com inteligência, dissuadindo aos Outros para o que desejava. Semelhante exemplificação do belo também era possível inquirir no manual de conduta Boas Maneiras e outras maneiras de José Tavares de Miranda:

IMAGEM 4: O desdém das emoções alheias



FONTE: MIRANDA, 1965, p. 157

Levando-se em consideração de que se tratava de um texto escrito por um homem, ou seja, uma escrita masculina sobre o corpo feminino que estava arraigada de conceitos subjetivados durante toda a vida do autor concernentes à masculinidade e virilidade, era possível observar um semblante de autoconfiança na senhora exemplificada no texto imagético acima, o interesse da senhora exemplificada era seguir seu caminho e não necessariamente ser observada pelos transeuntes, detinha um porte de segurança, expressava serenidade e tranquilidade, o modo como segurava a bolsa demonstrava certa delicadeza e pomposidade, era possível inquirir até certo ponto de desdém na leitura das emoções.

A moda, neste discurso trazido pelo Tavares de Miranda estava nos detalhes, novamente não se seguia tendências, tratava-se do conhecimento inteligente de como se vestir, o que optar para imprimir elegância na relação do Eu com o Outro, incidem algumas joias, pouca apresentação da pele, tendo em vista que a blusa não possuía decote, era plausível pensar que talvez seja pela idade que esta senhora representada vinha a ter. A saia tinha um comprimento adequado segundo a literatura de normalidade para apresentar-se em público sem ferir os pudores dos mais conservadores. A moda servia para chamar a atenção e era delimitada para ocasiões específicas, como explica o autor:

O grande momento chega à noite. Para sair com o marido, rumo a um teatro ou recepção, a mulher atavia-se com o que de melhor possuía. Sem chapéu, sempre salto alto, bolsa, luvas quando couberem no círculo em que vive. A norma continua a ser aquela que desde o início constitui a tônica desta conversa entre amigos: nada que esteja fora dos hábitos, nada forçado, nada que cause espécie no círculo em que se vive. O momento supremo, porém, é o sarau, a recepção de gala. Para as que frequentam tais reuniões, tudo que haja de melhor, mais fino, mais rico. São em geral, senhoras que têm à sua disposição modistas célebres, gênios dos alfinetes, e que por isso mesmo dispensam a opinião do Tavares de Miranda. Vamos prosseguir, portanto. (MIRANDA, 1965, p. 131-162)

José Tavares de Miranda dispensa-se do exercício de aconselhar aquelas que detinham de certo poder aquisitivo tendo em vista que já eram senhoras constantemente aconselhadas por ícones bem recomendados pelos discursos desses manuais de condutas, a preocupação consistia especificamente sobre aquelas que ficavam a mercê da mídia, da moda exemplificada sob o critério da modernidade, seguindo tendências e que muitas vezes iam de encontro com os preceitos morais das boas maneiras. Levadas a considerarem cores que segundo a literatura de normalidade não cabiam às situações ou a apresentarem-se vulgares em demorado, sem questionar o uso de itens de acordo com a idade, enfim.

É necessário o máximo cuidado com as côres, os enfeites e os acessórios e os perfumes. No setor das côres, use as que estão na moda, se o deseja. Mas nunca mais do que três, evitando combinações berrantes de verde-vermelho-amarelo, sempre com a precaução de ter uma côr básica, no máximo duas, e a terceira ser apenas um detalhe, um “vivo”, um enfeite. E a norma, naturalmente, não se aplica aos estampados, que, se bonitos, podem ter mais côres do que um quadro moderno. (MIRANDA, 1965, p. 165)

Resultava-se à exclusão de boa recepção da figura feminina àquelas que não atendessem as normas e conselhos erigidos pelos revistas femininas e manuais de condutas: as degeneradas. Ser sujeitada a solidão era pertinente segundo a discursividade destes textos, se uma mulher que pretendia adentrar a um novo espaço seja o de trabalho ou os espaços de lazer, mas que não soubesse comportar-se como a sociedade dissuadida pelas boas maneiras exigia, logo, seria excluída dos grupos de conversa, do bom olhar das outras perante sua imagem, a boa senhora teria o “dever” de portar-se elegantemente acaso quisesse ser bem requisitada e, para tanto, precisava

seguir as normas. Tendo em vista que, “obedecendo a estas pequenas normas, onde quer que esteja colocada em idade, estado social e financeiro, a mulher contribuirá com sua boa aparência para que se destaque em personalidade, no seu meio. (1961, p. 149)

IMAGEM 5: Embelezar-se



FONTE: MIRANDA, 1965, p. 161

O uso dos cosméticos, assim como das joias e demais itens de beleza deveriam auxiliar a senhora em sua compreensão de beleza para que atenuassem seus pontos fortes, se caso a senhora tivesse um belo rosto, deveria procurar chamar atenção para a parte de cima de seu corpo, fazendo uso de maquiagem, colares e brincos extravagantes e um penteado armado, como sugerido na imagem acima, isto dependendo da ocasião para qual se participaria, não eram todas as senhoras que detinham acesso a todos esses atributos facilitadores da beleza, principalmente porque nem todas as senhoras da época eram abastadas financeiramente, o que nos levam a crer que esses textos da literatura de normalidade, apesar de não assumirem, eram escritos para mulheres de classe média alta ou acima disto, eram mulheres consideradas nobres que precisavam se destacar em sociedade, seriam símbolos de saúde e beleza.

José Tavares de Miranda mencionou em seu texto que escrevia para aquelas que não tinham acesso aos seus próprios ícones da beleza da época e que, portanto,

precisavam de um guia em formato de livro de bolso, então poderiam não ser as senhoras mais ricas que tinham acesso a esse tipo de literatura, mas eram senhoras, provavelmente, que detinham de certa comodidade financeira pelo que se é possível inquirir por meio dos discursos imagéticos presentes nesses manuais. Logo, as tendências buscavam ousadia, mas na maquiagem aconselhavam-se transparência e naturalidade. Como dito por Simón Berard no seu texto já mencionado anteriormente intitulado “La Belleza Femenina” divulgado na revista Gloria.

Como antes se procuraba solamente color em el maquillaje, actualmente se busca la transparencia, como el efecto más sorprendente. El cabello que durante mucho tiempo también se teñía em profusión, se lo cuidará ahora, pero conservando su tonalidad natural y confiriéndole brillantez. Ya la cabellera químicamente tratada pasará de moda y los teñidos serán em su mayoría de origen casi vegetal lo que evidentemente redundará em su beneficio. Si gracia y flexibilidad son la divisa de la mujer moderna, es natural que los ejercicios físicos sean practicados como uno de los medios de defender la primera y adquirir la segunda. La gimnasia está especialmente indicada para aquellas jóvenes o señoras propensas a la obesidad. (BERARD, 1951, p. 37)⁵⁷

O discurso estabelece mais nuances específicas em detrimento às recomendações de beleza nos Anos Dourados, vejamos por partes. A beleza era exemplificada em detrimento à naturalidade⁵⁸ como descrito acima, nesse sentido, delimitavam-se conselhos não só referentes a maquiagem como também ao aspecto do cabelo, as atrizes de Hollywood anteriormente apresentavam-se muito artificiais, desde o posicionamento das sobrancelhas muito arqueadas, como também no rouge em exagero que segundo as revistas femininas em detrimento ao cinema diziam que o rouge dissimulava uma

⁵⁷ Como antes se procurava somente cor na maquiagem, atualmente se busca a transparência, como o efeito mais surpreendente. O cabelo que durante muito tempo também se tinha em profusão, se o cuidará agora, porém conservando sua tonalidade natural e conferindo-lhe brilhante. Já a cabeleira quimicamente tratada passará de moda e os tingidos serão em sua maioria de origem quase vegetal o que evidentemente vai refazer em seu beneficio. Se graça e flexibilidade são a divisa da mulher moderna, é natural que os exercícios físicos sejam praticados como um dos meios de defender a primeira e adquirir a segunda. A ginástica está especialmente indicada para aquelas jovens ou senhoras propensas à obesidade.

⁵⁸ O texto exemplificava o natural de acordo com a suavidade no uso dos cosméticos, fomentando um aspecto de saúde, pouco aparentando o uso destes itens.

aparência de falsa saúde, mas que segundo as revistas femininas, em verdade causavam um acúmulo de pós que se agrupavam nas regiões que costumam ficar mais suadas e, posteriormente, a maquiagem desmerecia.

Os cabelos tingidos ainda são muito usuais na atualidade, para diversas finalidades, dentre as quais mudar a aparência, rejuvenescimento, ser aceita por grupos sociais comprometidos com movimentos esteticamente específicos, dentre outros. O que nos leva a inquirir o porquê que a tintura do cabelo passara por momentos de desagrado na história? Tendo em vista as diversas promessas de beleza que já foram apontadas e cuja permissividade se fazia possível por meio da tintura. O trecho mencionado acima da edição 29 da revista Gloria, cuja matéria intitula-se “A beleza feminina” escrito por Simón Berard traçava alguns apontamentos, dentre os quais, um movimento que crescia na Colômbia em prol do natural e não uso de materiais químicos (isto em plena época desenvolvimentista).

Para além disso, defendia-se a bandeira em prol da ginástica, tanto no Brasil quanto na Colômbia. Ser bela estava vinculada à boa forma do corpo. Vinculados a vivacidade, fazer exercícios físicos tecia à imagem da mulher o cuidado de si, amor a si e ao próximo, contribuía ao flerte (mesmo que não se diga primordial na discursividade direta, nas entrelinhas, o corpo feminino faz diferença na batalha pelo bom partido). Nesse sentido, “a presença do bucho na imprensa é envergonhada diante das musas que têm os homens a seus pés. A aparição do bucho já foi um contraponto à beleza, em piadas, canções populares e na literatura de cordel. Sempre vistas como estraga prazeres, pobres-diabos, tão feias que mal parecem mulheres.” (SANT’ANNA, 2014, p. 99)

Dessa forma, os manuais de conduta eram, modos de expressão da linguagem e de pensamento, estatutos desencadeadores de verdades, dos modelos de conduta, eram, portanto, produtos materiais da mediação entre as realidades pessoais e sociais. Não somente os manuais, como também a mídia e propaganda, vitrines de lojas de moda, os eletrodomésticos, todos os produtos que acompanharam a modernidade, podiam ser compreendidos como remodeladores do comportamento, remodeladores dos novos tempos.

Acompanhou a invenção do batom, em 1925, do desodorante, nos anos 50, cortou o cabelo *à la garçonne*, gesto sacrílego contra bastas cabeleiras do século XIX. O aprofundamento dos decotes levou a aderir à depilação. O espartilho, graças ao trabalho feminino nas fábricas, diminuiu e se transformou em *soutien* para possibilitar uma maior movimentação dos braços. “Manter a linha” tornou-se um culto. A magreza ativa foi a resposta do século à gordura passiva da *belle époque*. O *jeans* colado e a minissaia sucederam, nos anos 60, ao erotismo da mão na luva e das saias no meio dos tornozelos característicos dos anos 20. Com o desaparecimento da luva, essa capa sensual que funcionava ao mesmo tempo como freio e estímulo do desejo, surgiu o esmalte de unhas. (DEL PRIORE, 2000, p. 9-11)

Mary Del Priore resumiu os novos ditames alcançados pela história da moda, o que era passado e modificou-se para o presente. O que a mulher ideal deveria utilizar para ascender sua beleza? As mulheres eram frequentemente convidadas pelos discursos midiáticos a conhecer os novos padrões de beleza, adequando seus comportamentos às necessidades da sociedade de consumo emergente. Consequentemente, “menos do que um dom, a beleza foi interpretada como o resultado de uma conquista individual, um trabalho que não tem hora nem lugar para começar ou para acabar.” (SANT'ANNA, 2014, p. 119)

A história da beleza perpassa a história da mulher no seu encontro com o trabalho fora de casa, transmitindo assim, à boa senhora meios de se posicionar diante de seus colegas de trabalho sem perder a classe e a feminilidade, visto que para fazer parte de espaços considerados masculinos a figura feminina deveria deter e transmitir força e autonomia, mas se faz preciso para tanto perder a feminilidade? Pelo contrário, ao longo da história, mulheres foram requisitadas nos espaços para substituírem os homens, como no caso da Segunda Guerra Mundial em diversas regiões do mundo a qual teve sua força braçal masculina utilizada para a guerra, como também mulheres foram requisitadas por serem mulheres, por serem necessárias em suas feminilidades, visto que para determinados trabalhos as características geralmente atribuídas ao sexo feminino fazem a diferença, por exemplo, paciência, sutileza, graça, enfim, causam paz e tranquilidade a espaços de estresse.

Logo, as mulheres que decidiam enfrentar a vida do mercado de trabalho, deveriam preparar-se para enfrentar uma alta carga horária, tarefas menos

especializadas e a mau remuneração. Passavam por muitas situações hostis, desde a variação salarial, intimidação física, desqualificação intelectual e assédio sexual. A mulher que trabalhasse poderia representar uma ameaça a honra feminina, principalmente as operárias que eram as mais mal vistas. Para além de todas essas questões rotineiras do mercado do trabalho que atingiam ambos os sexos, as mulheres precisavam apresentarem-se belas, exigência esta que não acometia as figuras masculinas.

Desse modo, a discursividade das fontes desenvolvedoras de normatividade tinham um propósito: que as mulheres fossem belas inteligentemente, de modo que fizessem prosperar a Nação. Usar da inteligência não só para o conhecimento da moda em si e saber usá-la, mas para fazer dela estratégia nas relações de poder, enaltecendo a feminilidade, da autovalorização e autoconfiança. Que as mulheres usassem dos ditames referentes a beleza a seu favor. Que pudessem “trocar de pele”, reconstruindo-se, relendo-se, buscassem novos conhecimentos para si, novas ideias, não prendendo-se a uma verdade fincada nos discursos disseminados na sociedade.

Como já colocara Sennett, “independência e autonomia só despertam quando há alguma impureza, dificuldade e obstrução, como partes da sua própria experiência. [...] O corpo só se torna vivo ao lidar com dificuldades e superá-las.” (SENNETT, 1994, p. 254) Diante de todas as dificuldades condicionadas ao corpo feminino simplesmente por se ser mulher, desde complexidades que poderiam ser atribuídas ao campo do trabalho, às submissões constantemente vivenciadas nos casamentos, as boas condutas expressadas nos manuais faziam transitar modos de fugir e transgredir dessa realidade hostil para gradualmente construir um modo de conviver, com certo espreito, creditando a possibilidade à figura feminina de fazer parte do padrão, encarada como saudável para posteriormente ser boa mãe e dar prosseguimento a Nação. A elegância feminina e a conduta impecável, sempre atrelada a higiene, à sutileza e a alegria, permitiriam o bom convívio em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a estudar as senhoras do lar foi pensando no fato de serem figuras frequentemente esquecidas, negligenciadas pela história, como se não fossem agentes importantes para o desenvolvimento da Nação, meu objetivo seria, portanto, provar o contrário, não posso afirmar se consegui, deixo as impressões ao leitor, mas o que posso proferir é sobre a trajetória vivida até aqui e desenvolvida em escrita que foi de muita sensibilidade, tanto a pesquisa em si requisitou a revisitação de conceitos que constantemente eram metamorfoseados, como também precisei me visitar aos meus próprios conceitos desenvolvidos culturalmente ao longo da minha vida.

Para pensar os sujeitos é preciso considerar as multiplicidades, as vicissitudes, é preciso enquanto escritora, pesquisadora e historiadora, me colocar no lugar desses sujeitos, pensar como seria viver aquelas normas estipuladas naqueles contextos específicos de uma época específica como as décadas de 1950 e 1960, como seria se eu fosse uma senhora do lar em países que desenvolviam políticas específicas para os seus desenvolvimentos, é pensar como foram construídos socialmente esses sujeitos propostos a serem pesquisados e a partir daí, definir como eles deveriam aparecer nesta pesquisa.

Como se é possível inquirir, não se trata de uma tarefa simples, tampouco fácil. Por isso, resolvi experimentar de espaços de falas subjetivos nas minhas fontes que faziam ressoar os códigos comportamentais mais comuns arrolados ao corpo das senhoras do lar, nesse sentido, ao que me pareceu em um primeiro momento é que se tratavam de espaços de silêncio, corpos sem voz, corpos para experimentação, que poderiam ser moldados a uma norma preestabelecida por outros corpos e instituições. Outro aspecto comum arrolado a senhora do lar nesses textos é o da maternidade, ao que me pareceu nos discursos, era comum às escrituras sobre o espaço privado a assunção da família, em consequência, era subjetivo na literatura que a senhora “precisava” ser mãe para a fomentação disso, e mais uma vez as mulheres eram espaços de silêncio, naturalizadas ao “ser” e não ao “querer”.

Subentende-se que norma é fechada, está estabelecida uma regra e não pode ser subjetivada. Por exemplo, em uma receita de bolo, a regra é clara, devem se usar certa quantidade de ovos, farinha, manteiga, etc. Se o indivíduo que prepara a receita quiser modificá-la e acrescentar ou diminuir os ingredientes, estará conseqüentemente modificando o modo de fazer e fugindo do procedimento padrão, ou seja, da norma. De maneira semelhante compreende os discursos que fomentam códigos de condutas, aqueles que não seguem as prescrições são alçados ao patamar da transgressão, desse modo, pensar uma época partindo do princípio a norma é levar em consideração a violação. Figuras desenvolvidas discursivamente pelo silêncio são também veiculadoras de normas e transgressões, foram fundamentadas ao longo de suas vidas por normalidades e perpetuam ensinamentos, em contraponto ao silêncio, elas detêm voz ao disseminar as normas.

Em um momento posterior da pesquisa, pensei no outro ponto, daquele que havia certa luminosidade, ao que parecia que finalmente os silêncios seriam quebrados, o ato de se apresentar e poder ser visto através dos espaços naturalizados como femininos, a beleza está discursivamente entrelaçada ao ser feminino, questão que vem sendo questionada e ganhado novos pressupostos na atualidade.

Norbert Elias no seu texto intitulado *O processo civilizador*, analisa as prescrições de civilidade desenvolvidas por Erasmo de Rotterdam no texto *A civilidade pueril*, Elias percebe que foram lacunas na história da sociedade europeia de 1530 que permitiram e impulsionaram Rotterdam a escrever as normas, desse modo, é possível concluir que a literatura de normalidade é prescrita mediante às rupturas que ocorrem na história cultural das sociedades, em relação a isso, as normas estudadas nessa pesquisa foram desenvolvidas em momentos específicos da história colombiana e brasileira, momentos de ruptura com o velho e de reconhecimento do cenário em detrimento ao novo, um momento de lacunas políticas cujas normas sociais ajudariam à população a retomarem seus papéis no prosseguimento da história das Nações.

E é nesse ínterim que a senhora do lar pode ser reconhecida como personagem substancial na resolução das lacunas da história de seus países, tendo em vista que ao serem figuras naturalizadas no decorrer da história enquanto dóceis, fraternas e apaziguadoras, desenvolveram funções na apropriação e dissipação das literaturas de normalidades. Quando a História ocupa-se de dar vazão a apenas personagens

específicos, como os grandes heróis ou os grandes nomes que figuraram momentos que frequentemente estão escritos em livros didáticos para conhecimento geral, nessa mesma circunstância, outras figuras também importantes são desmerecidas, e em consequência, tem suas funções vistas como inferiores e que pouco influenciaram no desenvolvimento da história de seus países. O que nos leva indagar é se por acaso essas figuras não estavam lá quando todas as lacunas aconteciam e se apenas uns poucos personagens ajudaram a construir e crescer a terra que vivemos.

A sociedade leitora estava acostumada a ver nos livros de histórias um olhar específico dos acontecimentos, que geralmente era a perspectiva masculina dos grandes heróis, homens escrevendo sobre outros homens. O intuito dessa pesquisa, portanto, foi de analisar a história sob uma outra perspectiva, em um gesto já traçado por muitos historiadores desde a Nova História Cultural, como a Michelle Perrot que escrevera *Os excluídos da história*, por exemplo, a qual pretendeu-se nessa pesquisa questionar a figura da senhora do lar para além de como ela é mencionada nos textos de história, não como uma figura passiva, mas sim como uma agente potencial no percurso dos gestos e das normas, transformadora de si e do espaço que a circunscreve.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano da vida nua. Tradução Henrique Burigo, 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ARAÚJO, Eronides Câmara de. **Homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2016.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo, Posfácio Celso Lafer, 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Disponível em: <<https://mega.nz/#F!c8FFACJB!udliVwBZgMzx0-0i4dNpUQ>>. Acesso em 12/05/2017.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Disponível em: <<https://mega.nz/#F!c8FFACJB!udliVwBZgMzx0-0i4dNpUQ>>. Acesso em 12/05/2017.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito entre a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)>. Acesso em: 16/08/2017.

BIOGRAFIA – James Dean. Disponível em: <<http://www.jamesdean.com/about/bio.html>> Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

CAPUTO, Ana Cláudia; MELO, Hildete Pereira de. A industrialização brasileira nos anos de 1950: uma análise da instrução 113 da SUMOC. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 513-538, Set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612009000300003>. Acesso em: 03/08/2018.

DELIASSUS, Jean-Marie. **O sentido da maternidade**. São Paulo: Paulinas, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**: curso no Collège de France (1983-1984). trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. IN: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 258-280.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estud. av.**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02/12/2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade Vol. 2**: O uso dos prazeres. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978/1979). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4111324/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar%20e%20punir%20I%20e%20II.pdf>. Acesso em: 11/04/2018.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1994.

HRDY, Sarah Blaffer. **Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução**: maternidade e seleção natural. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1999-2001.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita, Revisão Técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWN, Eric J. **Tempos Fraturados**: Cultura e sociedade no século XX. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KALMANOVITZ, Salomón, LÓPEZ, Enrique. **La agricultura colombiana en el siglo XX**. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2005. Disponível em: <<http://avalon.utadeo.edu.co/comunidades/grupos/salomonk/ensayos/Aspectos%20de%20la%20agricultura%20colombiana%20en%20el%20siglo%20XX.pdf>>. Acesso em: 20/08/2017.

LOURO, G. L. O cinema como pedagogia. IN: LOPES, E. M. T., FARIA FILHO, L. M. de, VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARIA, Dora. **Aprenda as Boas Maneiras**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1961.

MIRANDA, José Tavares de. **Boas maneiras e outras maneiras**. São Paulo: Bestseller, 1965.

MOULIN, Anne Marie. **O corpo diante da medicina**. In: COURTINE, Jean-Jacques. (Org.). História do Corpo: As mutações do Olhar. O século XX – Vol. 3. Petrópolis: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: Ensaios de Biopolítica. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

RAMIREZ, E. D. M. Educação de lo sensible: tras la huellas del pensamiento de Miche Foucault. Revista Colombiana de Educación, N. 63. Segundo semestre de 2012. Bogotá, Colômbia.

REZENDE, Antonio Paulo. **A modernidade eu modernismo**: Significados. Série História do Nordeste, Recife, v. 1, n. 14, 7-24, 1993. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/821/669>>. Acesso em: 10/07/2017.

ROMERO, Mariza. **Medicalização da saúde e exclusão social**. São Paulo: EDUSC, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre bela. IN: PINSKY, C. B., PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus Problemas**: Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezense da Década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Traduzido por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%Aa%20neros-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 12/09/2016.

SINGER, Paul, CAMPOS, Oswaldo, OLIVEIRA, Elizabeth M. de. **Prevenir e Curar**: o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1981.

STEVENS, C. M. T. **Maternidade e Feminismo**. Diálogos Interdisciplinares. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres e EDUNISC, 2007. v. 01. 253p.

STEVENS, C. M. T. **O corpo da mãe na literatura**: Uma ausência presente. Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, 2007. ILHÉUS: UNSC, 2007.

Disponível

em:

<<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CRISTINA%20MARIA%20TEIXEIRA%20STEVENS.pdf>>. Acesso em: 08/02/2018.

VELLOSO, Monica P.; PESAVENTO, Sandra J. **História e Linguagens**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.